



Vingança DECLARADA

LIVRO 1 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

SARA ESTER





Vingança DECLARADA

LIVRO 1 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

SARA ESTER

Vingança DECLARADA

LIVRO 1 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

S A R A E S T E R

Copyright© 2021 Sara Ester

Capa: Laís Maria

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com fatos é mera coincidência

VINGANÇA DECLARADA

Livro 1 — CONTRATO DE CASAMENTO

Sara Ester

1ª Edição

Dezembro — 2021

Imbituba — SC/ Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível

ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SINOPSE

Se tinha algo pelo qual Enzo Miller era completamente apaixonado, além de sua vida e seu trabalho, era por sua ex-namorada, Louise. Por mais que a maneira como o relacionamento deles terminou tivesse sido dramática, Enzo jamais perdeu a esperança de tentar reatar o laço que os dois compartilhavam, pois, o amor pela sua garota continuava intacto, ano após ano.

Apesar de toda mágoa, Louise Davis precisava se esforçar ao máximo para não transparecer que ainda era loucamente apaixonada pelo único homem que amou, mas que destruiu seu coração. Ela não estava disposta a ceder, sobretudo, perdoar Enzo por não ter cumprido as promessas que fizera quando lhe jurou amor.

Entretanto, uma proposta inusitada fora posta à mesa; a oportunidade perfeita de vingança que Louise sempre almejou depois de tudo.

O que acontece quando amor e vingança se misturam?

Sumário

[SINOPSE](#)

[Capítulo Um](#)

[Louise](#)

[Capítulo Dois](#)

[Louise](#)

[Capítulo Três](#)

[Enzo](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Louise](#)

[Dias depois](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Enzo](#)

[Duas semanas depois](#)

[Capítulo Seis](#)

[Louise](#)

[Capítulo Sete](#)

[Enzo](#)

[Capítulo Oito](#)

[Louise](#)

[Capítulo Nove](#)

[Louise](#)

[Uma semana e meia depois](#)

[Capítulo Dez](#)

[Enzo](#)

[O grande dia](#)

[Capítulo Onze](#)

[Louise](#)

[Capítulo Doze](#)

[Enzo](#)

[Capítulo Treze](#)

[Louise](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Enzo](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Enzo](#)

[Dois meses depois](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Louise](#)

[Uma semana depois](#)

[Flashback](#)

[Fim do flashback](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Louise](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Enzo](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Louise](#)

[Alguns meses depois](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Enzo](#)

[Semanas depois](#)

[Epílogo](#)

[Enzo](#)

[Seis meses depois](#)

[FIM](#)

[ACOMPANHE OS OUTROS LIVROS DA SÉRIE:](#)

[SINOPSE do Livro 2](#)

[SINOPSE do Livro 3](#)



Capítulo Um

Louise

Fazendo uma retrospectiva da minha vida até ali, eu conseguia ver que boa parte das coisas que sonhei na infância se concretizaram.

Ainda menina, ser uma advogada era uma das minhas maiores idealizações de vida, considerando que meu pai se tornou um profissional consagrado nessa profissão o qual acabou se transformando em minha paixão. Então, lutei para conquistar meu espaço, lutei para garantir meu futuro, sozinha, sob meu próprio esforço.

E consegui.

Ali, admirando os detalhes da sala do escritório em que eu trabalhava como uma das advogadas oficiais do grupo, eu sorria sentindo meu coração quentinho. Essa era a única parte do meu dia que eu me permitia sorrir, a única parte que eu me sentia cem por cento.

Meu telefone tocou abruptamente na minha mesa, fazendo-me dar um pequeno pulinho de susto, considerando que não estava esperando.

— Merda! — resmunguei, massageando meu peito onde o coração batia acelerado.

Inspirei profundamente antes de pegar o aparelho.

— O que foi, Ingrid? — Atendi minha estagiária. Verifiquei o horário no relógio pendurado na parede logo acima da porta.

— *O senhor Enzo está aqui fora pedindo para vê-la, senhorita.*

Meu coração parou uma batida nesse momento.

Tirei o aparelho do ouvido, pressionando-o em meu peito enquanto praguejava baixinho.

Automaticamente, minha mente começou a imaginar possíveis fugas, mas não havia como escapar, já que a sala tinha apenas uma maldita porta. E conhecendo aquele desgraçado como eu conhecia, sabia que Enzo não sossegaria enquanto eu não aceitasse conversar com ele, fosse o que fosse o assunto.

Sendo assim, inspirei fundo, me preparando para enfrentar aquela fera, uma fera, cujas garras já me feriram tanto que as feridas ainda sangravam.

— Deixe-o entrar, Ingrid — declarei no fim das contas. — Depois disso pode ir para casa. Encerramos o expediente por hoje.

Dizendo isso, desliguei o aparelho.

Ajeitei minha postura, forjei meu rosto na rotineira máscara de indiferença e frieza, e esperei.

Segundos intermináveis depois, ouvi uma batida na porta.

— Entre — falei apenas.

Ignorei as sensações adversas que abateram meu corpo; ignorei a maneira como meus olhos idiotas se arrastaram pelo corpo elegante, mas que eu sabia ser repleto de músculos por trás daquele terno feito sob medida. Como uma viciada, não resisti ao desejo de inspirar aquele perfume que eu conhecia tão bem, embora não quisesse. Eu o odiava por ainda ter tanto domínio sob minha mente, sob meu corpo.

Não me dignei a levantar da minha cadeira, muito menos a cumprimentá-lo.

Apenas continuei sentada, girando em minha cadeira enquanto o observava se aproximar da mesa. Os olhos pareciam com os de uma águia pronta para dar o bote.

Eu precisava de muito esforço para conseguir encará-lo sem fraquejar.

— Olá, Louise. — Saudou-me, estendendo-me sua mão, a qual ignorei de imediato. Suspirou em frustração — Sempre tão receptiva... — ironizou, fazendo-me rolar os olhos. Ele pegou o assento na poltrona de frente a mesa.

— O que quer? — Fui direto ao ponto, o encarando com olhos semicerrados.

Enzo voltou seu olhar para o meu, e por um segundo me permitiu visualizar seu tormento interno. Ou talvez eu estivesse visualizando coisas que não existiam. Era difícil acreditar nele, em tudo o que vinha dele.

— Acredito que você já deve ter escutado a notícia de que meu avô está prestes a se aposentar — comentou, me encarando de um jeito minucioso.

Balancei a cabeça, assentindo, mas me esforçando para não parecer interessada.

Assim como eu, Enzo também era advogado, porém, trabalhava no segundo grupo de advocacia que abrigava aquele

enorme prédio. Ao contrário da minha situação, Enzo trabalhava em família, com seu avô sendo o presidente.

Ele me esperou fazer qualquer comentário, como não o fiz, bufou, visivelmente chateado.

— O argumento dele é de que já está cansado e precisando descansar.

Olhei para minhas unhas grandes e perfeitamente cuidadas. Eu podia sentir os olhos do Enzo em mim, mesmo que eu não estivesse o encarando com igual interesse.

— Pelo menos agora você terá o que sempre quis — comentei no fim. Finalmente ergui meus olhos para os seus, tão intensos naquele tom azul-claro. — Ocupará a cadeira principal do grupo.

Por um momento, permanecemos nos encarando sem nada dizer. Entendi que ele estava se lembrando do nosso passado, não tão distante assim; um passado em que estávamos juntos, planeando... sonhando com um futuro em que tudo o que importava éramos nós dois.

“Eu nunca vou mentir para você”, ele dizia.

Infelizmente, mentiu.

— Louise...

— Não ouse! — o cortei, sabendo exatamente o que ele ia dizer. Meu coração voltou a acelerar, pois, nossa história pareceu dançar ao nosso redor, deixando claro que o sentimento ainda estava ali... espreitando. — Já se passaram dois anos, Enzo. E eu já superei — menti.

Mordi o cantinho interno da boca num esforço para continuar firme no lugar quando ele se inclinou sobre a mesa, buscando minhas mãos, que fiz questão de encolher para que não conseguisse tocá-las.

Bufou, contrariado e... entristecido.

— Mas eu não superei — expôs, me encarando nos olhos com a mesma intensidade de sempre. Ali, tão perto, seu perfume se tornou mais acentuado. Desejei puxá-lo contra mim para beijar aqueles lábios cujo sabor eu ainda me lembrava tão bem...

— O problema é seu! — revidei, continuando a fingir indiferença, embora todo meu corpo estivesse fervendo com sentimentos adversos. Nervosa, me coloquei de pé. — Afinal, o que quer? Se não percebeu, estou de saída e...

— Preciso da sua ajuda — disse num rompante, se colocando de pé também. Parei onde estava, me apoiando na parede atrás de

mim. Foi impossível disfarçar o acelerar da minha respiração quando ele se aproximou. — Ao contrário do que pensa, meu avô não pretende passar a liderança do grupo para mim, mas para meu tio. — Arqueei as sobrancelhas, espantada com sua declaração. Percebendo meu espanto, ele complementou: — Ele me deu uma missão. E se eu tiver êxito nela, então a liderança será minha.

Franzi o cenho.

— E que missão é essa, afinal?

Nesse momento, ele pareceu bem mais nervoso do que quando começamos a conversar. Respirei mais calma quando ele se afastou, permanecendo alguns segundos de costas para mim.

— Eu devo me casar — respondeu de uma vez.

Pisquei, absorvendo e assimilando suas palavras.

O choque deu lugar a raiva, seguida pela tristeza de sempre.

Mordi o maxilar, enquanto pegava minha bolsa, chaves e celular.

— Acredito que a vadia da sua prima deve estar radiante com a notícia — resmunguei, passando por ele de modo a sair da sala. Eu precisava sair de perto dele, ou acabaria sucumbindo.

Travei o ar quando sua mão se fechou em meu braço, na altura do cotovelo.

— Quantas vezes terei de dizer que nada daquilo aconteceu, *Lou*? — murmurou em tom sofrido, fadigado. — Foi um engano, eu não fiz nada. Eu juro.

Meu rosto se tornou sombrio.

— Felizmente meus olhos não me traíram — repliquei, sentindo o fel em minha língua. — Eu vi, Enzo. — Respirei forte, sentindo minha respiração áspera devido às lembranças que tomaram minha mente. Sacudi a cabeça, querendo espantar aquela imagem dos meus pensamentos, pois só me causava dor.

— Case-se comigo! — pediu abruptamente, assustando-me.

Voltei a piscar, sem acreditar naquele pedido.

De repente, comecei a rir, ainda incrédula com o que acabara de ouvir.

— Você só pode ter batido a cabeça.

Dizendo isso, me soltei do seu toque e continuei seguindo para a porta de saída.

— Adeus, Enzo.

Entretanto, mais rápido do que previ, o idiota se atravessou na minha frente, barrando minha tentativa de fuga. O ar se tornou denso, e tudo o que minhas narinas sentiram foi aquele perfume.

— Sei que nas atuais circunstâncias você esteja preferindo me ver na merda, e sendo chutado no traseiro diariamente — disse, e arqueei as sobrancelhas, concordando com um aceno de cabeça. — Mas... veja bem — pausou, respirando um pouco. Seu nervosismo era aparente. — Você sabe o tanto que eu lutei por aquele escritório; estava comigo, *Lou*. Você acompanhou meu esforço. O Charles vai colocar tudo a perder — referiu-se ao tio — Ele vai destruir tudo o que meu avô construiu.

Respirei fundo e soltei o ar, devagar.

— Isso não é problema meu — fui dura. — Deixou de ser desde o dia em que nós terminamos. E o único motivo que ainda o recebo aqui depois de tudo o que me fez, é a educação. Então, por favor, saia da minha frente.

Ele ameaçou me tocar, mas me afastei rapidamente, como um gato escaldado.

Deixou os ombros tombarem, derrotado.

— Por favor, *Lou* — insistiu. Meu coração sangrava um pouco mais cada vez que o ouvia me chamar dessa forma, apelido que deu a mim na época em que namorávamos. — Eu faço qualquer coisa... qualquer coisa. — Seus olhos estavam desesperados. — Meu avô disse que eu preciso provar que sou digno de assumir aquela cadeira.

— E para isso precisa se casar? — rebati, incrédula. — Isso é ridículo. Com todo respeito, mas seu avô deve ter batido a cabeça também...

Visualizei um resquício de sorriso em seus belos lábios, mas foi algo breve.

— Foi uma ameaça — persistiu. — Meu avô sabe o quanto amo aquele escritório, mas tem medo de que o trabalho me consuma ao ponto de eu não construir uma família. E ele diz que não quer me deixar sozinho quando falecer.

Permaneci em silêncio, o encarando. Sopesando as opções. Cruzei os braços.

Nossa história voltou a brilhar em minha frente, fazendo meu coração doer pela maneira como tudo terminou entre nós. Ele não

merecia nada bom que viesse de mim. Aquele idiota merecia se ferrar.

Apesar disso, me peguei dizendo:

— Por quanto tempo?

Surpresa e alívio tomaram seu rosto, pecaminosamente bonito.

Respirou fundo, talvez ainda em choque por eu estar cogitando aceitar fazer parte daquela loucura.

— Um ano — respondeu com a voz um pouco engasgada, enquanto me olhava, analisando minhas reações.

Estalei os lábios, pensativa.

Desviei os olhos dele, embora pudesse sentir a força do seu olhar sob mim. E eu odiava o quão afetada isso me deixava.

— Um ano é muito — revidei, com uma careta.

— Mas é que...

O interrompi:

— Seis meses! — exclamei, endireitando os ombros. — E quero seiscentos mil dólares — decretei, deixando-o chocado com minha proposta mais insana ainda. — Cem mil dólares por mês. —

Foi minha vez de analisá-lo. Seus olhos me mostravam um misto de sentimentos, mas eu podia jurar que a mágoa se sobressaía. — E não teremos nenhuma intimidade, apenas em público quando for necessário.

Esperei ouvir uma contraproposta... esperei ouvir seus argumentos infalíveis, visto que eu conhecia sua obstinação muito bem. Todavia, incredulidade tomou meu rosto quando o ouvi dizer:

— Tudo bem, eu aceito. Aceito sua vingança declarada contra mim. — O ar abandonou meus pulmões. — Vamos fazer isso — reiterou.

Pisquei, sem acreditar.

Sacudi a cabeça, me esforçando para entender em que eu acabara de me meter.

— Ok — foi apenas o que consegui dizer.

Apontei para a porta que ele estava barrando, num pedido mudo para que saísse da minha frente.

Eu necessitava sair dali o quanto antes.

Sem eu esperar, ele abriu a porta para mim.

— Juro que você não vai se arrepender de me dar essa chance, *Lou* — soprou, voltando a me segurar pelo braço quando

tentei passar por ele.

Meu ar estava escasso.

— Não estou te dando chance alguma, Enzo — corrigi. — Só aceitei ajudá-lo, porque odeio seu tio tanto quanto odeio a vadia da sua prima. — Meus olhos se semicerraram. — Mas não misture as coisas. — Gesticulei entre nós.

Voltei a me afastar depois que me soltei do seu toque. Porém, parei, retornando minha atenção a ele.

— E pare de me chamar de Lou — pedi. — Isso é esquisito. — Entortei os lábios ao fazer uma careta.

Continuei meu caminho, direcionando-me para o elevador.

Enzo decidiu não me acompanhar no elevador aberto, mas parou na frente conforme as portas ameaçavam se fechar.

Contudo, antes de se fecharem completamente, ouvi sua voz:

— Até mais, *Lou*. — Sorriu lindo.

Fechei a cara na mesma hora, o odiando.

Odiando que ele ainda me conhecia tão bem ao ponto de saber como me afetar. Odiando que ele parecia conhecer meus pontos fracos.

E o pior, odiando saber que ainda o amava.



Capítulo Dois

Louise

— Ele não vai parar de te importunar, você sabe disso, né? — comentou Olívia enquanto se jogava em meu sofá após ter preparado uma panela cheia de brigadeiro para nós duas. — Conhecendo meu irmão como conheço, você está fodida. Ele não desiste, *Lou*. Nunca!

A encarei, respirando fundo conforme revirava os olhos diante de seu comentário. Eu desejei retrucar e dizer que Enzo já desistira de nós dois há muito tempo, no passado, mas optei pelo silêncio mesmo.

Na verdade, Olívia era minha melhor amiga há anos, antes mesmo de eu decidir namorar seu irmão. E, felizmente, nossa amizade não mudou quando meu relacionamento com ele acabou.

— Eu não sei o que fazer — argumentei, estalando os dedos de maneira nervosa. Encolhi meus pés no sofá, me ajeitando melhor. — Isso é loucura. — Gesticulei no ar, tentando encontrar

sentido em tudo aquilo. — Enzo e eu nos casamos depois de tudo o que houve é loucura. — Esfreguei o rosto querendo amenizar a sensação de frustração. — Onde raios eu estava com a cabeça quando aceitei fazer parte dessa merda?

Ouvi sua risadinha.

— Não faço a menor ideia, mas admito que não queria estar na sua pele — comentou, enfiando uma colherada cheia de doce na boca.

Suspirei com certa indignação e peguei a panela das suas mãos.

— Você não está sendo uma boa amiga, *Oli* — reclamei, arrancando-lhe um sorriso. — Deveria me ajudar a sair dessa enrascada, mas ao invés disso fica reafirmando o quanto estou fodida.

Ela ligou a televisão, se deitando com a cabeça em meu colo.

— Pois pare de ser fraca perto do meu irmão — decretou. — É simples!

Respirei fundo, desejando esganá-la.

Afundi a colher no doce e, em seguida, a levei até minha boca, me deleitando com a textura leve e deliciosa na minha língua.

As notificações em meu celular, do meu servidor de e-mail, continuavam a apitar insistentemente. Desde que Enzo me fez a proposta de casamento, há quatro dias, eu estava fugindo dele; ignorando suas visitas e suas tentativas de contato. Como eu bloqueara seu número em meu celular, a única forma de ele falar comigo era através do e-mail, ou indo em meu escritório, mas bloqueei a entrada dele lá também.

De repente, tive minha atenção desviada do visor do celular, onde os e-mails do Enzo continuavam chegando, e encarei o rostão risonho da Olívia em meu colo.

— Fico imaginando a cara daquela vadia da Karen quando souber da novidade — comentou, entre risos, referindo-se a prima que eu odiava com todas as forças. — A vagabunda não para de ficar em cima do Enzo a cada oportunidade.

Não pude disfarçar a carranca.

— Não entendi o porquê ele não fez o convite para ela então... — entortei os lábios, embora fingisse indiferença. — Os dois formam o casal perfeito.

— Ah, Louise, é sério? — Voltou a se sentar, me encarando com as sobrancelhas arqueadas. — Você não acredita nisso. Não

acredita nessas palavras.

Enchi a boca de brigadeiro.

— Só sei que seu irmão vai acabar comigo como já fez uma vez — resmunguei de boca cheia. — Melhor continuar me mantendo longe, assim resguardo meu coração.

Olívia suspirou baixo, parecendo cúmplice da minha dor. Na época do acontecido entre seu irmão e eu, *Oli* estava fora do país, fazendo um curso; então, ela não presenciou toda confusão. Todavia, nem sequer pestanejou em ficar ao meu lado. Com um histórico trágico de relacionamentos, Olívia não passava pano para macho, nem este sendo o próprio irmão.

— Vou te falar uma coisa — disse, massageando meu ombro e me encarando com seriedade. Me preparei para o que ela tinha a dizer: — Eu se fosse você... — pausou de um jeito dramático — pensava apenas no dinheiro que vai ganhar, e mandava o resto *pra* puta que pariu!

Rolei os olhos, sacudindo a cabeça, sem acreditar no que ouvia. Sua risada inundou o ambiente.

— Ué! Nem faça essa cara de chocada. — Bateu em minha perna, ainda rindo — Não fui eu quem cobrou seiscentos mil do

idiota.

Tentei segurar a vontade de rir, mas foi impossível.

— Você não presta mesmo! — Comentei, sacudindo a cabeça.

De repente, fomos interrompidas por um toque a campainha. Ainda rindo, deixei Olívia no sofá e fui até a porta para atender quem quer que estivesse ansioso para me ver.

Assim que abri, a cor abandonou meu rosto quando visualizei a pessoa do outro lado, no corredor, me encarando com a mesma obstinação de sempre.

— Você está fugindo de mim — acusou, com os olhos semicerrados.

Abri a boca para retrucar, mas perdi o fio da meada devido ao nervosismo.

Ouvi Olívia me chamando, mas minha atenção fora roubada completamente pelo seu irmão.

— Ei? Não me ouviu te chamar? Eu perguntei quem está... — se calou quando pousou os olhos no irmão mais novo — Ah, é você, *pirralho*?! — Fez cara de impaciente. Enzo franziu o cenho, incomodado.

— Também te amo, irmãzinha. — Ironizou, avançando os passos para dentro da minha casa sem eu tê-lo convidado.

Olívia apenas resmungou para ele, enquanto se aproximava de mim.

— Boa sorte — soprou no meu ouvido antes de estalar um beijo em minha bochecha. Foi tão baixo que tive dificuldade de entender.

— Você deveria ficar do meu lado, sabia? — reclamou Enzo, quando Olívia passou por ele, parado perto da porta. — É isso o que irmãos fazem.

Oli deu uma risada incrédula.

— Vai sonhando, *pirralho*, vai sonhando... — esfregou a cabeça dele, fazendo-o resmungar devido à bagunça que ela fez em seus cabelos perfeitamente alinhados.

Olívia e eu morávamos no mesmo prédio e, praticamente éramos vizinhas de porta.

Depois de ela se despedir de nós dois, Enzo tomou a iniciativa e entrou de uma vez em meu apartamento como se fosse o dono, e, em seguida, fechou a porta atrás de si.

Cruzei os braços, incomodada com sua presença ali.

— Eu não o convidei para entrar — decretei com a expressão fechada.

— Você não me deu alternativas, *Lou* — argumentou ele, fazendo questão de me chamar pelo apelido. — Qual o problema? Se arrependeu de ter apertado minha mão no acordo?

Rangi os dentes.

— Não queira ouvir meus arrependimentos, Enzo — resmunguei, sacudindo a cabeça. — E pense o que quiser, mas acredito que devemos manter as coisas do jeito que estão.

Passei por ele, seguindo para a cozinha.

— Manter as coisas do jeito que estão? — retrucou ele, me seguindo. Fui direto para o armário de modo a pegar um copo, pois sentia minha garganta seca.

— É, Enzo — rebati, me servindo com água fresca. — Nos manter distantes. De preferência com você bem longe de mim. — Levei o copo a boca, adorando a sensação de frescor em minha língua.

Enzo apoiou as mãos na cintura, parecendo tenso com minhas palavras. Nesses poucos segundos, observei suas roupas; o terno

em tom azul-marinho destacava seu corpo malhado, de músculos perfeitos. Os cabelos bagunçados deram-no um ar de descolado.

— Isso significa que você está levando esse acordo para o lado pessoal... — observou, chegando mais perto. — Mesmo tentando agir como uma megera, ao me cobrar uma fortuna para me ajudar com meu avô, você está com medo. — Notei um brilho intenso tomar conta de seus olhos azuis. — Está com medo de perceber que...

— Que o quê, Enzo? — cortei, irritada com a maneira como ele me encarava.

Visualizei seu sorriso.

— Que nossa história ainda não acabou. — Aumentou o sorriso.

Entornei o restante da água num gole só, precisando desesperadamente de uma distração.

— Está com medo de descobrir que todo esse ódio... — gesticulou para mim — é apenas mágoa. Mas, no fundo, vai ver que ainda me ama.

— Cala a boca! — exclamei, furiosa. — Você não merece sequer um mísero pensamento meu, Enzo. Não depois do que me

fez.

Notei que minha declaração o magoou, mas ele disfarçou bem.

— Então prove! — decretou. — Prove que consegue cometer essa loucura comigo. Prove que consegue estar ao meu lado, fingindo ser minha esposa. Seis meses, *Lou*. Apenas seis meses.

Minha respiração estava tão descompassada que cheguei a ter dificuldade para raciocinar direito.

— Seiscentos mil — murmurei, esforçando-me para soar firme. — E saiba que isso é pouco. Isso é pouco, Enzo.

A intensidade com que ele me olhou piorou meu estado interno, mas me mantive firme.

Pensei que elealaria algo a respeito do nosso passado, mas me enganei. Ao contrário disso, ele falou:

— Aperte minha mão. — Estendeu. — Amanhã de manhã mandarei o contrato para seu escritório.

Olhei para sua mão estendida e, mesmo em dúvida, aceitei, apertando seus dedos com os meus.

A eletricidade que percorreu meu corpo foi um aviso de que aquela era uma decisão ruim.

Muito ruim.

E eu sabia que estaria encrencada muito antes desse prazo acabar.



Capítulo Três

Enzo

Durante a primavera, em Nova York, as árvores do Central Park se enchem de verde e o canteiro central da Park Avenue fica todo colorido por tulipas. Apesar de ser uma época chuvosa e com temperaturas baixas, eu gostava de apreciar a mudança de clima através das enormes vidraças da sala do meu escritório.

Houve um tempo em que eu dividia esses pequenos momentos com a Louise. Ela era completamente apaixonada pela chuva, e eu... por ela.

Meu telefone começou a tocar de repente, me forçando a pegá-lo no bolso do meu paletó. Um sorriso brilhou no meu rosto todo.

— Agradeço por desbloquear meu número, querida — falei ao atender. Todo meu corpo começou a sentir aquela adrenalina rotineira por estar falando com ela.

— *Precisamos conversar sobre algumas cláusulas* — disse Louise, parecendo ignorar minhas palavras. Na verdade, eu podia sentir o nervosismo em seu tom. Fazia alguns minutos que eu enviara o contrato de casamento para o fax de seu escritório. — *Quando podemos nos ver?*

Foi impossível ignorar o sorriso que se formou em meus lábios, tão grande quanto meu amor por essa mulher.

— Que tal almoçar comigo? — questionei, verificando o horário em meu relógio de pulso. — Só terei uma audiência agora a tarde, e será lá pelas três horas. Então serei somente seu por um tempinho — insinuei.

A ouvi suspirar do outro lado da linha, nitidamente incomodada com a situação. Mesmo sem vê-la, eu podia jurar que Louise estava mordendo os lábios como sempre fazia quando se sentia nervosa. Em minha mente, visualizei sua mão se perdendo nos cabelos loiros atrás de sua nuca. Desde que nos conhecemos, na faculdade, anos atrás, a primeira coisa que me chamou a atenção nela foram seus cabelos compridos, com mechas claras.

Uma batida na porta da minha sala me fez olhar a tempo de visualizar meu avô colocando a cabeça para dentro.

Sorrindo, fiz sinal para ele entrar.

— *Tudo bem* — disse Louise no fim, em tom derrotado.

Vibrei por dentro.

— Ótimo! Pego você às onze e meia.

— *Não!* — negou ela. — *Encontro você no The Lucca* — murmurou, referindo-se ao restaurante logo a frente do nosso prédio.

A filha da mãe nem sequer me deu tempo para retrucar seu plano, porque desligou na minha cara.

Apesar disso, me peguei sorrindo quando voltei a guardar o celular em meu bolso.

— Pelo seu sorriso, já vi que ela aceitou. — Comentou meu avô, enquanto se deixava cair em uma das poltronas em frente à minha mesa.

Ainda sorrindo, tomei minha cadeira.

— Aceitou, embora ainda não tenha assinado o contrato — expliquei, soltando o ar. Eu ainda temia que ela não assinasse.

Meu avô sacudiu a cabeça, como se me dizendo que já estava no *papo*. E isso, de certa forma, me deixou com esperanças.

— Ela me pediu seiscentos mil para aceitar se casar comigo — contei, visualizando a surpresa inundando o rosto enrugado do meu avô. Ele era a única figura paterna que eu conhecia, e meu amor por esse homem era tão grande que não cabia em mim. — Honestamente, eu ainda não conhecia esse lado vingativo da Louise. — Fiz um muxoxo, ainda magoado com o fato de ela ter me cobrado todo esse dinheiro.

— Uma mulher magoada é capaz de tudo, meu neto — argumentou ele. — Se concentre apenas em fazê-la assinar o contrato — complementou. — O restante virá com o tempo.

— Sim. — Sorri novamente, pensando na oportunidade perfeita que tinha nas mãos.

De repente, meu avô me deu aquele sorriso cúmplice.

— Quando ela souber...

— Saber o quê? — Nós dois nos viramos para a porta quando Olívia a abriu e entrou de modo tão abrupto que chegou a nos assustar. — O que estão aprontando? — Gesticulou entre nosso avô e eu. — Não adianta mentirem, porque conheço essas caras.

Chegou mais perto de nós dois.

— Por que pensa que estamos aprontando? — retrucou meu avô quando *Oli* o segurou pelo queixo e estalou um beijo em sua bochecha. — Nem tenho mais idade para isso, menina.

Minha irmã deu uma risadinha incrédula.

— Quem não te conhece que te compre, senhor Adam Miller.
— Semicerrou os olhos para ele.

— Você sabe que precisa bater na porta antes de chegar entrando, né? — murmurei, provocando-a quando ela se aproximou de mim. Tínhamos pouca diferença de idade, mas *Olívia* era mais velha. Eu tinha vinte e cinco anos, e ela vinte e oito. — As pessoas podem começar a pensar que você não tem educação. — Sorri, atrevido.

Nesse momento, ela beliscou meu nariz.

— E desde quando me incomodo com o que as pessoas pensam?

— *Wou!* Já vi que vão começar com as provocações... — resmungou meu avô, se levantando. — Vou para minha sala, porque não quero ficar nesse fogo cruzado de vocês dois. — Deu risada. — Mas depois espero você lá, Enzo — avisou ele, conforme seguia para a porta. — Quero saber o que preparou para a defesa de hoje

— referiu-se ao caso que eu iria defender na audiência de mais tarde.

Resmunguei que logo iria e, em seguida, Olívia se sentou sobre minha mesa.

— Anda logo, desembucha! — exigiu naquele tom mandão de irmã mais velha.

Fiz cara de cínico.

— Não sei sobre o que está falando — fingi desentendimento.

Seus olhos semicerraram.

— Pare com esse cinismo, Enzo — rosnou, apontando o indicador contra meu rosto. — Eu prometi a mim mesma que não ia me envolver, mas não consigo ficar isenta disso. — Suspirou, parecendo cansada. — Eu o amo com minha própria vida, irmão, mas... — se calou, fechando os olhos e sacudindo a cabeça — Louise é minha melhor amiga. Ela é minha melhor amiga — repetiu.

Desceu da mesa, ficando de costas para mim.

Travei o maxilar.

— Do jeito que está falando até parece que estou orquestrando um plano maquiavélico de tortura contra ela — murmurei, deixando meu incômodo com suas palavras, bem visível.

— E por que isso não seria considerado tortura? — rebateu, com a mesma seriedade no tom. — Mesmo ela escondendo, sei que Louise ainda te ama. E todo esse plano esquisito e... confuso de casamento só vai magoá-la, será que não vê? — Respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Você está sendo egoísta, Enzo. Tudo o que fez com ela no passado já não foi suficiente?

Eu estava rangendo os dentes com tanta força que meu maxilar chegou a doer.

— Mas eu não fiz nada — decretei. — Quantas vezes, eu ainda vou ter de dizer isso?

Olívia arqueou as sobrancelhas para mim. Tínhamos os mesmos olhos, em tom azul. Seus cabelos escuros estavam presos num rabo de cavalo frouxo, sem muito estilo. Na verdade, minha irmã nunca ligou muito para tendências de moda, ela sempre fazia sua própria tendência.

Se aproximou da mesa e pegou sua bolsa.

— Pelo jeito, muito mais, já que ainda não foi o bastante para fazer Louise acreditar — argumentou, séria.

— Por que você não acredita em mim? — perguntei enquanto a via caminhar em direção a porta.

Olívia parou com a mão na maçaneta e se virou para me encarar.

— Talvez por que você é um *tapado* e não percebe que nossa prima é uma vadia sem coração? — rebateu, repleta de ira.

Franzi o cenho, sem entender.

— *Hã?* — indaguei, confuso.

Olívia apenas rolou os olhos e, em seguida, mostrou o dedo num gesto obsceno e foi embora.

— Malcriada! — falei alto, mas não tive certeza se ela ouviu.

Me coloquei de pé no instante que vi Louise caminhando pelo restaurante em direção a mesa que eu estava. Arrastei os olhos quentes pelo seu corpo de curvas deliciosas, as quais eu me lembrava muito bem. O vestido vermelho que usava abraçava seus quadris de uma forma que me fazia desejar me perder em cada detalhe. Por mais que eu me esforçasse para disfarçar era quase impossível ignorar as reações que ela me causava. Apenas olhar para ela já bastava para meu coração acelerar gradativamente.

Rapidamente dei a volta na mesa e puxei sua cadeira, observando seu rosto endurecido.

— Devo acreditar que, pela sua carranca, sua manhã não foi agradável — comentei, com um sorrisinho cínico no canto dos lábios.

Quando retornei ao meu lugar, Louise estava se ajeitando. Logo, o garçom se aproximou e ambos fizemos nossos pedidos.

— Uma garrafa do melhor vinho da casa, por favor — pedi, antes de ele se afastar.

— Então isso é uma comemoração e eu não estava sabendo?
— Louise debochou, mas senti uma pontada de desafio em seu tom.
— Pensei que seria um almoço de negócios.

Sorri, inabalável.

— Uma vez, há muito tempo, uma garota adorável me falou que o vinho cai bem em qualquer ocasião — murmurei, lembrando-me do dia em que ela me disse isso quando estávamos comemorando nosso primeiro mês de namoro.

Visualizei um brilho nostálgico em seus olhos, mas foi breve.

Coçou a garganta, remexendo-se na cadeira de uma maneira desconfortável. O rubor em suas bochechas a deixava ainda mais linda.

— Podemos começar? — perguntou, tendo dificuldade de encarar meus olhos. — Tenho algumas questões para discutir. — Pegou a pasta que continha a cópia do contrato, em seguida, o estendeu a mim. — Não assinarei nada antes de chegarmos a um consenso.

Assenti com a cabeça enquanto passeava os olhos pelas anotações feitas por ela. Instante depois, me fixei na primeira.

— Por que não quer morar comigo? — questionei, franzindo o cenho. — Que tipo de casamento será esse se ambos morarmos em casas separadas, Louise? — Arqueei as sobrancelhas.

— Nós vamos nos matar se dividirmos o mesmo teto — rebateu, cheia de intensidade. — Não vai dar certo.

Sacudi a cabeça, incrédulo.

— O que vamos falar quando questionarem isso? — indaguei. — Não faz o menor sentido.

— Esse casamento não faz sentido, Enzo — retrucou, mas fingi não ter escutado.

— Proibir a Karen de frequentar os mesmos eventos que nós dois? — Pisquei ao ler isso. — Por que pensa que tenho esse domínio sobre ela?

Dessa vez foi ela quem arqueou as sobrancelhas para mim de modo insinuante, e sacudi a cabeça, irritado com essa merda.

— Pelo amor de De...

— Eu vou esfregar a cara daquela vagabunda no asfalto se a vir em minha frente — ameaçou, cortando minha tentativa de defesa. — Vou causar tantos escândalos que até o final do nosso contrato de casamento o nome da sua família já vai estar na lama.

Arregalei os olhos perante sua ira.

— Jesus, mulher! — exclamei, nervoso. Na verdade, fiquei tão excitado que me obriguei a levar a mão para baixo para ajeitar meu pau que ganhou vida. — Ok, já entendi. — Precisei inspirar o ar com força para meus pulmões.

Passamos os próximos minutos conversando a respeito de outras cláusulas. Logo, nosso almoço chegou e começamos a comer. A todo momento, eu me permitia observar a garota a minha frente, me perguntando o porquê a deixei escapar. A primeira vez que vi Louise perambulando pela Universidade em que estudamos, eu senti como se meu coração houvesse sido flechado. Eu a ameie antes mesmo de saber seu nome.

— Última observação — comentou ela, terminando de limpar os lábios depois que finalizou seu almoço. — Quero acrescentar uma nova cláusula. — Apontou para o contrato. Percebi que ela estava constrangida com o que quer que estivesse prestes a dizer: — Nós dois não faremos sexo. Nunca. Em hipótese alguma.

Fiquei olhando para ela por tanto tempo que seu constrangimento aumentou consideravelmente, embora tivesse se mantido firme. Não recuou o olhar.

— Por acaso está com medo de não resistir, *Lou*? — intimei, usando todo meu poder de sedução para envolvê-la. — É por isso que está tentando se garantir através de uma cláusula idiota? Teme não conseguir segurar o tesão quando me vir pelado?

— PELADO? — gritou, chamando a atenção das pessoas ao nosso redor. Levei a mão aos lábios para esconder o riso.

Na mesma hora, o rosto de Louise se tornou vermelho-púrpura. Mas não entendi se de raiva ou embaraço.

— Eu não pretendo ver você pelado, seu sem-vergonha — disse, num sussurro dessa vez, sem coragem de olhar ao redor. — Pare de falar de nós dois, como se fôssemos um casal, porque deixamos de ser um há muito tempo.

Ignorei a pontada de dor que suas palavras me causaram e continuei com minha máscara de tranquilidade e zombaria.

— Não sou eu quem está querendo colocar uma cláusula de “não-sexo” no contrato, querida. — Pisquei um olho, de modo maroto.

Visualizei o brilho da ira em seus lindos olhos claros. Seu maxilar parecia tão endurecido quanto meu pau; eu adorava quando ela me desafiava.

Surpreendendo-me, ela se colocou de pé e disse, com os olhos nos meus:

— Refaça o contrato com as mudanças consideráveis, e eu assinarei.

Me joguei para trás, na poltrona, fazendo questão de deslizar os olhos pelo seu corpo delicioso. Por um momento percebi quando ela se remexeu, incomodada, mas não entendi se foi devido ao meu olhar.

— E devo acrescentar a nova cláusula? — Ergui as sobrancelhas em desafio.

Suas bochechas se tornaram rubras novamente, deixando-a adorável.

— Não — decretou, empinando o lindo narizinho. — Percebi que não é necessário, porque jamais vou permitir que você chegue perto de mim de novo.

Dizendo isso, virou nos calcanhares e foi embora tão rápido que o barulho de seus saltos ecoou pelo restaurante à medida que caminhava.

— Aí que você se engana, *Lou*, aí que você se engana. — Resmunguei para mim mesmo enquanto bebericava mais um gole do vinho.



Capítulo Quatro

Louise

Dias depois

— E como vocês estão? — perguntei a mamãe, através do telefone. — Já sabem quando vão voltar? — Ela e o papai, estavam vivenciando um ano sabático, e isso já há uns quatro meses.

Sorri com sua resposta de que eu era incapaz de viver sem eles.

Nesse momento, olhei disfarçadamente para o lado, especificamente, para o motorista do carro em que eu estava. Enzo parecia sério enquanto dirigia, mas eu sabia que todos os seus sentidos estavam voltados para mim, para minha conversa com minha mãe ao telefone.

— Não estou aprontando nada, mãe — falei tão rápido que o idiota ao meu lado começou a rir. O estapeei no braço. — A senhora sabe como minha vida é... — complementei, nervosa — sem graça e sem novidades.

Vi quando Enzo sacudiu a cabeça, incrédulo, então o ignorei.

Conversei com minha mãe por mais alguns minutos até que decidi encerrar a ligação.

Eu estava mordendo os lábios, nervosa, quando ouvi a voz do Enzo:

— Eles não sabem. — O encarei, fingindo não entender suas palavras. — Não sabem que você e eu vamos nos casar — concluiu em tom chocado.

Engoli em seco, nervosa com isso. Eu assinara o contrato mais cedo, pela manhã, e ainda estava buscando coragem para contar a novidade aos meus pais.

— Eles não precisam saber ainda — resmunguei, levando o olhar para fora da janela. — Na verdade, nem sei como vou contar isso aos dois.

— Considerando que você deve ter feito os dois me odiarem, certamente está em maus lençóis agora para contar sobre nosso casamento.

Semicerrei os olhos e o encarei.

— Meu sofrimento após nosso término fez eles te odiarem, Enzo, não eu — gesticulei, exasperada. — Não queira usar uma

capa de vítima, pois esta não lhe cabe. — Rolei os olhos, impaciente.

Ao contrário do que pensei, ele não retrucou, apenas ficou calado. Como estava com os olhos fixos no trânsito, não pude observar a expressão em seu rosto, mas foi possível visualizar a tensão que tomou conta de seus ombros largos.

Eu odiava o fato de ainda prestar atenção em seu corpo, em suas reações, em seu sorriso e detalhes bobos a seu respeito; como quando ele ficava nervoso, seu nariz franzia levemente.

— Temos que ensaiar o que vamos dizer — quebrou o silêncio. Olhou-me de relance, demonstrando aquela leveza de sempre. Eu não conseguia entender essa sua facilidade em esconder suas verdadeiras emoções. — Não podemos chegar lá e, simplesmente revelar que vamos nos casar.

Respirei fundo, absorvendo suas palavras.

Estávamos a caminho da casa do seu avô, onde toda sua família estaria reunida para a revelação de que Enzo e eu iríamos nos casar. Era estranho, porque há dois anos, esse foi meu maior sonho.

— Estamos juntos há seis meses — murmurei, mirando a paisagem fora da janela. — Você me procurou pouco antes de meus pais viajarem, então começamos a sair, às escondidas, e eu te perdoei.

— Você me perdoou? — repetiu, sarcástico.

O encarei, irritada.

— Por acaso fui eu quem fiz merda?

Observei seus olhos rolarem com tédio.

— *Tá legal, Lou* — murmurou, entrando com o carro esportivo na propriedade do seu avô. Já era possível visualizar outros veículos espalhados pela área aberta do jardim. Notei quando Enzo respirou fundo ao desligar o carro na ignição. — De tanto eu insistir, você me perdoou — olhou fixamente em meus olhos — Então reatamos e estamos nos esforçando para recuperar o tempo perdido.

Antes que eu tivesse tempo de reagir, retirou uma caixinha de veludo de dentro do bolso da jaqueta. Ele não estava usando terno naquela noite, mas um traje mais despojado. Logo, pegou minha mão esquerda, obrigando-me a esconder todas as reações que seu toque me causava.

— Nós iremos nos casar, porque nos amamos — afirmou com tanta convicção que o ar abandonou meus pulmões. Deslizou o lindo anel de brilhantes em meu dedo. — Repita para mim, *Lou*. — A intensidade presente em seu olhar me deixou tão enfraquecida que, por um segundo, me perdi naquele azul de seus olhos.

Engoli com dificuldade, mas consegui desviar a atenção.

— Nós nos amamos, por isso iremos nos casar — falei, toda atrapalhada.

Enzo franziu o cenho, mas acabou sorrindo

— É, pode ser dessa forma também — alegou, achando graça.

Em seguida, abriu a porta do carro e saiu. Fiz o mesmo.

— Está pronta? — perguntou, parando ao meu lado e me oferecendo o braço.

Olhei de seu rosto para seu braço estendido.

— Não. — Neguei com a cabeça. — Mas já enfiei o pé na merda mesmo.

Sua gargalhada fez meu estômago se retraindo.

Droga!

Assim que chegamos à porta, Enzo apertou a campainha. Logo, alguém abriu e, automaticamente, senti a bile subindo a minha garganta.

— Nossa, você demorou! — exclamou Karen, se jogando *pra* cima do Enzo, que a segurou pela cintura com uma das mãos, já que a outra estava segurando a minha. — O que houve? — quis saber, acariciando o rosto dele.

Fingindo não perceber meu incômodo, Enzo olhou em minha direção, obrigando a vadia a fazer o mesmo. O mesmo sentimento de desgosto e descontentamento que fervia em minhas veias, estava presente nela quando se deparou comigo ali.

— Demorei, porque fui buscar a *Lou* no apartamento dela. — Enzo me puxou, enrolando o braço em minha cintura. Forcei um sorriso quando ele simplesmente estalou um beijo no canto dos meus lábios, causando-me arrepios pelo corpo todo.

Karen ficou tão sem palavras que a cor fugiu de seu rosto conforme observava a cena. No fundo, adorei tê-la visto sem reação daquele jeito; abrindo e fechando a boca várias vezes sem saber o que falar.

De repente, alguém surgiu atrás dela.

— Ué! Por que está parada aqui, Karen? — reconheci a voz da senhora Abigail, mãe do Enzo. — Ah, filho! — Se atravessou na frente da Karen e puxou Enzo para um abraço. — Que bom que chegou! — Em seguida, me olhou e se espantou. — Louise? — Choque invadiu suas feições, entretanto, ela me abraçou tão apertado que me senti em casa novamente. Nós duas sempre nos demos bem. — Como assim? — Piscou, olhando de mim para o Enzo, que sorria para mãe. — Vocês reataram? — Gesticulou entre nós dois.

Enzo a beijou na testa.

— Sim, — disse com fervor na voz. Depois me encarou: — Louise nunca deixou de ser o amor da minha vida. — Sua declaração me deixou momentaneamente desnorteada, mas rapidamente pisquei e entrei no personagem também.

— Eu estava com saudades da senhora. — Peguei as mãos dela e apertei com as minhas. Eu estava sendo honesta, na verdade.

Com um brilho nos olhos, senhora Miller me puxou para longe do filho, animada demais para contar a novidade aos demais. Uma

rápida olhada para trás me fez ver o instante que Karen interceptou Enzo falando algo para ele, mas não consegui ouvir.

No caminho, fui abraçada pela Olívia, que me entregou uma taça de vinho branco.

— Pegue, pois, sei que vai precisar — sussurrou no meu ouvido. Em seguida, piscou um olho para mim.

Sorri, agradecida.

Rapidamente me vi diante de todos os familiares do Enzo, reunidos na enorme sala. O avô dele pareceu alegre ao me ver. Me aproximei e aceitei sua mão, beijando-lhe o dorso.

— É uma alegria tê-la na família outra vez, querida — murmurou ele. — Enzo não nos contou nada sobre vocês dois terem reatado. — Sorriu.

— Na verdade, eu quis fazer uma surpresa mesmo — soou Enzo, e logo o vi ao meu lado, voltando a amparar minha cintura. — Louise preferiu omitir nosso relacionamento, pois não tínhamos certeza se iria dar certo depois de tudo o que passamos. — Me encarou, beijando meu ombro. Frio inundou meu estômago. — Faz dois meses que a pedi em casamento.

— Casamento? — sobressaltou-se Karen.

— Engraçado como isso é conveniente, hein? — Ouvi a voz do Charles, tio do Enzo e pai da Karen.

— O que quer dizer, Charles? — perguntou o senhor Adam.

O homem estava bebendo, então levou a taça aos lábios, nos encarando com aquele ar de superioridade que eu odiava.

— Nada não, pai — respondeu. — Eu só achei estranho que meu querido sobrinho aqui... — gesticulou para o Enzo — tenha aparecido com um relacionamento, justamente quando a cadeira da presidência está em disputa, e o senhor exigiu que ele se casasse. — Soltou uma risadinha venenosa. — Só eu percebi isso, ou é loucura da minha cabeça?

— Loucura não — rebateu Enzo com o maxilar travado. — Inveja mesmo.

Pela primeira vez, desde que aquela noite se iniciou, tive vontade de rir. Baixei a cabeça, me controlando para não gargalhar da cara de idiota que o Charles fez.

Agradei quando o senhor Adam não deu seguimento àquela discussão e iniciou outro assunto.

Na hora que o jantar foi servido, Enzo e eu nos sentamos um ao lado do outro à mesa. Karen fez questão de se sentar do outro lado, em nossa frente.

— Confesso que ainda não entendi como essa história... — Karen gesticulou entre nós — aconteceu — comentou enquanto servia seu prato com salada. A filha da mãe era linda, com cabelos escuros e curtos. A pele era tão branca que parecia leite. — É triste, mas eu ainda me lembro de quando a *Lou* saiu dessa casa, toda entristecida por causa daquele mal-entendido que rolou... — deixou subentendido.

— Não seja indiscreta, Karen! — rebateu a senhora Miller. — Nenhum de nós tem nada a ver com a vida deles.

Olívia começou a rir.

— É que a Karen não suporta ver a felicidade dos outros, mãe — alfinetou, encarando a prima com deboche. — Ela é uma vadia sem coração, então pensa que todas as pessoas são como ela.

Karen nem sequer pareceu afetada, apenas mostrou os dentes para a Olívia.

— Sinto que você está um pouco preocupada com meu bem-estar emocional, Karen — sorri, fingida —, e agradeço por isso. De

verdade mesmo. — Nesse momento, me virei para o Enzo, que me encarava com olhos atentos e desafiadores. — Mas entendi que a vida é curta demais para gastar com mágoa e amargura. — Amparei o rosto dele com minha mão, acariciando sua pele áspera por conta da barba rala. Segurei a respiração devido às sensações que me tomaram. — Dar uma chance para nós dois foi a melhor escolha que fiz.

Ousado e, pegando-me desprevenida, Enzo aproximou o rosto do meu e tocou nossos lábios. Foi um mero selinho, mas foi o bastante para fazer minhas emoções desmoronarem.

Percebendo meu descontrole emocional, Olívia começou a puxar outro assunto, sobre seu dia na empresa em que trabalhava. Ela era analista de TI.

Eu sabia que Enzo estava me encarando, mas optei por não devolver o olhar. Eu não podia.

Não estava pronta para enfrentá-lo.

Alívio invadiu meus poros quando entrei no banheiro e recostei-me contra a madeira da porta. Fechei os olhos e inspirei o

ar diversas vezes esforçando-me para restabelecer minhas emoções.

Mais calma, caminhei até a bancada da pia e me encarei no espelho. Eu optara por um vestido com decote discreto, mas com mangas curtas e trabalhadas em renda branca. Meus cabelos estavam trançados, ou melhor, estavam com uma única trança na lateral.

Peguei minha bolsa de mão e retirei meu estojo de maquiagem de dentro. Instantes depois, alguém forçou a maçaneta.

— Está ocupado. — Falei, iniciando os retoques em minha maquiagem.

— Eu quero conversar, Louise — avisou Karen, fazendo-me soltar um xingamento.

Sacudindo a cabeça, fui até a porta e abri. Karen estava parada, com os braços cruzados, e me encarou de cima a baixo como se fosse superior a mim.

Rolei os olhos para ela, e me mantive ativa quando retornei até a pia.

— O que quer? — perguntei, repassando o lápis preto abaixo dos meus olhos. — Falei para o Enzo que não ia demorar aqui,

então seja breve, por favor.

Ouvi o barulho de seus saltos quando ela entrou no cômodo.

— É sério que o perdoou mesmo? Ou está fazendo isso por que quer me atingir? — Parei o que estava fazendo e a encarei através do reflexo do espelho. — Consigo sentir sua insegurança daqui, *Lou* — continuou a dizer, apoiando uma das mãos na bancada, obrigando-me a virar o rosto para encará-la cara a cara. A desgraçada era ainda mais bonita de perto, ainda mais dentro daquele vestido tão indecente quanto suas atitudes. — De mulher para mulher... eu jamais perdoaria uma traição.

Engoli todos os xingamentos, todo o desejo de afundar minhas unhas naquele pescoço esguio, e peguei meu batom vermelho.

Tranquilamente, passei o batom em meus lábios, deslizando-os um no outro, algumas vezes, até me ver satisfeita. Em seguida, guardei-o na bolsa novamente.

Respirei fundo e voltei a encarar a vadia:

— De mulher para mulher, Karen — falei, arqueando minhas sobrancelhas — fique longe do meu homem!

Tentei passar por ela, mas a piranha me segurou pelo braço. Bastou uma olhada minha em sua mão no meu braço para que ela

me soltasse, deixando sua mão suspensa no ar.

— Mas o problema é que é o Enzo quem vive atrás de mim — insinuou, piscando aqueles cílios postiços de maneira inocente. Me esforcei para não transparecer minha decepção e tristeza com suas palavras.

Mesmo magoada, consegui abrir um sorriso imenso, desses recheados de sarcasmo.

— Sério mesmo? — A encarei com afinco, desafiando-a a confirmar. Quando assentiu com a cabeça, eu estalei os lábios enquanto cruzava os braços, desacreditada. — Engraçado isso, porque ousei dizer que Enzo e eu nunca estivemos tão felizes e realizados em nosso relacionamento, até mais do que antes, sabe? Ele quer que nosso casamento seja memorável e... — fiz uma pausa dramática, fingida — aliás, quero te fazer um convite. — Ela franziu o cenho, confusa. — Que tal me ajudar na escolha de toda a ornamentação da cerimônia?

Quase vibrei quando vi a maldade abandonar o rosto da infeliz e dar lugar ao espanto, seguido pela raiva.

Coçou a garganta, toda sem jeito.

— Claro, será um prazer — sou engasgada.

Sorri novamente.

— Fico feliz — murmurei. — Agora se me der licença, preciso ir, porque Enzo está me esperando. — Pisquei um olho de modo maroto.

Entretanto, assim que abandonei o banheiro, senti como se tivesse acabado de sair de uma batalha.

E não tinha certeza se ia aguentar tudo aquilo por muito tempo.



Capítulo Cinco

Enzo

Eu acabara de encerrar uma ligação com um cliente importante quando visualizei a silhueta da Louise passando rapidamente pelo corredor. Minutos antes, ela avisou que precisava ir ao banheiro. Guardei o celular no bolso e me apressei para alcançá-la, mas freei os passos assim que notei minha prima saindo do banheiro.

Franzi o cenho, incomodado com a expressão tensa que Karen exalava.

— O que aconteceu? — intimei, cauteloso. — O que disse para ela?

Karen não escondeu a surpresa com minha pergunta.

— Por que acredita que falei algo? — quis saber, magoada. — Você sabe como Louise é dramática, Enzo. — Franziu o cenho, de braços cruzados. Sacudiu a cabeça. — Ainda não acredito que voltou a se relacionar com ela depois de tudo o que ela fez.

Desde o começo da noite, quando cheguei ali com Louise, Karen não conseguiu esconder seu descontentamento, misturado a incredulidade.

Inspirei o ar profundamente, esforçando-me para não retornar ao passado. Eu não queria continuar vivendo de passado.

— Eu a amo, e percebi que isso é tudo o que importa — declarei com fervor.

— Ela me ofendeu! — exclamou, gesticulando para si mesma. — Me acusou de coisas que não fiz. — Encarou meus olhos com tanta intensidade que me obriguei a desviar o olhar. — Agora mesmo, ali naquele banheiro — apontou para a porta no final do corredor — ela me mandou ficar longe de você, o homem dela.

Arregalei os olhos, sentindo meu coração batendo rápido demais. O desejo de rir ficando mais forte.

— Ela disse isso? — Pisquei, incrédulo.

Karen arqueou as sobrancelhas, em seguida, revirou os olhos.

— Você está sendo bobo, Enzo — resmungou, nitidamente chateada. — Bobo de ter dado outra chance para uma garota como ela.

Ignorei suas palavras e me afastei. Na verdade, eu não conseguia parar de pensar que Louise demonstrou ciúmes por mim.

— Enzo? — Karen continuou me chamando, mas não parei de caminhar. Necessitava voltar para Louise. Necessitava voltar para perto da minha garota. — Enzo?

Joguei as mãos no ar, deixando claro que nossa conversa acabou. Não precisava de ninguém para comandar minha vida, muito menos que esta pessoa fosse minha prima.

Encontrei Louise na sala, rindo de algo que minha irmã falou. Tomei o assento ao seu lado no sofá, sentindo seu corpo tenso com minha aproximação. Peguei sua mão, mesmo ela tentando recuar, e entrelacei nossos dedos. Em seguida, ergui nossas mãos unidas e deposei um beijo delicado em seu pulso.

A arrogância se fez presente em meu interior quando senti Louise estremecer ao meu toque. Ela não era imune a mim.

Inclinei minha cabeça, de modo a aproximar a boca em seu ouvido. Um gemido estrangulado escapou de meus lábios quando inspirei seu cheiro adocicado.

— Então quer dizer que sou o seu homem, Louise? — soprei a pergunta, tendo ciência de que ninguém poderia ouvir.

Afastei o rosto, ansiando observar suas reações. Deliciei-me com o rubor que invadiu suas bochechas.

— O-o quê? — indagou, confusa. Entretanto, bastou olhar ao redor e fixar os olhos na Karen para que seus olhos claros escurecessem de pura fúria. — Ah, entendi. — Forçou um sorriso. — A vadia já foi fazer fofoca.

Franzi o cenho, incomodado com sua maneira de falar.

Louise se inclinou e pegou sua taça de vinho, depositada sobre a mesa de centro. Em seguida, entornou o restante do líquido.

— Não fale como se eu fosse manipulável — resmunguei, alisando sua mão com meu polegar. — Eu apenas fiquei surpreso com o que ela comentou, considerando que você vive afirmando que não me suporta.

Vi quando rolou os olhos, como se estivesse entediada.

— Você não é manipulável, Enzo — afirmou. — É idiota mesmo! — exclamou, entre dentes, disfarçando para que os outros não percebessem. A conversa ao redor rolava solta, mas estávamos alheios a tudo.

— Lou...

— Eu quero ir para casa — cortou-me, abruptamente. Agitada, puxou sua mão do meu aperto.

Não tive escolha a não ser acompanhá-la quando ela se colocou de pé. Rapidamente nós nos despedimos do pessoal e, logo nos encaminhamos para a saída.

Acelerei os passos para acompanhar os de Louise, que se apressava para chegar ao meu carro. Ela estava, praticamente, fugindo de mim.

— Ei?! — Segurei seu braço, forçando seu corpo ao meu. — Por que está correndo?

Soltou-se do meu aperto com um safanão e, em seguida, olhou em volta como se quisesse ter certeza de que não teríamos plateia.

— Pare de confundir as coisas, Enzo. — Apontou contra meu peito. — Isso aqui — gesticulou entre nós dois — é somente um acordo. Nada mais — decretou.

Dizendo isso, se encaminhou para o veículo, parando ao lado da porta do passageiro, aguardando que eu destravasse o alarme.

Rangi os dentes, numa mistura de raiva e frustração.

Apesar disso, não fiz nenhum comentário. No fundo, nem sequer sabia o que dizer.

Duas semanas depois

— Sem mais perguntas, meritíssimo! — Ouvi Louise dizer, em seguida, voltou para seu lugar, ao lado de sua cliente.

Eu estava sentado no auditório do tribunal, assistindo à audiência de um dos casos que Louise pegou para defender. Sua cliente era a mãe de uma vítima de feminicídio, morta a facadas pelo namorado.

Desde que Louise se especializou em direito criminal, eu era fascinado pela forma como ela atuava; sua bravura era admirável. Ela era implacável e não admitia perder. Todo caso que se propunha a defender, era porque tinha certeza de que venceria.

Longos minutos depois, quando percebi que a audiência estava findando, me coloquei de pé — nos fundos do auditório — e segui para o lado de fora da sala.

Permaneci próximo à porta, aguardando até a saída da Louise.

Quando saiu, notei que ela estava conversando com algumas pessoas, então continuei aguardando enquanto a observava de

longe. Ela era tão linda que meu peito chegava a sufocar de amor.

No instante em que notei que as pessoas se afastaram e ela se preparava para seguir o caminho contrário ao meu, decidi que já era hora de me aproximar.

Louise estava remexendo no conteúdo de sua bolsa quando cheguei mais perto, assustando-a sem querer.

— Credo, Enzo! — exclamou, pressionando o peito. Seus olhos se tornaram arregalados. — Que susto!

Dei uma risadinha.

— Juro que essa não foi minha intenção. — Garanti, embora meu sorriso idiota pudesse dar a entender o contrário.

Louise revirou os olhos, me encarando com desconfiança.

— O que está fazendo aqui, afinal? — perguntou, começando a caminhar. — Tinha alguma audiência também? — Pegou a chave de seu carro de dentro da bolsa.

— Não — respondi, com as mãos nos bolsos. — Eu apenas quis te fazer uma visita — acrescentei, encarando-a com intensidade. — Sempre gostei de te assistir em ação, sabe disso — insinuei. — Você é magnífica.

Visualizei a maneira como suas bochechas coraram levemente, contudo, ela não falou nada. Ao invés disso, continuou andando.

— O que acha de sair comigo para tomar um sorvete? — convidei, me jogando na sua frente, que ameaçou me ignorar e entrar em seu carro. Já estava escurecendo, e a noite tendia a ser bem agradável e refrescante. Perfeita para um *happy hour*.

Louise respirou fundo.

— Não quero — dispensou, sem nem pestanejar. — Agora quer fazer o favor de sair da frente da porta do meu carro? Estou cansada e quero ir *pra* minha casa.

Sem ela poder prever, enlacei sua cintura com um dos meus braços e a puxei contra meu corpo sedento. Ouvir seu gemidinho surpreso foi tão gostoso quanto a sensação de voltar a sentir seu calor.

— Enzo! — exclamou com a voz estrangulada, olhando ao redor, nervosa com olhos curiosos. — Me larga.

Sorri, afundando o rosto em seu pescoço para inspirar seu cheiro doce.

— Se esqueceu de que estamos noivos, hum? — soprei a pergunta em seu ouvido, adorando visualizar seus pelos se arrepiando. — O que significa que somos um casal. E casal se beija, casal se abraça, casal se...

A atrevida me beliscou tão forte, que me obrigou a soltá-la com um praguejar. A careta de dor foi inevitável.

— Sorria, querido — sibilou, cheia de maldade, enquanto se aprumava — ou vão pensar que você sofre agressão doméstica.

Semicerrei os olhos em sua direção, sem esconder a irritação. Me afastei para ela poder entrar em seu carro.

Não a impedi de fugir de mim.

Entretanto, quando ela ligou o veículo na chave, baixou o vidro da sua janela.

Respirou fundo e soltou o ar com uma bufada impaciente.

— Somente um sorvete — afirmou, entre dentes, acenando com os dedos. — E vamos logo antes que eu me arrependa.

Sorri, dando a volta no carro. Voltaria para pegar o meu depois.

Minha relação com Louise ainda continuava difícil desde que lhe propus o acordo de casamento; ela insistia em se manter fechada e distante, totalmente rodeada por aquele muro de indiferença erguido para bloquear minhas tentativas de aproximação mais íntima.

— Pare de olhar para meu sorvete com essa cara esquisita — resmungou ela. Estávamos sentados na areia, à beira da praia de Coney Island. Não havia ninguém por perto, apenas nós dois ali, desfrutando da companhia um do outro e do delicioso som do mar a nossa frente.

— É porque não entendo como consegue misturar sorvete com Coca-Cola. — Intensifiquei a careta. — Como pode?

Ela riu da minha expressão.

— Se preocupe com o seu — apontou, se concentrando no pote em suas mãos. — Sabia que é falta de educação reparar no que as outras pessoas comem?

Sorri.

— E sujar as bochechas alheias?

Nesse momento, ela me encarou, sem entender.

— O que quer di...?

Ela mal terminou de falar e eu lambuzei suas bochechas com meu sorvete de morango.

Incredulidade tomou conta de seus olhos.

— Ah! — exclamou, chocada, piscando freneticamente. — Enzo!

Eu estava rindo quando ela decidiu se vingar, e me lambuzou também. Tentei cobrir meu rosto com meus braços, mas foi em vão, pois passei a sentir o sorvete escorrendo pelo meu queixo e pescoço.

Logo voltei a reagir, e, enfiei a mão no pote de sorvete em suas mãos e voltei a lambuzá-la no rosto. Nossas risadas se misturaram, e quando menos previ, Louise estava sentada sobre mim, com as pernas em torno da minha cintura, perdida na própria travessura.

Quando parei de rir, me dando conta da situação, deixei minhas mãos tombarem ao lado do corpo. Louise pareceu perceber o mesmo que eu, se dando conta da nossa posição somente naquele instante.

Sua respiração estava descompassada, equiparando-se a minha, mas não consegui resistir ao desejo de tocá-la, de aproveitar

aquela oportunidade de tê-la mais perto.

Levei a mão para trás da sua nuca, de modo a firmar sua cabeça, e aproximei meu rosto devagar, querendo que ela soubesse minha intenção. Como vi que não se afastou, continuei em frente e soltei a língua, saboreando o sorvete da sua pele. O som de seus gemidos me deixou tão excitado que cheguei a me sentir dolorido entre as pernas.

— Enzo...

— *Shh...* — soprei, passeando minha língua pelo seu rosto todo, dando algumas sugadas na pele do pescoço. Louise deslizava as mãos em meus cabelos, esfregando-se sobre meu colo.

Quando voltei a encarar seu rosto, pude enxergar suas pupilas dilatadas. Ela queria aquilo.

Me queria.

Sem me segurar mais, abocanhei seus lábios, reivindicando sua boca, seus beijos que, outrora, eram meus. Louise me beijou com igual fome, quase com fúria.

O beijo foi tão desesperado que os dentes feriram nossos lábios, tornando tudo ainda mais avassalador.

Arrastei as mãos por suas costas, pausando quando cheguei em seu traseiro, onde apertei suas nádegas, moendo seus quadris de encontro aos meus. Eu queria que ela sentisse minha protuberância, ansiava que ela sentisse quão ensandecido me deixava.

Prestes a deitá-la ali mesmo, na areia, Louise parou de me beijar e me encarou, parecendo perdida.

A névoa de excitação já não estava mais ali, nítida em seus olhos. O que enxerguei foi arrependimento, e isso foi pior que um soco no estômago.

Desesperada, ela, praticamente, pulou do meu colo, fugindo dos meus braços, fugindo dos próprios sentimentos.

— Louise, espere...

— Não! — Freou minha tentativa de pará-la. Me mantive onde estava. — Por favor, não.

Mesmo estando escuro, consegui enxergar o brilho das lágrimas em seus olhos. Meu coração se apertou.

Ele praticamente sangrou.

Fiquei ali, parado, e observando enquanto o amor da minha vida se afastava de mim, ou melhor, fugia de mim como se eu fosse

o próprio demônio.



Capítulo Seis

Louise

Eu não fazia ideia de como consegui dirigir até o prédio em que morava, considerando toda a bagunça emocional em que me encontrava. Trêmula, abandonei o interior do carro e caminhei em direção ao elevador que tinha no estacionamento.

Meu rosto estava banhado de lágrimas, que deslizavam sem parar, mesmo eu me esforçando para contê-las. Acionei o botão do andar que ficava meu apartamento e, em seguida, me permiti recostar na parede espelhada. Fechei os olhos e inspirei fundo de modo a controlar aquela falha no meu autocontrole, mas isso acabou piorando meu estado, pois, automaticamente, as lembranças do que Enzo e eu fizemos na praia invadiram meus pensamentos.

Perdi o ar.

Logo, as portas do elevador se abriram e eu me apressei a sair para o corredor. Peguei minha bolsa e comecei a revirar o

conteúdo em busca da minha chave. Estava tão desnorteada que não percebi o momento onde a porta ao lado da minha se abriu e Olívia resolveu dar uma espiada.

— *Lou?*

Funguei, em desespero.

— Agora não, *Oli* — resmunguei, aos prantos. Meu controle falhara.

Meu estado crítico a deixou apavorada, porque se aproximou rapidamente.

— O que foi? Por que está chorando?

Encontrei a chave e, trêmula, a levei em direção ao embolo da fechadura.

Desesperada, Olívia segurou meu rosto, forçando meu olhar para si. O seu estava aterrorizado, querendo entender o que acontecia comigo.

Chorei um pouco mais.

— Pelo amor de Deus, me diz o que houve...? — insistiu. De repente, semicerrou os olhos em meu rosto, pescoço e cabelos. — Você está toda melada com... — tocou meus cabelos, fazendo

careta. De repente, intensificou o olhar no meu. — Por favor, me diga que isso não tem a ver com meu irmão...

A mera menção ao Enzo serviu para inflamar minha situação emocional um pouco mais.

— Agora não, *Oli*... — repeti, entrando em meu apartamento. Forcei a porta para impedir que minha amiga entrasse. — Agora não.

— Louise, não fa...

Cortei suas palavras quando fechei a porta na cara dela.

Eu não estava disposta a conversar com ninguém. Não estava pronta para expor, em voz alta, o que fiz naquela praia.

Respirando com dificuldade, trilhei o espaço até chegar ao quarto, onde abandonei a bolsa sobre a cama e comecei a arrancar minhas roupas, deixando-as espalhadas pelo chão mesmo.

Fui ao banheiro, ansiosa por um banho.

Liguei a ducha numa intensidade forte, em seguida, me coloquei debaixo da água morna, enquanto ensaboava minha pele, que ainda ardia. Na verdade, era um tipo diferente de ardor; era como se eu estivesse queimando de dentro para fora.

Era essa a sensação das mãos do Enzo em mim.

Espalmei o piso gelado, de olhos fechados. Minha mente passou a me brincar com cada detalhe do que aconteceu na praia... a maneira como Enzo sugou minha pele lambuzada, arrancando-me o fôlego sem qualquer esforço. Sua boca na minha foi a prova que ele precisava para saber que ainda mexia comigo.

Minha entrega aos seus toques e beijos foi a prova de que ainda o amava, de que ele ainda tinha domínio sob mim.

E eu estava me odiando por isso.

Estava me odiando por ser tão fraca.

Aos prantos, me permiti sentar-me no chão, sob a forte ducha. Tudo o que eu desejava era reencontrar meu equilíbrio.

Aquele em que eu conseguia mascarar minhas verdadeiras emoções, fingindo indiferença diante do único homem que amei e ainda amava, mas que só me causou mágoas.

Minha cabeça estava latejando quando fui acordada com o toque da campainha. Eu nem sequer precisava atender para saber quem era.

Logo, meu telefone tocou com uma mensagem de áudio da Olívia:

“Se você não me atender, vou continuar tocando a campainha a manhã inteira. Já te dei espaço o suficiente ontem, Lou.”

Respirei fundo e suspirei baixo, sabendo exatamente que ela cumpriria aquela promessa de forma literal.

Joguei os pés para fora da cama, esfregando o rosto no processo.

Ao invés de ir ao banheiro, lavar meu rosto e realizar minha higiene, segui direto para a porta de entrada.

— Bom dia para você também — resmungou ela, quando abri a porta e lhe dei as costas, voltando ao quarto. — Trouxe suas rosquinhas doces preferidas — avisou em tom alto. — Vou preparar o café na cafeteira para nós.

Acenei com a mão, sem muito ânimo.

Novamente no quarto, segui para o banheiro e inspirei profundamente quando encarei meu reflexo no espelho da pia. Imagens de trechos da noite anterior invadiram meus pensamentos, obrigando-me a escondê-los no fundo da minha mente.

Respirei calma e joguei uma água no rosto, esfregando-o com delicadeza. Em seguida, dei uma ajeitada nos cabelos e passei os

próximos minutos realizando meus cuidados matinais com minha pele facial.

Quando saí do banheiro, dei de cara com Olívia, jogada de qualquer jeito em minha cama bagunçada.

Todo meu autocontrole falhou no segundo em que a encarei, estendendo os braços para mim.

Corri e me ajeitei com a cabeça em seu colo, sentindo seu cafuné em meus cabelos.

— Na noite passada, eu mal dormi, sabia? Fiquei muito preocupada com você — comentou ela, enquanto acariciava meus cabelos. — Fazia tempo desde a última vez que a vi tão vulnerável como ontem. — Inspirou fundo, como se quisesse espantar minha imagem deplorável da sua mente.

Criei coragem e me ergui, ficando sentada. Passei as mãos no rosto, limpando as lágrimas insistentes. De repente, me dei conta de algo e franzi o cenho para Olívia.

— Você não deveria estar no trabalho a uma hora dessas?

Seu sorriso travesso foi automático.

— Liguei para meu amigo e pedi para ele me cobrir na parte da manhã — disse, aninhando-se no colchão com as pernas

dobradas.

Sacudi a cabeça.

— Você e seus admiradores... — murmurei, soltando o ar. —
Tem de parar de ser malvada com eles.

Sua risada ecoou pelo quarto.

— Melhor ser a malvada do que ser o alvo da maldade —
argumentou e fui obrigada a concordar.

Com um suspiro, voltei a esfregar o rosto, desanimada.

— *Lou...*

A cortei:

— Enzo e eu nos beijamos ontem à noite — falei de uma vez,
ou perderia a coragem. Quando a encarei, vi que Olívia estava de
olhos arregalados. Mordi os lábios, envergonhada. — Estávamos
tomando sorvete na praia e... — cocei a garganta na intenção de
amenizar as reações indesejáveis de meu corpo com a lembrança
— começamos a lambuzar um ao outro com o sorvete até que... —
sacudi a cabeça, voltando a sentir aquela angústia. — Estou me
odiando, *Oli*. Odiando meu próprio corpo, porque mesmo não
querendo, eu ansiei por mais. Teria sido capaz de transar com ele
lá, naquela maldita areia.

Olívia permaneceu quieta, pensativa.

— Você ainda o ama, Louise, então sua reação é normal — disse no fim. — Não é justo se martirizar por isso.

— Agora ele deve estar rindo da minha cara — comentei, chorosa. — Deve estar se vangloriando, porque eu lhe dei a certeza de que ainda mexe comigo. A minha entrega deixou claro que ainda sou completamente apaixonada por ele.

— Por isso está assim? — Apontou para mim, arqueando as sobrancelhas. — Acredita que perdeu o jogo só porque se permitiu deleitar de uns simples amassos.

— Não foram simples amassos, *Oli* — refutei. — Ao menos não para mim.

Ela revirou os olhos.

— Mas ele não precisa saber! — exclamou. Respirou fundo e alisou meu rosto, enxugando o resquício de lágrimas. — Continue seu jogo de indiferença, e se meu irmão perguntar algo sobre o que aconteceu diga que foi apenas tesão. Nós, mulheres, também temos necessidades. — Deu de ombros.

Fiquei olhando para ela, até que comecei a rir.

— Você não existe!

Ela me acompanhou na risada, em seguida, me puxou para um abraço apertado. Deitei a cabeça em seu ombro, inspirando o ar profundamente.

Permanecemos assim por tantos minutos que acabei me perdendo no tempo.

Acabara de chegar ao aeroporto quando voltei minha atenção ao celular. Minha caixa de mensagens, tanto em áudios quanto de escritas, estavam lotadas. Todas do Enzo.

Eu o estava ignorando desde nosso momento intenso na praia, longas horas atrás. E isso porque não conseguiria encará-lo. Não ainda.

Rapidamente, escrevi uma mensagem de texto para ele:

“Não me procure, pois, vou viajar. Mas garanto que nosso acordo ainda está de pé.”

Depois disso, voltei a bloquear seu número no meu celular. Fiz isso, porque sabia que sua insistência acabaria com meu sistema nervoso.

Minutos depois, ouvi o aviso de que meu voo estava prestes a partir, então me preparei, começando a seguir para o corredor de

embarque.

O destino era o México, mas, na verdade, eu estava indo para os braços dos meus pais. Precisava do cuidado deles nem que fosse por algumas horas.



Capítulo Sete

Enzo

Eu não fazia ideia de quantas vezes tentei ligar para Louise, horas depois que ela fugiu de mim na praia, mas, obviamente que todas as chamadas foram ignoradas. A filha da mãe não me atendia, o que apenas piorava meu estado de frustração.

A todo instante, minha mente era invadida pelas lembranças dos momentos quentes que compartilhamos naquela praia, e isso de certa forma deixava tudo ainda mais aterrador.

E um pouco assustador também.

Assustador, porque a certeza de que Louise continuava apaixonada por mim, como eu por ela, me acalentava de um jeito único, quase sufocante.

E essa constatação fazia a ideia de casamento ainda mais certa. Éramos certos um para o outro.

Um encaixe perfeito.

Suspirando, fechei os olhos e me concentrei na lembrança de seus lábios nos meus, doces e macios como eu me lembrava.

Eu acabara de entrar no banho, de modo a aplacar a sensação de calor constante que os amassos que Louise e eu compartilhamos me causaram. Debaixo da (ducha) fria, deslizei a mão para baixo, arrastando os dedos por meu peitoral até chegar ao meio das minhas pernas, onde segurei meu pau com firmeza. Imaginei que fosse a mão dela ali, frágil e delicada, exercendo um movimento lento de vai e vem, e, ao mesmo tempo, arrastava a língua por meu pescoço.

Na época em que namorávamos, o sexo com Louise, para mim, sempre foi mais que apenas sexo;

Era corpo.

Pele.

Tesão.

Conexão.

O simples fato de estar com ela era a melhor parte do meu dia, independente do que fôssemos fazer.

Voltei a me concentrar nos momentos da praia, dessa vez no som de seus gemidos, e acelerei os movimentos do meu punho.

Meu coração começou a bater mais forte, minha respiração passou a ficar ofegante e minha pressão arterial se elevou. Era quase como um colapso, mas de um jeito prazeroso.

Minha racionalidade e pensamento lógico foram praticamente anulados quando me vi lá, no ápice do prazer, chamando o nome da única mulher que me tinha por completo.

Louise.

Respirando com dificuldade, me apoiei na parede, sentindo o choque da água fria em minhas costas. Meu pau latejava, amolecendo gradativamente.

De alguma forma, meu corpo não se sentia totalmente satisfeito, porque somente quando voltasse a sentir o calor da dona dele, se sentiria completo outra vez.

Longos minutos depois, abandonei o banheiro e saí com uma toalha enrolada na cintura. Segui para o closet e optei por uma roupa leve e esportiva.

Ao me aproximar da cama, com as roupas nas mãos, percebi meu celular com a tela acesa. Tinha uma mensagem nova ali.

Ansioso, peguei o aparelho e destravei a tela. Logo, meus olhos brilharam quando visualizei o nome da Louise.

“Não me procure, pois, vou viajar. Mas garanto que nosso acordo ainda está de pé.”

Li tantas vezes que demorei um pouco a raciocinar a respeito do que aquelas palavras implicavam.

Desesperado, disquei seu número, apenas para perceber que a atrevida me bloqueou outra vez.

— Filha da mãe! — praguejei alto.

Joguei o celular na cama e, em seguida, comecei a me vestir rapidamente.

Eu estava apavorado.

Apavorado com a ideia de ela desistir.

Louise não podia desistir.

Quando minha irmã abriu a porta de seu apartamento, fui presenteado com sua expressão azeda. Nada diferente do que eu já estava acostumado, na verdade.

— Não adianta, porque não vou contar onde a *Lou* está — foi logo dizendo.

O canto dos meus lábios se distendeu num sorriso.

— Então você sabe onde ela está — não foi uma pergunta.

A empurrei com delicadeza e entrei em seu apartamento sem ter sido convidado.

— Depois reclama quando entro no seu escritório sem bater na porta — resmungou ela, impaciente.

Me virei para ela, ignorando sua alfinetada. Não estava com tempo para suas palhaçadas.

— Eu não faço a menor ideia do que Louise contou para você, mas, por favor, *Oli*, eu preciso muito saber onde ela está — murmurei, deixando nítido meu desespero. — Tenho medo de que ela desista do casamento.

Olívia revirou os olhos, e passou por mim.

— Ela desistir será a melhor parte dessa loucura toda de casamento que nosso avô inventou e que você comprou sem questionar. Era bem mais fácil ele ceder a cadeira a você de uma vez, pois evitaria sofrimento desnecessário — rosnou, sem um pinga de remorso. — Tenho certeza de que só há um único coração em risco aqui, e é o dela.

— Isso é mentira — refutei, sem esconder minha mágoa com suas palavras. — Ao contrário do que pensam, não estou usando a

Louise num plano maquiavélico. Eu a amo, *Oli*. Amo tanto que a mera ideia de saber que ela possa desistir de se casar comigo, faz meu coração doer.

Minha irmã se deixou cair no sofá, me encarando com seriedade. Permaneceu me olhando, sem nada a dizer.

Suspirei.

— *Oli*, por favor, me ajuda.

— O que vou ganhar com isso? — quis saber, semicerrando os olhos. Arqueei as sobrancelhas, um pouco espantado, mas nem tanto. — Não me olhe assim, porque foi você mesmo quem causou essa situação lá atrás, quando ferrou seu relacionamento com ela.

— Mas eu não... — comecei a argumentar em minha defesa, mas acabei desistindo. Era gasto de saliva desnecessário, porque não acreditavam em nada do que eu dizia. Voltei a suspirar: — O que quer?

Sorrindo com malícia, Olívia se ajeitou no sofá, com as pernas dobradas.

— Quero sua coleção de moedas antigas — declarou, fazendo meus olhos se arregalarem em descrença.

— Não pode estar falando sério... — sacudi a cabeça, apoiando as mãos na cintura. — Você não me obrigaria a me desfazer de uma coleção que iniciei desde meus dez anos, Olívia!

Ela deu de ombros, desviando os olhos para as unhas perfeitamente feitas.

— Eu pensei que a Louise fosse mais importante... — argumentou, sarcástica.

Derrotado, respirei fundo e decidi me sentar ao seu lado no sofá. Levei as mãos ao rosto e o esfreguei enquanto me inclinava para frente e apoiava os cotovelos sobre meus joelhos.

— Você só está querendo me castigar — desabafei, chateado. — Deveria agir como uma irmã mais velha e ser minha heroína, não se comportar feito uma cretina.

Sua risada me deixou ainda mais revoltado, então a encarei com fúria.

— Amá-lo não significa ser legal e passar a mão na sua cabeça sempre que faz burradas — refutou, sem um pinga de culpa.

Respirei fundo, cansado.

— Onde ela está? — perguntei. Olívia semicerrou os olhos em minha direção, fazendo-me revirar os meus, impaciente. — Eu lhe

darei a coleção, sua “coração de pedra”!

Seu sorriso oferecido a mim, foi parecido com aquele do gato de *Cheshire*. Fiquei em dúvida se deveria rir, ou ficar com medo.

Quando desembarquei na Cidade do México, o preço que me obriguei a pagar a minha irmã pareceu nada perante a ideia de voltar a estar perto da Louise.

Eu não estava disposto a desistir da nossa história.

Tinha consciência de que os pais da minha garota estavam vivenciando um ano sabático, então, o México era o destino da vez.

Entreguei o endereço do hotel, que Olívia me garantiu que eles estariam, ao taxista, e iniciamos o trajeto. Sentia-me ansioso, numa mistura de euforia e medo.

Certamente, Louise não iria gostar nenhum pouco de me ver ali.

Longos minutos depois, o carro parou em frente a um prédio luxuoso, bem num ponto turístico da cidade.

Paguei a corrida, o agradei e, em seguida, desci do veículo.

Respirei fundo, tomando coragem para continuar o plano. Louise podia ser pior que minha irmã quando ficava irritada.

Caminhei até a recepção, e pedi para chamar minha garota. Dei o nome dela e de seus pais.

Permaneci sentado numa das poltronas do *lobby*, e aguardei. Beirava cinco da tarde.

Aproveitei para verificar minhas mensagens. Horas atrás, quando decidi viajar, às pressas, avisei meu avô a respeito de meus planos.

A viagem levou umas nove horas.

— Enzo?

Ergui os olhos ao som dessa voz.

Louise estava parada em minha frente, parecendo estar vendo um fantasma.

Atrás dela, visualizei seus pais, tão espantados quanto.

Não perdi tempo e me coloquei de pé, me aproximando deles e estendendo minha mão.

— É bom voltar a revê-los, senhor e senhora Davis — saudei, com um sorriso imenso. — Espero que a filha de vocês não tenha

estragado a surpresa.

A confusão se intensificou nos olhos deles.

— Surpresa? — perguntou sua mãe, encarando Louise.

— Que surpresa, filha? — quis saber seu pai. — Na verdade, só o fato de o ver aqui já me causa espanto, rapaz — disse para mim.

Louise estava branca, feito um papel, sem saber o que dizer ou fazer.

Me aproveitei disso para enlaçar sua cintura e beijar sua bochecha.

— Ora! Fico feliz que tenha me esperado chegar, *baby*. — Seu rosto estava tomado de pânico. Voltei o olhar para seus pais. — Louise e eu vamos nos casar em duas semanas.

O arquejo foi unânime.

E a maneira como os olhos de Louise chisparam nos meus me disse que eu estava ferrado.

Muito ferrado.



Capítulo Oito

Louise

A Cidade do México tinha tanto a oferecer que, independentemente do tempo que eu ficasse por lá, sairia com a sensação de ter deixado muito o que fazer para trás. Eu achava incrível a cultura asteca, os museus formidáveis, a história de Frida Kahlo, os sabores exóticos da gastronomia mexicana. E como resistir aos maravilhosos mercados? Valia até torcer fervorosamente por uma das estrelas da luta livre e dançar ao som dos Mariachis!

Porém, no fundo, meu real interesse ali era rever meus pais e me esconder atrás do cuidado deles. Estava me sentindo como uma garotinha outra vez, mesmo que eles não soubessem, de fato, o que estava acontecendo comigo.

Quando cheguei ao hotel, ainda era madrugada, então não tive tempo para me sentar com os dois e abrir meu coração, embora nem sequer soubesse por onde começar a narrar toda aquela história insana. Em suma, nunca expus o verdadeiro motivo do meu término com Enzo, há dois anos, e, na ocasião, meus pais não

fizeram nenhuma pergunta, respeitaram meu silêncio e me apoiaram na decisão, mesmo tendo imenso amor pelo Enzo.

E ali, sentada à mesa, observando a interação dos três, longos minutos após a chegada do atrevido, tive certeza de que esse amor ainda permanecia intacto. Meus pais eram apaixonados por ele.

— Eu ainda não acredito que você nos escondeu que voltou com o Enzo, querida — comentou minha mãe em tom de reprimenda, servindo-se com mais vinho. — Não entendi o porquê fez isso.

Baixei os olhos para minha comida, pensativa sobre o que dizer.

— Acredito que não tenha sido algo proposital, senhora Davis — intrometeu-se Enzo. Me obriguei a encará-lo do outro lado da mesa. — Meu relacionamento com sua filha teve muitos altos e baixos no passado, o que, certamente ocasionou em feridas dolorosas para nós dois — explicou, fazendo o semblante dos meus pais se retorcerem minimamente. Eles estavam confusos, pois nunca falei nada a respeito do motivo do término. — Tenho consciência da oportunidade de ouro que Louise está me dando agora, e garanto que dessa vez a farei feliz, tão feliz quanto é

possível ser, porque eu a amo. — Seus olhos estavam nos meus quando disse isso. — A amo como nunca amei outra mulher.

Lambi meus lábios ressecados e, desviei o olhar, nervosa demais para conseguir raciocinar direito. Não estava pronta para aquela declaração.

Aliás, não estava pronta para muitas coisas, e uma delas, era o fato de aquele atrevido ter vindo atrás de mim no México.

A conversa continuou e, me esforcei ao máximo para disfarçar o incômodo e o constrangimento com a situação inusitada.

Após minutos que pareceram intermináveis, me despedi dos meus pais e abandonei o apartamento deles. Eu conseguira alugar o quarto ao lado, então me apressei quando percebi Enzo atrás de mim.

— Por favor, não fuja de mim — murmurou ele, me segurando pelo braço, querendo me impedir de abandoná-lo no corredor.

Irritada, semicerrei os olhos em sua direção.

— Onde você estava com a cabeça quando decidiu vir atrás de mim? — indaguei num sussurro, me soltando de seu aperto. — O que é isso, Enzo? Vendi minha alma ao diabo e não fiquei sabendo?

Estapeei sua mão quando tentou me tocar de novo.

Preocupada que meus pais ouvissem, abri a porta do quarto. Nem me dei ao trabalho de convidar o sem-vergonha do Enzo, porque ele entrou assim mesmo.

— Eu fiquei com medo que você desistisse do casamento — confidenciou, nervoso, fechando a porta atrás de si. — Não percebeu ainda o quanto isso é importante para mim?

Revirei os olhos.

— Você sempre sonhou com a liderança do grupo Miller — comentei. — Então sim, sei o quanto é importante. Mas eu lhe dei minha palavra, Enzo. — Me voltei para ele, exasperada. — Garanti que não desistiria. Eu só precisava de um tempo, sozinha.

— Não falo da importância da cadeira do meu avô, *Lou* — disse. — Mas falo sobre estar com você, independente de isso entre nós ser um acordo ou não. — Se aproximou um pouco mais. — Tudo o que falei aos seus pais naquela mesa é verdade, eu ainda amo você.

Sentindo minha garganta seca, dei alguns passos para trás, ansiando fugir de toda sua intensidade.

— Eu não...

— Nosso momento na praia foi o motivo para sua fuga —
continuou a dizer, cortando-me. — Você também sentiu — garantiu.
— Sentiu o mesmo que eu.

Meu peito estava subindo e descendo tão rápido quanto as batidas desenfreadas do meu coração.

— Não pode afirmar isso.

Seu sorriso foi tão libertino que meu autocontrole ameaçou desabar.

— A sua entrega ao meu toque foi a resposta que eu precisava, *Lou* — declarou, encurtando o espaço que nos separava. Meu corpo tremulou quando Enzo ergueu a mão para deslizar os dedos em meu rosto. Esforcei-me para não demonstrar fraqueza. — Jamais deixei de amar você, sabe disso. — Seus olhos acompanhavam os movimentos de seus dedos em meu rosto. — Sendo um acordo ou não, prometo que a farei feliz. Farei valer a pena essa oportunidade que está me dando.

Engoli com dificuldade, pois minhas emoções estavam à flor da pele naquele momento.

Me afastei dele, ansiando um pouco de espaço. A presença dele estava roubando meu ar e meu raciocínio.

— Você não precisa dizer essas coisas — falei, de costas para ele, esfregando os cabelos. — Pois em seis meses, nós estaremos separados — decretei, séria. Cruzei os braços numa tentativa de esconder o quanto meu corpo tremia. — Será melhor assim.

— Melhor? — indagou, com a testa franzida. — Então é assim? Pretende continuar fugindo? Fingindo que não sente mais nada por mim quando sei ser mentira?

Travei meu maxilar.

— Não estou fingindo — falei, taxativa. — O que você fez comigo no passado matou todo amor que eu sentia — menti.

Meu coração doeu com essas palavras, ainda mais com o misto de sentimentos que tomou o rosto dele. Enzo parecia notoriamente abalado com minha declaração.

Calado, ele apenas sacudiu a cabeça várias vezes, como se estivesse digerindo.

Sem tecer nenhum comentário, simplesmente, virou as costas e saiu do quarto.

Fiquei no mesmo lugar, tentando entender o que acabara de acontecer.

Quando amanheceu, fui ao quarto dos meus pais, apenas para descobrir que já desceram para o café da manhã.

Minha cabeça estava latejando um pouco, porque tive um sono muito agitado. Na verdade, não consegui dormir direito devido à minha discussão com Enzo. Além da minha briga com a *Oli*, pois ela não tinha o direito de ter contado ao irmão onde eu estava.

Quando cheguei ao salão, arrastei os olhos pelo local, em busca dos meus pais, até encontrá-los em uma das mesas, conversando e rindo animadamente.

Por um momento, me permiti admirá-los de longe, orgulhosa do amor e da cumplicidade deles. Era gratificante saber que cresci num lar estável, com pais que sempre se amaram e se respeitaram.

Respirando fundo, decidi me aproximar. Mesmo tentando negar, meu subconsciente me questionava a respeito do Enzo, já que não o vi em nenhum lugar desde que acordei. Na verdade, mal sabia o quarto que ele alugou.

— Bom dia, querida! Dormiu bem? — perguntou meu pai quando me inclinei para beijar seu rosto.

— Já estamos preparando o passeio de hoje — confidenciou minha mãe. — É uma pena que Enzo precisou voltar para Nova

York, porque seria interessante ter ele conosco.

Arregalei os olhos, espantada com a informação.

Minhas pernas amoleceram na mesma hora. Ele foi embora?

— Está se sentindo bem, querida? — perguntou mamãe, preocupada com minha reação. — Parece pálida.

Me sentei em uma das cadeiras.

— Não é nada, mãe. — Cocei a garganta, disfarçando as reações intensas que me abateram com a notícia da partida do Enzo. — Eu só me sinto triste por ele precisar ir embora às pressas. — Forcei um sorriso. — O escritório da família dele está passando por mudanças, pois seu avô vai se aposentar em breve.

— Sério? — questionou meu pai, surpreso.

Então me preparei para dar algumas informações aos dois, considerando que não faziam ideia de que tudo não passava de um acordo entre mim e Enzo.

Um acordo ao qual me renderia uma pequena fortuna e, provavelmente, um coração ainda mais partido.



Capítulo Nove

Louise

Uma semana e meia depois

— Eu tenho certeza de que você, noiva, ou você, noivo, sempre vão pensar algo diferente para seu casamento — disse a cerimonialista. — Algo que você já viu em outro, ou que imaginou que pode ter sua identidade. Então, não tenha vergonha, fale o que você quer e realize. — Sorriu abertamente. — Quando nós realizamos algo com o coração, o convidado entra no nosso sonho e sai do casamento de uma forma diferente de como ele entrou. Esse para mim, é o grande objetivo do evento, fazer com que o convidado sinta seu coração tocado, e ele sinta que você fez aquele evento com carinho.

Eu sabia que deveria estar prestando atenção em tudo o que a mulher estava dizendo, mas não conseguia deixar de encarar o Enzo, sentado em um dos diversos bancos da igreja. Aquela era a primeira vez que nós nos víamos desde a discussão no México, que

ocasionou em sua partida. Ele não me procurou depois disso, o que me deixou com uma sensação esquisita.

E isso era ridículo.

As coisas estavam indo muito depressa, em se tratando das minhas emoções, e essa percepção me devastava.

— Os homens devem entrar à direita e as mulheres à esquerda — ouvi a voz da cerimonialista. — Isso, de frente para o altar — explicou. — Eu costumo falar de uma forma romântica, gente, para que vocês não esqueçam — voltou a sorrir abertamente. Ela era uma mulher muito bonita, e bem recomendada no mercado. Por isso decidi a contratar. — Os homens entram a direita, porque eles são a razão, e as mulheres entram à esquerda, porque são a emoção; elas entram do lado do coração. — Houve uma mistura de arquejo com risadas na igreja. Até mesmo eu dei um sorrisinho, compreendendo que ela estava certa. Nós, mulheres, éramos emoção em todos os sentidos, e talvez por sermos assim, sempre nos dávamos mal.

Inspirei profundamente, obrigando minha mente a focar naquele momento e ignorar as outras coisas que me incomodavam, mesmo sendo extremamente difícil.

Uma olhada rápida ao meu redor, enquanto a cerimonialista continuava explicando o roteiro da cerimônia, me fez observar que toda aquela loucura que aceitei realizar com Enzo estava realmente acontecendo; estava ganhando forma.

Nós dois íamos nos casar.

Mesmo com todas as mágoas. Mesmo com tantas questões inacabadas entre mim e ele.

Novamente, me peguei o procurando com meus olhos ansiosos, e dessa vez fui pega no flagra. Todo meu corpo se eriçou com a maneira como ele me olhou, daquela forma intensa que somente ele sabia. Os olhos azuis pareciam como brasas, porém, mesmo distantes, eu podia jurar que enxerguei dor em seu olhar.

Ele aparentava estar sofrendo, ao menos foi isso que pareceu transmitir.

Sacudi a cabeça sutilmente, dispensando esse pensamento, considerando que a vítima ali era eu. A única enganada. A única passada para trás.

Respirei fundo e retornei minha concentração ao altar, para a profissional que estava se esforçando para fazer meu casamento

algo memorável, mesmo sem saber que nada daquilo era real; era somente um acordo secreto entre mim e Enzo.

— Você está bem, querida? — perguntou minha mãe num sussurro, apertando minha mão. Ela e papai deram uma pausa nas viagens para participar do casamento, o que de certa forma me fazia sentir culpada, visto que nada disso era verdadeiro. E enganá-los fazia de mim uma filha horrível — Estou sentindo você um pouco tensa.

A encarei com um sorriso fraco, massageando sua mão que estava sobre a minha.

— Estou bem, mãe — menti. — Apenas um pouco nervosa, só isso.

Seu lindo sorriso se intensificou.

— O nervosismo é normal — acariciou meu rosto. — Faz parte do momento — acrescentou com olhos cálidos. — Mas tenho certeza de que você será muito feliz. Você e Enzo formam um casal lindo.

Não falei nada.

Ou melhor, não sabia o que falar.

Fazia alguns minutos que o ensaio da cerimônia acabou, mas a maioria do pessoal já fora embora, inclusive meus pais.

Eu me sentia sufocada com muitas coisas, sobretudo, com a presença da vadia da Karen, que fez questão de colocar defeitos em quase tudo, mesmo ficando claro seu despeito.

Meu desejo era esganá-la com minhas próprias mãos.

Respirando fundo, caminhei até meu carro, notando que o dia findara, dando lugar a uma noite sem estrelas. O ar da noite refrescou minha pele quente, e a rajada de vento bagunçou meus cabelos soltos enquanto eu vasculhava minha bolsa em busca da chave.

Estava tão distraída que demorei a perceber que Enzo estava ali, recostado no capô do meu carro. Parei de caminhar, nervosa de repente.

Obviamente que tivemos que contracenar durante o ensaio, apesar de toda tensão entre nós, mas tínhamos plateia. Agora, ali, era apenas nós dois.

— Oi — soprei, pegando minha chave e ajeitando a bolsa nos ombros.

Continuei a caminhar até ficar na frente dele, que estava de braços cruzados.

A camiseta esportiva demarcava seus músculos perfeitos, obrigando meus olhos gulosos a acompanhar cada movimento seu.

Minha boca ficou seca.

— Oi — devolveu ele, se desencostando do carro e chegando mais perto, roubando meu ar. — Esperei você aqui, porque gostaria de conversar a sós. — Arrastou os olhos pelo meu rosto todo, como se quisesse memorizar cada detalhe.

Franzi o cenho, sem entender, mas não disse nada.

Observei quando ele inspirou fundo.

— Desde nossa conversa lá no México, dias atrás, eu me peguei pensativo a respeito de muitas coisas, Louise, e uma delas é sobre a maneira como tudo isso está sendo para você, sabe? A ideia de se casar comigo, de compartilhar uma vida comigo — começou a dizer, fazendo meu coração bater depressa demais, até mesmo para eu administrar tudo. — Não sou hipócrita em não saber que você não está feliz com isso, com essa situação, porque eu a magoei no passado. Ou, ao menos é isso que acredita que eu fiz.

Sacudi a cabeça nesse momento.

— Olha, Enzo...

— Não precisamos retomar essa pauta, Louise, sobre o que cada um de nós acredita que aconteceu ou não — murmurou, interrompendo-me. — Porque ambos sabemos que isso não nos levará a lugar nenhum. — Pegou minha mão com o anel de noivado e deslizou o indicador pela joia. — Daqui a poucos dias acontecerá nosso casamento, e eu quero que saiba que não desisti de nós. — Engoli uma respiração profunda. — A menos que você me diga para desistir. — Sua mão se ergueu para amoldar meu rosto, deslizando os dedos para a nuca, causando-me arrepios intermináveis. — Se é isso o que quer, então me peça, *Lou*. Quando você deixar isso claro, juro que jogarei a toalha e a deixarei em paz.

Abri a boca para falar, mas acabei hesitando. Na verdade, hesitei em todas as tentativas de fala.

Não consegui fazer minha voz soar.

Sorrindo, compreensivo, Enzo se inclinou e depositou um beijo demorado em minha testa. Inspirei seu perfume, intoxicada com seu cheiro.

— Amo você, *baby* — declarou.

Dizendo isso, se afastou de mim e seguiu para seu carro, estacionado alguns metros adiante.

Fiquei tão desnorteada com nossa conversa que levei um tempo para reagir e retomar meu caminho também.

No dia seguinte

Eu estava terminando de revisar o caso de um cliente quando alguém bateu na porta da minha sala.

— Me desculpe, senhora Louise, mas tem alguém aqui fora querendo vê-la — disse Ingrid.

Assenti, sem tirar os olhos da papelada.

— Quem é? — perguntei, distraída.

— Ela disse que se chama Karen.

Parei o que estava fazendo na mesma hora e encarei minha secretária, fechando a pasta num movimento abrupto.

Todo meu corpo se tornou tenso com essa informação. Travei o maxilar.

— Deixe-a entrar. — Gesticulei.

Instantes depois, me ajeitei na cadeira, mantendo uma postura firme e poderosa.

Quando Karen entrou foi impossível não notar sua elegância, tanto no luxuoso conjunto social que estava usando, quanto em seu penteado e maquiagem muito bem-feita. Os olhos azuis tinham um tom mais claro que o do Enzo, mas eram igualmente intensos.

— Ora, ora... — comecei a falar, esforçando-me para não demonstrar o quanto sua presença me incomodava — a que devo a honra da sua visita tão... — estalei os lábios, como se estivesse pensando numa palavra que pudesse melhor descrever a situação — ilustre?

Ofereci um sorriso sarcástico.

Karen também sorriu, parando em frente à minha mesa. Não se sentou.

— Por favor, Louise, vamos parar de fingir simpatia uma com a outra quando ambas sabemos que não nos suportamos — disse abertamente.

Arqueei as sobrancelhas, deitando a cabeça de lado.

— Está certo! — exclamei, respirando fundo e me inclinando para frente. — O que quer, vadia?

O canto de seus lábios se distendeu num sorriso cínico.

— Bom... — murmurou — agora estamos com as cartas na mesa — disse, gesticulando. De repente, se inclinou também, espalmando as mãos sobre o tampo da mesa. — Vim aqui para te fazer um favor e poupá-la de passar a maior vergonha da sua vida. — Encarou meus olhos com obstinação. — Desista desse casamento. Não percebe que Enzo só está fazendo isso como uma forma de continuar brincando com você, como fez no passado?

Lambi os lábios, meneando a cabeça, pensativa sobre suas palavras.

Obviamente que me senti afetada com o que ela disse, mas não transpareci, pelo contrário.

Me coloquei de pé, fingindo tédio, e cruzei meus braços enquanto dava a volta na mesa. Não me passou despercebida a maneira como Karen se sentiu intimidada com minha aproximação.

— Engraçado você dizer isso... — estalei os lábios — Porque Enzo e eu brincamos muito mesmo. — Sorri, cheia de malícia. — Brincadeiras para maiores de dezoito anos, sabe? — Gesticulei com o corpo, dando ênfase às minhas palavras.

Vi quando seu rosto se avermelhou, mas não entendi se de raiva ou vergonha.

— Não seja idiota, garota! — exclamou, descontrolada. — Escuta o que estou falando e...

— Não, escuta você! — Gritei, cortando suas palavras. Minha paciência estava no limite. Apontei o indicador em sua direção, me deleitando com seu temor. — Eu vou me casar com Enzo, porque o amo e você deveria saber que ele me ama também. E não precisa vir me avisar sobre nada, pois se eu precisasse de conselhos iria à igreja me confessar com o padre. — Trilhei o espaço até a porta, onde a escancarei. — É melhor aceitar, Karen, assim evita de você ficar esperando por ele. Enzo nunca te quis — ditei, apontando para o lado de fora. — Agora se me der licença, tenho mais o que fazer do que ficar dando ouvidos para sua toxicidade.

Vi quando engoliu em seco, furiosa demais para nem sequer conseguir disfarçar.

Todavia, foi esperta o suficiente para não falar mais nada e sair do meu escritório com o rabinho entre as pernas.

Assim que tranquei a porta, coleí a testa na madeira e fechei os olhos, tentando convencer a mim mesma de que nada do que

aquela vadia falou me afetaria.

Nada.



Capítulo Dez

Enzo

“Eu vou me casar com Enzo, porque o amo e você deveria saber que ele me ama também.”

Por mais que eu tentasse esquecer e me concentrar no meu trabalho, não conseguia parar de pensar nas palavras que ouvi mais cedo saindo da boca da Louise quando fui visitá-la em seu escritório. Não esperava me deparar com Karen, sobretudo, com uma pequena discussão acontecendo entre as duas.

Na ocasião, optei por não aparecer e, simplesmente, saí de lá antes que uma das duas me visse.

E, enquanto as palavras da Louise não saiam dos meus pensamentos, as da Karen também permaneciam pipocando minha mente, deixando-me refém.

Era impossível bloquear a confusão de sentimentos e emoções que se aglomeravam em meu âmago com tudo aquilo. Ainda mais quando, logo depois disso fui perguntar para minha

prima o que fora falar com a *Lou*, e ela mentiu, alegando que o assunto que foi tratar com minha noiva tinha a ver com detalhes do casamento.

Isso me deixou com uma pulguinha atrás da orelha.

De repente, fui desperto de toda essa miríade quando alguém bateu na porta do meu escritório.

— Entra — minha voz soou alta.

Fiquei surpreso quando meu tio Charles surgiu em meu campo de visão, fechando a porta atrás de si. Eu ainda era menino quando meu pai faleceu em decorrência de um infarto fulminante, mas o via muito em meu tio, considerando que os dois eram bem parecidos fisicamente.

— Não fazia ideia se o encontraria aqui — comentou ele, se aproximando da minha mesa. — Pensei que estaria no fórum, mas decidi arriscar mesmo assim. — Sentou-se em uma das poltronas.

Parei o que estava fazendo, e me joguei para trás, deixando claro que ele tinha minha total atenção.

— Tenho duas audiências hoje, mas serão na parte da tarde — expliquei. — Por quê? Aconteceu algo?

Por um segundo, ele desviou dos meus olhos, mas logo retornou o olhar.

— Bem, você sabe que não sou de enrolar, então vou logo ao ponto.

— Por favor... — gesticulei, curioso.

— Eu sei que você e Louise estão fingindo um relacionamento — decretou num sibilar. — Sei que não estão juntos de verdade.

— É mesmo? — Arqueei as sobrancelhas. — E o que faz você pensar isso, tio?

— Ora, não é óbvio? — rebateu, impaciente com minha tranquilidade. — Vocês só apareceram juntos quando a vaga da presidência do grupo surgiu, e meu pai criou essa condição absurda de casamento, visto que você é o preferido dele para ocupar a cadeira. — Seu maxilar trincou nesse momento. — Tenho certeza de que toda essa palhaçada entre você e aquela garota é apenas uma artimanha para enganar o velho — expôs, estalando os lábios. — Ótima por sinal, devo salientar, mas não vai funcionar. — Seus olhos semicerraram. — Ainda não sei como, mas juro que vou provar essa farsa. Provar que está tentando passar a perna no seu avô.

Meus dentes rangeram com tal acusação, e me inclinei para frente.

— O único acostumado a fazer falcatruas aqui é você, tio — rugi, incomodado. — Não ouse me rebaixar a seu nível, porque sou muito melhor. Tão melhor que sou a primeira opção do seu pai para substituí-lo no cargo. A única coisa que você sabe fazer, e muito bem, é dar trabalho e fazer besteira.

Vi quando seus olhos ferveram em minha direção.

— Olha aqui, seu moleque...

— Se o assunto era esse, por favor, se retire da minha sala — o cortei, apontando para a porta. — Preciso estudar minha defesa, então não tenho tempo para conversa fiada. — Continuei gesticulando em direção a saída.

Com o maxilar trincado, ele se colocou de pé, ajeitando o paletó.

— Isso não vai ficar assim — rosnou, apontando para mim.

Ignorei seu tom de ameaça, oferecendo-lhe um sorriso cínico.

Assim que me vi sozinho na sala, peguei meu celular e disquei o número da minha irmã.

— *Espero que seja importante, porque você atrapalhou meu sono, Enzo* — disse ela ao atender, em tom ranzinza.

Verifiquei as horas em meu relógio de pulso.

— Ainda está em casa? Pensei que estaria trabalhando uma hora dessas — comentei, mas logo sacudi a cabeça. — Enfim, sua vida de preguiça não é da minha conta.

— *Ei?! Não me chame de preguiçosa* — resmungou, mas ignorei.

— Escuta, Oli... — murmurei, respirando fundo e me concentrando no que precisava dizer — mais cedo aconteceram algumas coisas e preciso da sua ajuda para tentar entender.

Escutei alguns ruídos ao fundo, certamente, Olívia estava se ajeitando na cama.

— *O que foi?* — seu tom mudou para preocupado.

Pensei na discussão entre Louise e Karen.

— Quero sua ajuda para descobrir a verdade sobre aquela noite — ditei, sentindo meu coração bater mais depressa.

— *Quando você diz aquela noite, está dizendo sobre...*

Revirei os olhos, impaciente.

— É, Olívia, estou falando daquela maldita noite, droga! — cortei suas palavras toscas. — Karen conseguiu me deixar desconfiado, e meu sexto sentido nunca falha.

Na mesma hora, ouvi sua gargalhada do outro lado da linha.

— *Se o seu sexto sentido não falhando, você já é um paspalho ambulante, imagina se falhasse?*

Levei os dedos a minha têmpora, pressionando levemente.

— Quer parar de ser uma cretina, e me ajudar como toda boa irmã?

Ainda rindo, Olívia falou:

— *Apesar de eu não me considerar uma boa irmã, vou te ajudar, pirralho.*

— Pirralho é o meu...

— *Olha a malcriação, hein?! — me interrompeu. — Não estraga.*

Busquei uma respiração profunda, ciente de que precisava me controlar, mesmo que Olívia tivesse o dom de me tirar do sério com tanta facilidade.

O grande dia

Definitivamente, não existira momento mais aguardado por mim do que aquele, em que Louise — vestida de noiva — caminhava em minha direção, no altar.

Não conseguia disfarçar minhas emoções, que estavam à flor da pele, e lágrimas deslizaram de meus olhos sem eu poder impedir. O impacto de ver a cerimônia repleta de amigos e familiares, que nos observavam com sorrisos, outros, com lenços enxugando algumas lágrimas que caíam inevitavelmente dos rostos me deixou sem fôlego.

Aquilo estava acontecendo.

Estava realmente acontecendo.

Era difícil parar de olhar para ela, pois, eu estava ciente de que logo nos tornaríamos marido e mulher, mesmo sob um acordo financeiro. Eu não me importava com nada disso, somente com os sentimentos que pairavam entre nós dois. Eu a amava, e sabia que ela me amava também.

Quando meu sogro a entregou para mim, meu coração se encheu de ternura e gratidão.

Ergui o véu da Louise, sendo atingido por uma emoção única quando nos encaramos pela primeira vez em dias. O primeiro olhar entre nós dois, futuros marido e mulher.

O tempo pareceu parar, existindo somente ela e eu. Então, eu senti, lá, no fundo do meu coração que fiz a escolha mais certa da minha vida.

O nervosismo de Louise era aparente, mesmo ela tentando disfarçar.

A hora de pronunciar o “sim, aceito” foi também aquela em que tomei consciência de que “sim” era ali, naquele instante, que nós dois estávamos mudando nossas vidas para sempre e, sim, seria minha oportunidade de fazer feliz a única mulher que já tocou meu coração.

Declarados marido e mulher, chegara a hora do beijo. O primeiro beijo, casados, era único, diferente e especial.

Coração acelerado. Olhos brilhando. O maior amor do mundo.

Enlacei a cintura esguia, sentindo seu calor no meu. Louise me encarava com igual intensidade, tão perdida em emoções quanto eu.

Era uma mistura de medo e expectativa.

Quando nossos lábios se tocaram, senti como se tudo houvesse se encaixado. Perfeitos.

Aqueles eram os lábios do amor da minha vida.

— Eu amo você — sussurrei ao me afastar, prestando atenção em seu lindo rosto.

Não era mentira.

Era real para mim.

E eu faria de tudo para, dali em diante, deixar isso bem claro para ela.



Capítulo Onze

Louise

— O que está pensando? — ouvi a voz do Enzo ao meu lado.

Suspirei audivelmente.

— Na verdade, estou tentando aceitar e digerir minha atual realidade — respondi, continuando a admirar a linda aliança em meu dedo. — A realidade em que não estou enganando somente a mim mesma com tudo isso, mas também a maioria das pessoas ao nosso redor, inclusive meus pais. — Levei os olhos aos seus, me deparando com seu olhar cálido. Eu o estava sentindo animado demais, considerando que eu sempre fizera questão de deixar bem claro que aquilo não passava de um acordo financeiro para mim.

— Por que não tenta enxergar nosso casamento como algo bom, hum? Como uma segunda chance para nós dois?

Franzi a testa perante suas palavras.

— Está se escutando? — revidei, incrédula. — Não entendi o que aconteceu, mas parece que você se esqueceu de tudo o que

falei. — De repente, parei de caminhar e me aproximei dele, tomando o cuidado de diminuir o tom de voz para que ninguém ouvisse: — Essa aliança — aponte para meu anelar — não significa nada. — Vi quando a mágoa tocou seus lindos olhos, mas me esforcei para não absorver isso. — Por favor, não se esqueça.

Em seguida, retornei a caminhada pelo aeroporto, lutando para permanecer firme sob meus pés, mesmo sabendo que o homem, que mexia comigo de todas as formas possíveis, estava me seguindo bem de perto.

Tínhamos acabado de desembarcar em Punta Cana, Caribe, onde passaríamos nossa lua de mel. Quatro dias. Quatro torturantes dias tendo que fingir que nós éramos um casal de recém-casados apaixonados.

Sendo honesta comigo mesma, eu temia não ser forte o bastante para resistir a força dos sentimentos que, ultimamente, vinham se aglomerando em meu peito sempre que Enzo estava por perto. E estava cada vez mais difícil de esconder.

— Você pode continuar fingindo, *baby* — me sobressaltei quando Enzo grudou meu corpo no seu, colando seu peito em minhas costas, deixando-me rígida. Estávamos fora do aeroporto,

prestes a chamar um táxi para irmos ao resort all inclusive —, mas é incapaz de esconder que ainda me ama. — Arrepios tomaram cada centímetro de pele existente em mim com seus lábios em minha orelha. — Além disso, seu corpo trai completamente suas palavras.

Depois disso, se afastou de minhas costas, piscando um olho de modo maroto; seu olhar arrogante me dizia que ele sabia exatamente o estado deplorável que deixou meu emocional, sobretudo, minha calcinha.

Droga!

Punta Cana é uma cidade da República Dominicana, uma das ilhas banhadas pelo mar do Caribe.

Na realidade, boa parte das praias de Punta Cana é banhada pelo Oceano Atlântico e não pelo Caribe, mas as características das praias são as mesmas.

O lugar era repleto de praias que pareciam saídas de um papel de parede de computador, com coqueiros, mar azul e água transparente bem quentinha; o sonho de quase todo viajante.

— Parabéns pelo casamento! — exclamou a recepcionista no momento do *checking*. — Estamos muito felizes de comemorar esse

momento especial com vocês dois. — Sorriu ela, olhando de mim para o Enzo.

Constrangida, eu apenas sorri de um jeito sem graça, enquanto Enzo sorria abertamente, agradecendo a moça pela gentileza.

Parecia ter ganhado um presente de Natal.

Minutos depois, quando chegamos ao quarto, me vi impressionada pelo luxo do lugar. A cama era enorme e ocupava boa parte do cômodo. Tinha banheira de hidromassagem e os chuveiros eram duplos. A primeira coisa que fiz quando entramos foi seguir para a sacada, ansiosa para admirar a belíssima vista. Ao longe, era possível observar o mar agitado e barulhento, além das piscinas e festas acontecendo ali mesmo, no resort.

— Que tal descermos para aproveitar o finzinho da noite? — Enzo perguntou, se aproximando de mim por trás. Sua mão apertou minha cintura de leve, mas rapidamente fiz questão de me desvencilhar do seu toque que me queimava como brasa.

— Qual o seu problema, Enzo? — intimei, nervosa. — Não estou compreendendo sua dificuldade em aceitar o que estou constantemente dizendo a você. — Exasperei. — E juro que essa

sua cara de bobo sempre que me olha — gesticulei em sua direção — está me incomodando bastante.

Vi quando respirou fundo, esfregando o rosto em frustração.

— Dias atrás, eu ouvi você dizendo para a Karen que ainda me ama — admitiu, fazendo meu coração acelerar, porque não estava esperando por isso. — Então isso, de alguma forma, muda tudo.

Travei o maxilar.

— Pois não deveria mudar nada! — exclamei, cruzando os braços com força contra o peito. Precisava disfarçar as reações em meu corpo trêmulo. — Eu só falei aquilo como uma forma de encenação, já que a vagabunda estava testando minha paciência — murmurei, coçando a garganta, enquanto aprumava os ombros. — Quantas vezes mais, eu terei de dizer que não sinto mais nada por você? — Franzi a testa. — Meu único interesse aqui — apontei entre nós — é o dinheiro que vou ganhar no fim desse contrato.

— Então essa é realmente sua forma de vingança contra mim pelo que acredita que fiz no passado — não foi uma pergunta, embora tivesse soado como uma.

Dei de ombros, sentindo minhas mãos frias.

— Pense como quiser.

Nesse momento, todo o brilho que tomava seu rosto desde a celebração do casamento, horas atrás, se extinguiu. Seus olhos adquiriram uma dor tão grande que meu coração se partiu em pedacinhos.

— Tudo bem, Louise — soprou, se afastando e arrancando a gravata. Fiquei encarando suas costas. — Entendi.

Mordi os lábios para evitar falar algo que pudesse me arrepender depois.

Observei quando ele pegou a carteira e rumou para a porta de saída.

— Vou sair para deixar você a vontade — resmungou em tom sofrido. — Longe de mim, “sufocar a minha esposa”. — Fez aspas com os dedos.

Me senti tão desnorteada com tudo aquilo que demorei a reagir, mesmo depois que ele saiu do quarto, me deixando sozinha.

Acordei sobressaltada com o barulho de alguém abrindo a porta do quarto. Soltei um gritinho de susto quando Enzo

simplesmente tropeçou nos próprios pés e caiu no chão feito uma fruta madura.

Saí da cama, pegando meu robe e me cobrindo com ele o mais rápido que pude. Desde que ele saiu, horas atrás, optei por ficar no quarto mesmo, remexendo em minhas redes sociais e conversando com a Olívia. O único passeio que decidi fazer foi para conhecer as piscinas, mas foi um tour bem rápido. Estava me sentindo muito cansada emocionalmente.

— Pelo amor de Deus, Enzo! — exclamei, me aproximando dele, que estava podre de bêbado. — O que deu em você para se embriagar desse jeito?

Me abaixei, querendo ajudá-lo a se levantar, mas o homem era muito pesado e, eu não consegui mover um músculo.

— Vo-você é uma garota *muuuuito*... malvada — resmungou ele, com a voz enrolada.

Revirei os olhos.

— É, eu sou mesmo! — exclamei, fazendo uma nova tentativa de erguê-lo do chão. — Anda, me ajuda a te ajudar.

Com muito esforço, conseguimos ficar de pé. Coloquei seu braço sobre meus ombros e, lentamente, caminhamos até a cama.

— *E-eu* pensei que você me... amava — murmurou, numa mistura de riso com choro. Sua mão tocou meu rosto, mas sacudi a cabeça para evitar seu toque.

— *Argh*, para! Você está fedendo — rosnei, incomodada. Estava cansada e irritada.

Quando chegamos a cama, quase caí com ele no colchão, mas consegui soltá-lo a tempo.

Bufando, retirei seus sapatos enquanto o ouvia resmungar palavras incoerentes. No fim das contas, comecei a achar graça; não me lembrava de no passado já ter presenciado Enzo dessa forma.

Olhei para ele, desmaiado e todo atravessado no colchão. Mesmo com dificuldade, o empurrei para que ficasse no seu lado da cama. Seus resmungos aumentaram, mas ignorei todos eles.

Suspirando, tirei o robe e me aninhei entre as cobertas, nervosa demais com a situação. Não almejei nada daquilo.

De repente, fui pega desprevenida quando Enzo se virou em minha direção e jogou as pernas e um dos braços sobre meu corpo, prendendo-me de uma forma que não tive como escapar.

Seu rosto ficou escondido na dobra do meu pescoço, e arrepios trespassaram por minha pele devido à aspereza da sua barba.

Ele estava dormindo, mas eu não estava. Não queria aquela aproximação.

Mesmo com dificuldade, o empurrei e consegui escapar de seu agarre, pulando para fora da cama como um gato esquálido.

Suor escorria da minha testa devido à intensidade do que acabara de acontecer.

Droga!

Decidi que ficaria no sofá que tinha disponível no quarto, pois seria a decisão mais segura no momento.

Somente naquele instante, entendi a verdadeira enrascada em que me meti.



Capítulo Doze

Enzo

Acordei com minha cabeça latejando tanto que apenas o ato de abrir os olhos e sentir a claridade do quarto já bastava para piorar meu estado de ressaca.

Lentamente, imagens de horas atrás começaram a pipocar em meus pensamentos me fazendo refém de todo tipo de sentimento, sobretudo, da vergonha.

Nunca fui homem de me descontrolar dessa maneira, pelo contrário, tinha orgulho do meu equilíbrio emocional, mesmo quando as coisas fugiam do rumo que eu queria.

Então, saber que me descontrolei ao ponto de me embriagar me deixou extremamente chateado.

Gemendo, dolorido, me ergui na cama, sentando-me enquanto esfregava o rosto amassado. Pisquei, olhando ao redor com olhos semicerrados. O quarto estava silencioso, com exceção do barulho quase ensurdecedor dos batimentos do meu coração quando

concluí que Louise não estava ali. ‘Flashes’ do que aconteceu voltaram a me sufocar, fazendo-me consciente da minha burrice. Entendi que fui arrogante demais ao ponto de acreditar que minha batalha para reconquistar Louise seria fácil, dado que, eu sabia que ainda havia uma muralha de mágoas e assuntos inacabados entre nós dois.

Suspirando, joguei as pernas para fora da cama, fazendo uma careta quando a dor na cabeça latejou mais forte. Precisava de um analgésico, e com urgência.

Caminhei até minha mala, que ainda estava no mesmo lugar, e remexi em busca de uma peça de roupa mais leve e limpa. Não fazia ideia de onde minha querida esposa estava, mas faria questão de procurá-la em todos os cantos daquele lugar.

Passava das dez horas da manhã quando finalmente encontrei Louise, entretanto, decidi me manter afastado por alguns segundos enquanto a observava de longe. Ela estava de biquíni, sentada na areia enquanto conversava com um desconhecido.

Mesmo sem fazer a mínima ideia do que conversavam, eu odiei. Odiei, porque ela estava sorrindo, e ela nunca mais sorriu

para mim dessa forma. Por um segundo, me questionei sobre o que estava fazendo conosco, com nossas emoções. Me questionei se fizera a coisa certa em me esgueirar para vida dela novamente.

Nervoso, comprei uma garrafinha de água mesmo, nada de álcool, já que ainda sentia os efeitos da ressaca, e permaneci observando a cena ridícula. Me senti o típico *corneo manso*.

Entretanto, quando vi que os dois trocaram telefones, não me segurei mais e rumei para perto deles. Mesmo ela fazendo questão de frisar que o que tínhamos não passava de um acordo financeiro, eu não admitiria ser passado para trás desse jeito.

O rapaz que conversava com ela já tinha se afastado quando me aproximei. Louise ainda sorria, mas o sorriso se perdeu quando se deparou comigo ali, em pé e, ao seu lado.

— Ah, o “pé de cana” acordou! — zombou, revirando os olhos, nitidamente incomodada com minha presença. Embora não tenha passado despercebida a maneira como admirou meus ângulos, visto que eu estava apenas de sunga. — Está melhor? — perguntou, coçando a garganta.

Naquele momento, percebi ter duas opções: a primeira, intimá-la a respeito do homem com quem estava conversando toda

sorridente antes de eu chegar. A segunda, fingir que não vi nada e continuar seguindo meu plano de reconquista.

Suspirando, me joguei ao seu lado na areia.

— A cabeça está doendo um pouco, mas já tomei um analgésico — respondi, bebericando minha água gelada. — Você poderia ter me acordado. — Me virei para ela. — Eu teria descido até aqui para lhe fazer companhia. Afinal de contas, essa é nossa lua de mel — lembrei-a.

Ela deu uma risadinha incrédula.

— Nem vou comentar, Enzo. — Sacudiu a cabeça.

— Que tal dar um mergulho? — convidei, gesticulando para o mar agitado. — A água deve estar uma delícia.

Franziu os lábios.

— Vá você — resmungou, indiferente.

Irritado com sua má vontade, me coloquei de pé. Deixei a garrafinha de água ao seu lado, em seguida, voltei a insistir:

— Tem certeza de que não quer? — Seus olhos se chocaram com os meus, mas não sem antes se arrastarem por todo meu corpo. Ao perceber que notei seu olhar faminto, desviou,

envergonhada. — Não precisa disfarçar o interesse por mim, *Lou*, eu juro que sou todinho seu, *baby*. — Sorri, dando uma piscadinha.

— Convencido — murmurou, nervosa.

Se apoiou sob os braços, obrigando-me a admirar suas curvas perfeitas. A filha da mãe parecia ter feito de propósito, pois sabia quão enlouquecido me deixaria se usasse um biquíni vermelho. Era minha cor preferida.

Dei de ombros, e rumei para o mar.

A água estava deliciosa, como imaginei. Mergulhei algumas vezes, e me assustei quando uma linda garota surgiu ao meu lado. Seus cabelos escuros eram compridos e colavam-se as suas costas; os olhos em tom castanho-claro miravam os meus com tanta intensidade que cheguei a ficar constrangido.

— Oi! — saudou-me, sorridente. — Me chamo Malu. — Esticou a mão em minha direção.

As ondas nos sacudiam, mas não nos afastavam um do outro.

— Sou Enzo — respondi, devolvendo a simpatia e aceitando sua mão na minha.

Antes que a garota pudesse abrir a boca para fazer outro comentário, senti mãos envolvendo meus ombros e me afundando

na água.

— Ei?! — exclamei, tossindo depois que submergi.

Louise estava ao meu lado, sorrindo enquanto mordia os lábios de modo sapeca.

Ao olhar ao redor, percebi que a garota que conversava comigo já tinha se afastado.

— Está procurando alguém? — Pisquei ao som da voz da Louise. Seus olhos pareciam ferozes e seu tom visivelmente enciumado.

Entretanto, antes que eu pudesse responder, ela mergulhou numa onda, e depois outra e outra e outra.

Fiquei tão encantado que aproveitei aquele momento de trégua entre nós dois e me preocupei apenas em me divertir com a única mulher que me tinha por completo.

Já passava de uma hora da tarde quando Louise e eu voltamos para o quarto. Enquanto ela se fechava no banheiro, fiquei no quarto, dando uma verificada em meu celular para ver se tinha ligações perdidas.

De repente, um barulho de vibração chamou minha atenção; era uma mensagem no celular da Louise, que estava sobre o pequeno armário de cabeceira.

Mesmo sabendo ser errado, não resisti ao impulso de dar uma espiadinha, ainda mais ao me lembrar do rapaz que conversou com ela na praia.

Nervoso, tomei o cuidado de ter certeza de que ela ainda estava com o chuveiro ligado e peguei seu celular. Não sabia dizer se fiquei surpreso ou decepcionado com o fato de o aparelho não ter nenhum tipo de senha.

Enfim, deixei as divagações de lado e abri as mensagens.

Ignorei todas com o nome da minha irmã e da minha sogra, pois não me interessavam em nada, e cliquei sobre a que tinha o remetente cujo nome fora gravado como: *“bonitão da praia”*.

Rangi os dentes, irritado e enciumado com esse mero detalhe.

“Mal posso esperar para nosso encontro de mais tarde, gata. Espero você no bar do hotel às oito da noite.”

A raiva daquilo me fez apertar o celular com tanta força que meus dedos ficaram brancos.

Marchei até a porta do banheiro, disposto a expor toda aquela safadeza, mas parei no caminho, com uma ideia melhor.

Inspirei fundo, buscando meu controle perdido.

Voltei minha atenção para o celular em minha mão e digitei uma resposta rapidamente:

“Infelizmente não poderei ir, me desculpe. Mas lembrei que tenho um encontro com outra pessoa.”

Cliquei em enviar.

Em seguida, apaguei a mensagem e aguardei, pois, queria ter certeza de que o idiota não mandaria outra.

Como previsto, ele mandou:

“Que pena! Mas foi bom te conhecer!”

Rolei os olhos pelo *emoji* de choro que ele mandou junto e, em seguida, apaguei essa mensagem também.

Recoloquei o celular no lugar de antes, sentindo meu coração batendo depressa devido à adrenalina do que acabara de fazer.

Estava me sentindo como um menino “levado”.

Mas entendi que eu precisava usar todas as armas que estivessem ao meu alcance se quisesse reconquistar o amor da

Louise.

E eu ainda não estava disposto a desistir. Ainda não.



Capítulo Treze

Louise

Era estranho como minha mente vinha funcionando ultimamente; na maior parte do tempo, eu me esforçava para ser uma verdadeira cadela com Enzo, pois, de alguma forma, queria magoá-lo tanto quanto ele me magoou no passado, porém, o amor que sentia por ele estava quase me sufocando. Antes, era mais fácil de lidar, já que não estávamos convivendo; as poucas notícias que tinha dele vinha através da Olívia, então, eu conseguia administrar melhor esse sentimento.

Agora, eu acordava e dormia com essa constante em minha mente e coração, essa luta interna sobre o certo e o errado, a mágoa e o perdão, a raiva e o amor.

Ao mesmo tempo em que eu desejava perdoá-lo pelo que me fez, também ansiava fazê-lo sofrer como eu sofri. E isso era triste demais, e para nós dois.

Não foi dessa forma que idealizei meu casamento.

— Vai sair? — Pisquei ao som da sua voz quando saiu do banheiro, usando somente uma toalha enrolada na cintura. Ele estava enxugando os cabelos.

Lambi os lábios ao visualizar algumas gotículas de água descendo pelo seu tronco definido. Mais cedo, na praia, foi uma tentação enorme vê-lo somente de sunga, se exibindo daquela forma. E odiei quando a maioria das mulheres virava o pescoço na direção dele, babando pela sua beleza.

Nunca fui do tipo de mulher ciumenta, mas Enzo parecia tirar o pior de mim.

— Vou — respondi, desviando os olhos antes que ele percebesse meu interesse. — Espero que não se importe — acrescentei, nervosa.

Na verdade, eu precisava me afastar dele, pois me conhecia bem o suficiente para saber que acabaria sucumbindo ao desejo que fervia meus poros, e isso certamente me destruiria depois.

— Sem problemas — mencionou ele, indiferente. Franzi o cenho, estranhando sua reação. — Também vou sair.

Na mesma hora, virei a cabeça em sua direção, curiosa sobre suas palavras. Mesmo não tendo o direito, me senti chateada e...

enciumada.

Arquejei no momento que ele simplesmente soltou a toalha ficando completamente nu na minha frente.

Fui incapaz de desviar o olhar. Lembranças de um passado não muito distante invadiram meus pensamentos, fazendo-me consciente da conexão perfeita que tínhamos na cama. Enzo foi meu primeiro homem, aliás, meu primeiro e único amor.

— Perdeu algo aqui embaixo, *baby*? — perguntou ele em tom arrogante, sacudindo seu membro, que começou a endurecer sob meu olhar.

Minhas bochechas se tornaram tão quentes quanto uma parte específica do meu corpo. Eu precisava sair dali.

Precisava fugir.

Sem olhar para ele, peguei minha bolsa de mão e, praticamente rumei para a porta de saída.

— Boa noite, Enzo — murmurei, acelerando os passos.

Quando cheguei ao corredor, inspirei o ar para meus pulmões. Esse homem conseguia acabar com minha capacidade de raciocínio.

Eu não fazia ideia de quanto tempo estava esperando no bar do hotel, mas certamente uns bons minutos, pois minha irritação já estava me sufocando com minha impaciência.

Verifiquei o horário em meu relógio pela enésima vez, praguejando mentalmente por não ter trazido meu celular, pois, poderia mandar uma mensagem intimando meu acompanhante pelo atraso. Na verdade, eu nem mesmo entendia o porquê aceitei me encontrar com esse rapaz, considerando que nunca fui de flertar desse jeito. Talvez fosse por culpa do Enzo, para irritá-lo; para provar que ele não significava mais nada para mim, mesmo que isso estivesse muito longe da verdade.

Suspirei, olhando ao redor. O resort era incrível, repleto de atrações e lugares para conhecer. Seria realmente maravilhoso se minha situação com Enzo fosse diferente. Porém, eu tinha certeza de que nós dois passaríamos a maior parte do tempo trancados no quarto.

Droga!

Minha mente não conseguia parar de me mostrar a imagem do Enzo nu, se exibindo para mim como se soubesse exatamente como eu me sentia em relação a ele.

Entornei o restante da minha água, decidida a voltar para o quarto, porém, me assustei com a chegada abrupta do Enzo.

Seu sorriso debochado me irritou instantaneamente.

— O que faz aqui? — intimei, me esforçando para transparecer meu incômodo. — Estou esperando alguém — expus, endireitando a postura.

Sem se importar com minhas palavras, o idiota puxou uma cadeira e se sentou a minha frente, continuando a exalar aquele sorriso irritante.

Respirei fundo.

— Ah, sei disso — murmurou, se ajeitando. — E sinto muito pela demora, mas quis caprichar no visual. — Gesticulou para si mesmo.

Absorvi suas palavras, tentando decifrar as entrelinhas.

— Espera... — pisquei, confusa — mas eu não ia me encontrar com você.

O sorriso dele se tornou ainda maior, mas com aquela pitada de traquinagem.

Nesse momento, o entendimento se fez presente quando minha mente deu um estalo.

— Não acredito que você mexeu no meu celular! — exclamei, chocada, concluindo que ele deu um jeito de estragar meu encontro com o rapaz da praia. — Como pôde?

— Eu quem pergunto: como pôde marcar um encontro com outro cara na nossa lua de mel? — perguntou em tom baixo, mas com um resquício de mágoa.

Senti-me envergonhada.

— Não é como se eu fosse me encontrar às escuras. — Dei de ombros, não querendo mostrar minha vergonha. A maneira como ele falou me fez parecer uma traidora. — Eu apenas precisava conversar com alguém diferente, só isso. Seria uma conversa entre amigos — justifiquei.

— Tenho certeza de que o “*bonitão da praia*” não estava com esse pensamento — resmungou, fazendo minhas bochechas esquentarem. — Aposto que ele estava louco para entrar na sua calcinha.

Franzi o cenho, desviando os olhos.

— Está sendo infantil agora — murmurei, coçando a garganta. Olhei para todos os lados, menos para ele. — Enfim, já que nós dois

estamos aqui, por que não vai pegar bebidas? Minha garganta está seca.

Seu semblante, outrora, anuviado, suavizou um pouco.

— Já volto!

E saiu.

Permaneci no mesmo lugar, esforçando-me para restabelecer meu controle perdido.

De onde eu estava, pude admirar meu atual marido, o homem que mexia comigo de todas as formas imagináveis e inimagináveis. Enzo optara por uma (calça) jeans em tom azul-escuro, e uma camiseta estilosa. Os cabelos estavam bagunçados, mas de um jeito sexy.

De repente, tive minha inspeção atrapalhada pela chegada de uma mulher, que se empoleirou ao lado dele. Reconheci como sendo a mesma garota da praia, a que se insinuou toda.

Sem conseguir me segurar, me coloquei de pé e caminhei até os dois, no balcão.

— Pelo visto, você está sozinho — a ouvi dizer, com voz sedutora. — Se precisar de companhia para passar a noite, saiba que estou à disposição. — Sorriu, passando a mão no braço dele.

Não controlei o ciúme que dominou meus sentidos por completo. A única cor que passei a ver naquele momento foi o vermelho.

Cheguei mais perto, estufando o peito.

— Será que não está vendo a aliança no dedo dele, querida?
— intimei, arqueando as sobrancelhas. Ambos se assustaram com minha pergunta, visto que não tinham me percebido ali. Me aproximei do Enzo e segurei sua mão esquerda. Apontei para seu anelar. — A joia não é grossa ou brilhante o suficiente para você enxergar?

O rosto, ridiculamente bonito, se tornou tão pálido que cheguei a ficar com pena dela. Não muito, no entanto.

— Oh, juro que não percebi. — Piscou aqueles cílios longos repetidamente, me causando agonia. — Enfim, vou deixá-los a sós.
— Ergueu as mãos, se despedindo.

Semicerrei os olhos em sua direção enquanto ela se afastava, rebolando aquela bunda enorme.

— “Não percebi” ... “Não percebi” — fiquei repetindo, imitando a voz aguda da vadiazinha. Só parei quando ouvi a risada do Enzo atrás de mim. Me virei para ele, cruzando os braços quando me

deparei com sua expressão arrogante. — Posso saber qual a graça?

O sorriso aumentou.

— Você está com ciúmes — declarou ele, enlaçando minha cintura e beijando meu pescoço. Arrepios me tomaram por inteiro.

— Não se sinta tanto. — O estapeei de leve, me soltando do seu aperto. — Você estragou meu encontro, então não acho justo que tenha um — murmurei, não querendo dar o braço a torcer. Meu ciúme era mais que óbvio. — Vou esperar lá na mesa — avisei, virando as costas.

Fiquei trêmula apenas com a força do seu olhar sobre mim, mesmo eu não o encarando nos olhos.

Eu estava perdida nessa noite.

O único som que se ouvia naquele corredor silencioso era das nossas risadas escandalosas. Enzo e eu estávamos animados demais para conseguir manter a euforia somente para nós dois.

Quando ele abriu a porta do quarto, quase caímos um sobre o outro, perdidos naquela viagem bêbada.

Lentamente tirei meus saltos, ainda achando graça de algo idiota que Enzo falou, enquanto ele fechava a porta, colando a testa na madeira.

Preocupada, fui até ele, apertando seu ombro e exigindo seu olhar.

— O-o que foi?

Ele me encarou com tanta intensidade que fiquei sem fôlego. Fiquei sem reação no segundo que uma de suas mãos amoldou meu rosto. O calor da sua palma foi o suficiente para me fazer suspirar.

Também não reagi quando sua boca tocou a minha, num beijo cálido.

— *E-eu* estou bêbado — alegou ele, com os lábios nos meus. Sua outra mão firmou minha cintura, puxando meu corpo no seu.

Gemi audivelmente.

— *E-eu* também — admiti.

Entretanto, ignorei todos os alerta — que meu lado lúcido tentou soar aos meus ouvidos — e deslizei as mãos por seu ombro, enrolando seu pescoço com meus braços ansiosos. Aprofundei o beijo, permitindo que o desejo falasse mais alto.

Eu o desejava tanto que chegava a doer.

Enzo sempre foi e sempre seria o amor da minha vida.

Desesperados, ambos começamos a arrancar as roupas um do outro, desengonçados por conta da embriaguez.

Em determinado momento, Enzo tropeçou nos próprios pés quando tentou tirar as calças, e me levou junto para o chão.

Nossas risadas se misturaram, mas bastou voltar a olhar um para o rosto do outro para que o tesão reacendesse outra vez, e mais forte.

Terminei de arrancar meu vestido, ficando apenas de calcinha. Enzo torceu meu cabelo em sua mão e forçou minha cabeça para si, reivindicando minha boca na sua com um beijo aterrador. Arquejei, excitada, quando senti sua mão se fechando em meu seio; primeiro um, depois o outro.

O apertei assim que deslizou a boca por meu pescoço, colo, até chegar aos meus mamilos, onde mordeu, soprou e chupou. Não necessariamente nessa ordem.

Parou apenas para se colocar de pé e me ajudar a ficar de pé também. Em seguida, senti a textura do lençol em minhas costas

quando Enzo me deitou na cama macia, se colocando sobre meu corpo seminu.

Eu podia sentir quão duro ele estava enquanto pressionava sua rigidez em minha virilha. Seus beijos e mãos estavam em todas as partes, arrancando cada vez mais gemidos dos meus lábios.

— Você está tão molhada... — gemeu ele, arrastando os dedos por cima da minha calcinha úmida. De repente, deslizou o tecido para o lado e pressionou aquele amontoado de nervos.

Abafei um grito de prazer em sua boca, apertando sua cabeça em busca de apoio.

— Ah, eu sei que você quer gozar — soprou ele, mordendo meu lábio inferior e sugando-o em seguida. Acelerou os movimentos dos dedos. — Vou fazê-la gozar com meus dedos primeiro.

E assim ele fez.

Arqueei as costas, sempre em busca da sua mão, desejando mais.

Eu queria mais.

Seus beijos molhados intensificavam a sensação de prazer que estava quase me arrebatando. Quando o orgasmo chegou, arrancou minhas forças por completo; Enzo não deixou de me beijar

em nenhum momento, embora permanecesse me admirando enquanto eu estava desmanchando sob suas mãos.

— Tão linda... — me beijou de um jeito cálido.

Senti que ele estava arrancando minha calcinha, então ergui o quadril para facilitar.

Mesmo sob aquela névoa de embriaguez, eu pude visualizar um brilho intenso em seus olhos, causando-me tremores involuntários.

Enzo saiu da cama, tempo suficiente para retirar a cueca e me fazer admirar sua protuberância. Eu sempre o achei lindo lá embaixo, todo roliço e repleto de veias.

Me rastejei mais para cima da cama, abrindo minhas pernas num convite silencioso para Enzo.

Ele não se fez de rogado e abaixou a cabeça, passeando a língua pela parte interna das minhas coxas até abocanhar minha intimidade com um beijo de boca aberta, fazendo-me gemer palavras desconexas. Na verdade, era uma mistura de palavrões.

Ainda trêmula, comecei a sentir seus beijos subindo, circulando meu umbigo com sua língua e enchendo meus seios com sua boca gulosa, quase esfomeada.

Circulei sua cintura com minhas pernas, ansiosa por recebê-lo.

Enzo apoiou-se em um cotovelo, para não colocar o peso sobre mim, e fixou os olhos nos meus. Não dissemos nada.

Apesar de nossos olhares dizerem tudo.

Mordi os lábios para evitar gritar quando sua grossura me invadiu, alargando-me para ele. Eu estava tão molhada que a penetração foi numa estocada só.

Por um segundo, Enzo fechou os olhos, como se estivesse absorvendo a sensação, o momento.

Ali, nós dois voltamos a ser um só.

Voltamos a ser Enzo e *Lou*, o casal perfeito invejado por todos.

O casal cuja conexão era a mesma em todas as áreas do relacionamento.

Abri mais as pernas para facilitar e poder senti-lo mais profundamente quando Enzo iniciou as estocadas ritmadas. Sua boca buscou pela minha, exigindo meus beijos, meu fôlego, meus gemidos...

Estávamos com cheiro de suor e bebida, mas isso não importava. Nada importava, além de nós dois e o que estávamos sentindo.

E naquele momento, eu me permiti sentir tudo.

Tudo e mais um pouco.

Abri meus olhos, sentindo minha cabeça explodindo. A claridade do sol incomodou um pouco, então me obriguei a piscar de modo a me acostumar.

Demorei um pouco para fazer minha mente funcionar. Olhei para o lado, me deparando com Enzo adormecido; ele estava nu, e com um dos braços sobre o rosto.

Me sentei, ainda com a mente lenta. Levei o olhar para meu próprio corpo, percebendo minha nudez também. Logo, minha mente foi invadida por ‘flashes’ de horas atrás, quando Enzo e eu transamos.

O ar abandonou meus pulmões e minha garganta se fechou.

Voltei a olhar para ele, dormindo tão sereno e totalmente alheio ao meu desespero interno.

Lágrimas brotaram de meus olhos quando me vi consciente da minha fraqueza.

Como pude ser tão idiota?



Capítulo Quatorze

Enzo

Acordei abruptamente, um pouco assustado pelo som de alguns resmungos.

Minha cabeça estava um pouco dolorida por conta da nova ressaca, e piorou mais quando percebi a Louise sentada ao meu lado, com o corpo rígido, coberto por um robe. Imagens do sexo que fizemos de horas atrás invadiram meus pensamentos, fazendo meu coração se aquecer de pura euforia. Entretanto, me preocupei quando a ouvi fungar baixinho.

Me sentei, preocupado, esforçando-me para fazer minha mente funcionar direito, apesar da lentidão dos meus neurônios.

— Louise? — chamei, tocando seu ombro.

O fato de ela ter se retraído com meu toque me fez retirar a mão na mesma hora. Quando virou o rosto em minha direção meu mundo desabou ao enxergar o enorme peso da culpa estampado em seus olhos molhados.

— Nós dois transamos — declarou com tanta dor que a euforia que senti instantes atrás se dissipou automaticamente. — E não estou sabendo lidar com isso — confessou.

Franzi o cenho, nervoso com sua angústia.

Pulei da cama e procurei minha cueca pelo chão; estava me sentindo muito constrangido para continuar sem roupas.

Depois disso, dei a volta na cama e me sentei ao lado de Louise, que se ajeitou para eu poder me aconchegar mais perto dela.

— Ok. — Respirei fundo, forçando minha mente a funcionar. Eu estava aéreo por conta da resseca, além de estar com uma dor de cabeça bem intensa. — Sei exatamente o que você está sentindo, mas nós dois pode...

— Não, Enzo — me cortou, chorosa —, me desculpe, mas você não sabe — rugiu. — Você não sabe o que estou sentindo. — Pressionou o punho fechado sobre o peito. — Eu estou sangrando por dentro. Estou me sentindo uma idiota por ter me permitido entrar nessa loucura com você, mesmo depois de tudo o que me fez.

Nesse momento, se colocou de pé, permanecendo de costas para mim.

— Nós dois estávamos bêbados, mas eu senti você, Louise — argumentei, nervoso. — Senti seu amor. Não pode continuar negando que não me ama.

— Você está certo, eu o amo — admitiu, enchendo meu coração de esperanças. Se voltou para mim, enquanto abraçava a si mesma. — O amo tanto que chega a doer, Enzo... — choramingou — ter você... — gesticulou — estar com você... sempre foi tudo o que eu quis. E eu ainda quero isso.

Me levantei num rompante e fui até ela, amparando seu rosto com minhas mãos.

— Então vamos começar de novo, meu amor — pedi, enchendo seu rosto de beijos. — Podemos recomeçar.

— Você me traiu — expôs, me empurrando para longe e me oferecendo um olhar de escárnio. — Como espera que eu me esqueça daquela cena, Enzo? Hum? — indagou, numa mistura de raiva e choro. — Como espera que eu me esqueça do momento em que meu coração se partiu em incontáveis pedaços?

Travei o maxilar, levando as mãos ao meu rosto, tenso.

— A situação se torna difícil quando você não acredita em mim — exasperei. — Difícil quando ignora minhas palavras. No passado,

lhe fiz uma promessa de que jamais mentiria para você.

— É, mas você não cumpriu essa promessa. Aliás, essa e muitas outras — rebateu, apontando o indicador, acusatória. — Então, por favor, ao menos uma vez desde que nos separamos, por que não admite que estava me traindo com sua prima? Ou quer realmente que eu acredite que a cena que vi, com vocês dois nus naquela maldita cama foi fruto da minha imaginação?

— Eu não traí você — murmurei, cansado de sempre falar a mesma coisa. — A única coisa que me lembro daquela noite foi quando eu e você estávamos dançando — contei. — Depois, eu apaguei. — A expressão de incredulidade de seu rosto me desmotivou, mas continuei insistindo: — Na manhã seguinte, quando acordei, me deparei com a Karen em desespero por conta das suas acusações. Na verdade, depois de tudo, ela afirmou que não sabia de onde você tirou essa história de que nos flagrou na cama.

Louise sacudiu a cabeça, rindo de um jeito amargo.

— Típico de vocês, homens, colocar a culpa da traição nas mulheres.

Meu coração batia descompassado enquanto minha mente fervia com recordações do passado...

Flashback de dois anos atrás

“— O que houve? — perguntei, nervoso com a presença da Karen e da minha mãe no quarto em que eu estava. Pisquei, notando que estava nu debaixo do lençol. — Puta merda! Minha cabeça parece que vai explodir.

— A Louise acabou de sair daqui aos prantos, filho — comentou minha mãe, fazendo meu coração acelerar diante daquela notícia inesperada.

— O quê? Por quê? — questionei, preocupado, jogando as pernas para fora da cama.

— Ela não me contou o que aconteceu, mas entendi que estava muito magoada com você — lamentou, me encarando com um olhar acusatório. — Espero, de coração, que você não tenha feito nada para magoar aquela garota.

— Mas eu...

Minhas palavras se perderam, porque minha mãe saiu do quarto, me deixando com minha prima, que suspirou audivelmente.

— Bem, não tem motivo para eu continuar escondendo, porque Louise vai expor isso de qualquer maneira mesmo, então... — comentou, estalando os dedos e coçando a garganta. — Longos minutos atrás, eu estava passando pelo corredor, já que dormi aqui, considerando que sua festa foi até tarde da noite... — se calou, parecendo nervosa.

— Desembucha logo, Karen! — exclamei, impaciente.

Ela voltou a pigarrear.

— Foi quando a vi sair do seu quarto, e perguntei se você já tinha acordado, porque gostaria de conversar com você. Então, do nada, ela surtou.

Franzi o cenho, tentando me lembrar de algo, mas nada vinha a minha mente.

— Surtou?

— É, surtou! Começou a me acusar de várias coisas nada a ver, sobretudo, de sempre estar dando em cima de você; me xingou de tudo quanto era nome. — Arregalei os olhos, desnorteado de tão chocado. — Estou te contando, porque não faço a menor ideia do que ela vai dizer para você, nem o que vai inventar a meu respeito. Só queria que ouvisse minha versão primeiro.”

Fim do flashback

— Por que eu trairia você na noite da festa do meu aniversário, Louise? — questionei, dispersando minhas lembranças.

— Estávamos todos na casa dos meus pais, por que eu seria estúpido a esse ponto? Não que eu esteja afirmando que teria coragem de trair você em qualquer outro momento, apenas estou querendo expor meu ponto de vista. Isso não faz o menor sentido.

— Suspirei. — Você afirma ter me visto na cama com a Karen; eu não me lembro disso. Ninguém da minha família viu nada. E minha prima afirma que você e ela trocaram farpas, e que você surtou. — Joguei as mãos no ar, exausto. — Eu só quero entender. — Me deixei cair sentado na cama. — Só quero você de volta. Quero nossos planos de volta.

Louise continuava chorando, apertando o robe contra o corpo frágil.

— Eu o amo — reafirmou ela. — E provavelmente sempre vou amar enquanto eu viver. — Esfregou as mãos, inquieta. — Mas não sou forte o bastante para passar por cima de uma traição. Não dá. Não consigo. — Sacudiu a cabeça. — Eu serei infeliz, e farei questão de fazê-lo mais infeliz ainda.

Nesse momento, meus olhos nublaram quando absorvi sua declaração. Uma lágrima rolou por minha bochecha, seguida de outra e outra e outra.

Me coloquei de pé, resfolegando.

— Entendi — falei, engolindo em seco. — Vou tomar um banho agora. Acredito que não exista mais nenhum motivo para continuarmos aqui, neste resort. Então se não se importa, prefiro partir de volta para Nova York ainda hoje.

Ela não disse com palavras, mas assentiu com a cabeça que essa também era sua vontade.

A deixei sozinha no quarto e marchei até o banheiro, onde me permiti chorar como a um menino.

Naquele momento, entendi que não fazia sentido continuar insistindo.

Ali, decidi entregar os pontos.

Quando chegamos a Nova York, passava das seis da tarde. Fomos direto para meu apartamento, considerando que, antes do casamento, Louise já enviara suas coisas para lá. Dividirmos o mesmo teto era parte do acordo.

Durante a viagem de volta, nós dois não conversamos além do necessário. Não havia mais forças dentro de mim para continuar lutando por uma mulher que já desistira há muito tempo. Percebi que estava lutando sozinho.

Louise perdeu sua confiança em mim, e um relacionamento sem confiança não tinha futuro.

— Deixei suas coisas no quarto de cima — avisei, assim que abri a porta do meu apartamento. Não olhei para Louise em nenhum momento. A tensão entre nós dois era palpável, então eu queria evitar mais desgastes desnecessários. — Vou ficar com o quarto de baixo.

Caminhei pelo espaço do *lobby*, verificando se tinha ligações perdidas e e-mails em meu celular.

— Tenho uma secretária do lar que trabalha aqui diariamente — expliquei, mantendo o tom distante. — Ela chega perto das sete da manhã, então fique à vontade para conversar com ela a respeito dos cardápios, da maneira como prefere a arrumação da casa, enfim... — joguei as mãos no ar. — É isso.

Continuei seguindo, ansioso para me afastar dela o quanto antes, mas sua voz me parou:

— Enzo? — Senti a mágoa em sua voz. — Pretende me tratar assim agora, com essa indiferença? — Minhas costas se enrijeceram, e respirei fundo. — Caramba! Você nem mesmo me olhou desde que saímos do Caribe. Como espera levar esse contrato adiante, hein? Ainda temos longos meses de convivência pela frente, então precisamos chegar a um consenso aqui.

— Uma vez eu falei que quando você deixasse claro que era hora de eu desistir de tentar reconquistá-la, que eu jogaria a toalha — murmurei. Me virei para ela, encarando seus olhos tão feridos quanto os meus. — E você deixou, Louise. Deixou isso claro como água. — Fiz uma careta. — E, no fundo, eu estou cansado. Cansado de tentar convencê-la da minha inocência; cansado de sempre receber grosserias quando só ofereço meu amor. — Esfreguei meus cabelos. — Não existe mais forças aqui dentro... — bati contra meu peito. — Então, eu só... — me calei, olhando para baixo por um segundo — Eu só preciso ficar um pouco sozinho, lambar minhas feridas e decidir o que farei da minha vida daqui para frente. Olhar para você agora... — gesticulei em sua direção — dói.

Ela não disse nada, embora seus olhos estivessem brilhando com lágrimas não derramadas.

Permaneci a encarando por alguns instantes até virar em meus calcanhares e continuar seguindo para o quarto.

Minha cabeça estava uma bagunça, assim como meu coração. E entendi precisar de coragem para dar um passo necessário dali por diante.

Louise merecia sim, ser feliz. Mas eu também merecia.

E já passou da hora de eu me concentrar em minha própria felicidade.



Capítulo Quinze

Enzo

Dois meses depois

— Segura *pra* mim, por favor. — Me apressei a colocar a mão antes que as portas do elevador se fechassem por completo, e Louise entrou, esbaforida. — Obrigada.

Inspirei seu perfume, disfarçadamente, quando ela se ajeitou ao meu lado; estava usando um de seus rotineiros terninhos; cabelo escovado, caindo em cascata por seus ombros.

Me coloquei no canto do espaço pequeno, distante o suficiente para evitar qualquer contato. Na verdade, nas últimas semanas, eu vinha me distanciando de Louise gradativamente. Nossa convivência se transformou em algo como: bom dia, boa tarde e boa noite. Fazíamos a encenação de “casal apaixonado” somente em público, e quando necessário.

— Vai almoçar no escritório? — ouvi sua pergunta de repente, me obrigando a dispersar os pensamentos.

A encarei, me sentindo impactado pela sua beleza genuína.

— Provavelmente — respondi no exato momento em que as portas se abriram. — Tenha um bom dia, Louise.

Saí do elevador, apressando os passos enquanto verificava o horário em meu relógio de pulso.

— Podíamos almoçar juntos — argumentou ela, se esforçando para me acompanhar, já que estava de salto alto e eu estava andando bem rápido.

Meu telefone começou a tocar.

Olhei para Louise, que parecia nervosa e expectante.

— Não vai dar — cortei. — Terei um dia cheio. — Destravei meu carro ao longe. — Fora a reunião com o conselho. Meu avô pretende passar a liderança para mim hoje.

— Será hoje? — quis saber, espantada. — Eu não sabia — queixou-se, consternada. — Você não me contou. Aliás, você nem sequer conversa comigo ultimamente.

Franzi o cenho, destemperado.

— Eu pensei que era isso que você queria — resmunguei, me aproximando do meu carro esportivo.

— Não pedi para você me ignorar. — Fez uma careta, que em nada diminuiu sua beleza, pelo contrário, a deixou ainda mais linda.

Abri a porta, suspirando. Meu telefone não parava de tocar.

— Então estava confortável quando eu vivia correndo atrás de você como um cachorrinho? — indaguei, sem esconder a irritação.

Vi que meu tom a surpreendeu.

— Não falei isso — defendeu-se. — Eu só penso que nós... — pigarreou, apreensiva — poderíamos ser amigos. Afinal de contas, ainda teremos alguns meses pela frente até... — se calou por um segundo — esse acordo acabar. — Encolheu os ombros.

— Mas nós somos amigos — declarei, olhando para meu celular. Olívia não parava de me ligar. — Amigos distantes — concluí, voltando a suspirar. — Até mais, Louise. — Entrei no carro e fechei a porta.

Ela permaneceu no mesmo lugar, me observando enquanto me oferecia um aceno sutil.

Quando coloquei o carro em movimento, resolvi atender a ligação da minha irmã através do sistema da Central Multimídia do veículo.

— *Por que tanta demora em me atender, pirralho?* — resmungou, fazendo-me revirar os olhos. — *E se eu estivesse à beira da morte, precisando da ajuda do meu único irmão?*

— Uau! Dramatização logo cedo? Não são nem oito horas da manhã — murmurei, em tom divertido.

— *Argh, cala a boca e me escuta!* — exclamou, impaciente. Mesmo atento ao trânsito, fiquei preocupado com a tensão que senti em seu tom de voz. — *Eu descobri tudo, Enzo. Descobri a verdade sobre aquela noite.*

Minha testa franziu e meu coração acelerou inevitavelmente.

— *Demorou mais do que eu previa, mas tive que ganhar a confiança da Karen primeiro para ela me contar* — minha irmã continuou dizendo. — *Mas desconfio que ela tenha contado, porque é arrogante demais ao ponto de acreditar que você jamais acreditaria em mim se eu revelasse. Ela realmente pensa que tem domínio sobre você.* — Me obriguei a jogar o carro no acostamento, pois meu nervosismo aumentou.

— Explique — pedi, tenso demais para soar gentil.

— *Vou fazer melhor* — disse ela. — *Eu gravei tudo, então vou enviar o vídeo da conversa toda para seu celular* — declarou.

Em seguida, encerrou a ligação e, instantes depois, me enviou o tal vídeo.

Com a mão trêmula, cliquei sobre ele e comecei a assistir e ouvir à conversa das duas. A princípio, não acreditei no que estava ouvindo da Karen, pois, honestamente, sempre tive uma relação boa com minha prima; ousava dizer que eu tinha mais intimidade com ela do que com Olívia. Mas naquele momento, conforme ia ouvindo todos os absurdos que ela falava naquele vídeo, as peças pareciam estar se encaixando; as coisas foram fazendo sentido. Eu não sabia que ela era apaixonada por mim, embora percebesse algumas situações constrangedoras que ela simulava entre nós dois, mesmo depois que comecei a sair com Louise.

Raiva começou a tremular em minhas células, corroendo-me como a um ácido. Karen forjou tudo. Me dopou e me deixou nu, em seguida, tirou as próprias roupas de modo a fazer Louise nos flagrar juntos. Depois me fez acreditar que tudo não passou de um surto psicótico da minha namorada.

Ela me manipulou.

Eu ainda estava absorvendo toda essa loucura quando Olívia voltou a me ligar.

— *O que pretende fazer agora?* — perguntou em tom cauteloso. — *Honestamente, estou tão irritada quanto envergonhada por nunca ter acreditado em você quando dizia que jamais traiu a Lou.* — Senti a sinceridade de seu arrependimento em cada uma das suas palavras. — *Espero que um dia possa me perdoar por isso, meu irmão.* — Não falei nada, porque ainda estava absorvendo e assimilando tudo o que acabara de descobrir. — *Mas veja pelo lado bom, essa é a prova que faltava para mostrar a Louise sua inocência. Finalmente, irmão. Você e ela poderão encerrar esse ciclo de dor e mágoas.*

Sacudi a cabeça.

— Agora é tarde demais — decretei em lamento. — Sou grato a você, porque jamais teria descoberto a manipulação da Karen na minha vida, e farei questão de dar um fim nisso ainda hoje. — Rangi os dentes, furioso. — Mas em relação a Louise e eu, não tenho mais forças, *Oli*. Sinto-me muito cansado. Eu só quero ser feliz, e não tenho mais certeza se minha felicidade seja ao lado dela.

— *Isso significa que você não a ama mais?* — surpreendeu-se.

— Pelo contrário, meu amor por ela cresce mais a cada dia — fui honesto. — Mas o amor nem sempre é suficiente. Enfim, vou desligar agora.

— *Espera, Enzo...*

A interrompi:

— Obrigado por tudo, irmã. — Desliguei, sem querer continuar a conversa.

Permaneci encarando o aparelho de celular por alguns minutos, pensando no que fazer.

Quando restabeleci meu controle, girei a chave na ignição e acionei a primeira marcha. Logo estava com o carro na pista outra vez, pronto, não somente para retomar o rumo que estava antes, mas o rumo da minha vida também.

Era final de tarde quando me encontrei com minha prima em seu local de trabalho; Karen era gerente em uma rede de lojas de roupas de grife.

— Eu não sabia que você estava aqui. — Sorriu, animada ao me ver. — Está me esperando há muito tempo? Por que não me avisou que viria?

Firmei seus ombros quando ela tentou me abraçar, o que a deixou confusa.

— O que houve? — questionou, com a testa franzida. — Parece chateado.

— Eu vim aqui apenas para te fazer uma pergunta — murmurei, observando suas reações. Estávamos em sua sala privada. — Você se divertia com as manipulações que fazia comigo?

Seu rosto perdeu a cor.

— O-o quê? — gaguejou, enrijecendo o corpo. — Do que está falando?

Tentou passar por mim, de modo a fugir, mas a segurei pelo braço.

— Você destruiu meu relacionamento com a Louise, e tudo por quê? Por implicância?

— Implicância? — repetiu, sacudindo a cabeça. — Você enlouqueceu, só pode. — Se soltou do meu aperto com um safanão. — Vou perdoar suas ofensas, porque vejo que está chateado com algo, mas não quero continuar essa conversa. — Foi até a porta e a abriu, gesticulando para a saída. — Por favor, vá embora!

A encarei, incrédulo. Comecei a rir descontroladamente.

— Como nunca percebi isso antes? — Apontei, entre risos, sentindo raiva de mim mesmo. — Como pude ser tão burro? Tão idiota? — Travei o maxilar. — Você sempre fez isso; sempre manipulou minhas próprias palavras contra mim, ou a seu favor. Manipulava minhas ações, tudo. Eu era como sua marionete.

Espanto tomou conta de seu rosto bonito.

— Não adianta continuar negando, porque a Olívia gravou sua confissão — declarei, entortando os lábios. — Gravou você narrando, e com detalhes, a maldade que você fez contra mim e Louise na festa do meu aniversário.

Ela deu uma risada, sacudindo a cabeça.

— Eu sabia que ela iria tentar te envenenar a meu respeito — afirmou, magoada. — Desde o momento que Olívia começou a se aproximar de mim, eu já percebi que ela estava com intenção de me fazer cair numa armadilha. Sua irmã nunca gostou de mim, você sabe.

— JÁ CHEGA! — gritei, indignado com sua tentativa de me fazer de idiota. — Chega de toda essa loucura, Karen. Eu estou enxergando agora, estou vendo você em toda sua podridão.

Minhas palavras duras pareceram fazer efeito, porque a preocupação tomou conta de seu rosto.

— Enzo, por favor, eu posso explicar — alegou com voz melosa, se aproximando de mim após fechar a porta.

— Ajeita essa tua voz se quer que eu ouça sua explicação sem ter vontade de vomitar — rosnei, enojado.

Saí de perto dela quando tentou me tocar.

— Sou apaixonada por você — contou em desespero. — Sempre fui. E esse amor me cega, não consigo controlar minhas ações.

Neguei.

— Isso não é desculpa para as barbaridades que fez — rugi em revolta. — Não explica o fato de você ter descido tão baixo, Karen. — Apontei. — Você me descredibilizou com nossa família e com a garota que eu amo, apenas meu avô acreditou em mim. E tudo isso para quê?

— Porque eu te amo! — exasperou.

Voltei a sacudir a cabeça.

— Não, Karen, não ama! — exclamei, ultrajado. — O que você tem é uma imagem deturpada do amor, me tornando um verdadeiro

refém de suas vontades. Você ignora a essência do sentimento, que é desejar a [felicidade](#) do outro, independentemente de qualquer circunstância externa. — Suspirei. — Uma pessoa que ama a outra de todo o seu coração irá sempre torcer pelo bem dela, estejam elas próximas ou não. — Me calei por um segundo, sentindo-me cansado. — A partir de hoje, quero você fora da minha vida — decretei.

— Enzo, por favor...

— Eu quero você fora da minha vida, Karen! — repeti, cortando suas palavras. — E é melhor seguir meu conselho, caso contrário farei da sua vida um inferno. Posso ser considerado uma pessoa boa, mas garanto que como vilão, eu serei melhor ainda.

Fúria ondulou através de mim, e fiquei satisfeito quando a vi engolir em seco, assustada.

Depois disso, dei nossa conversa por encerrada e marchei para fora daquela sala. Ou melhor, para fora da vida dela para sempre.

No lado de fora do prédio, fui surpreendido por uma chuva torrencial. Quando cheguei ao carro, eu já estava encharcado.

Somente naquele momento — desde que toda a verdade veio à tona — eu finalmente entendi o peso que isso significava em

minha vida. Então, eu me permiti chorar.

Chorei de raiva.

De dor.

Tristeza.

Frustração.

Mas, especialmente, de libertação.



Capítulo Dezesseis

Louise

As últimas semanas foram tão arrastadas quanto meus sentimentos conflitantes. Enzo e eu não conversávamos mais que o necessário, na verdade, eram raras às vezes em que tomávamos um simples café, mesmo dividindo a mesma casa.

E, honestamente, eu não sabia o que pensar a respeito disso.

Desde o começo de toda essa loucura de casamento, eu só pensava em desistir da decisão, ou melhor, eu queria que Enzo desistisse de tentar me reconquistar, porque não havia forças dentro de mim para perdoá-lo. Entretanto, vendo que ele finalmente desistira, meu coração se tornou pequenino. Eu estava sentindo falta do seu sorriso esperto e de sua voz grave; estava sentindo falta até mesmo de nossas alfinetadas.

Enzo se fechou numa bolha própria e me deixou do lado de fora.

E mesmo sendo o que, de certa forma, eu desejei, me sentia triste. Triste por ele, triste por mim.

Por nós.

Porque eu o amava.

Amava tanto que, nos últimos dias comecei a pensar que talvez fosse certo dar uma chance para nós dois assim como ele tanto pedira; passar uma borracha no passado e começar a viver apenas o presente. Por que não dar ouvidos ao desejo que fervia em meu coração?

Meu telefone tocou, me tirando dos meus pensamentos. Atendi sem nem visualizar o nome no visor.

— Enzo? — falei, esbaforida.

Olívia riu do outro lado da linha.

— *Wou! Que tom angustiado é esse? Aliás, não reconhece mais o meu número?*

Suspirei, trilhando o espaço e parando próxima às vidraças da janela de onde eu podia ver a chuva forte e intensa.

— Me perdoe, *Oli*, mas atendi sem olhar o identificador — expliquei com um suspiro. — Estou preocupada com seu irmão, pois ele não chegou até agora — confessei, tensa. — Por acaso, você

falou com ele hoje? Nós só nos falamos de manhã cedo, e não estou conseguindo ligar para o celular dele, porque a chamada cai direto na caixa postal. — Levei a mão livre a boca, ameaçando roer as unhas.

— *Bem, eu também falei com ele apenas de manhã* — respondeu ela. — *Já tentou ligar para o escritório?*

— Liguei mais cedo e me disseram que ele já saíra de lá — reclamei.

De repente, comecei a ouvir o barulho de chave na porta.

— Ai, acho que é ele, *Oli!* — exclamei, eufórica. — Acho que ele chegou!

— *Ok, ok* — resmungou ela tão animada quanto eu. — *Ei? Fica esperta, pois acredito que ele tenha algo para te dizer.*

Franzi o cenho perante suas palavras, mas não dei tanta importância. Logo, encerrei a chamada.

Quando Enzo finalmente abriu a porta, meu coração quase saiu pela boca de tanto alívio. Ele estava todo encharcado.

— Oh, meu Deus, Enzo! — Corri até ele, abraçando-o com tanta força que foi por pouco que não o derrubei no chão, visto que ele não estava esperando minha reação. — Eu estava tão

preocupada. — O apertei um pouco mais, agradecida por senti-lo em meus braços.

— Ei?! — Deu uma risadinha, esfregando minhas costas. — O que foi? Por que está assim? — quis saber, afastando o rosto enquanto tocava o meu. — Parece pálida. — Observou, colocando meus cabelos para trás da minha orelha. Seu toque me causou todo tipo de emoção.

— *E-eu* fiquei preocupada, porque você estava demorando a chegar em casa — expliquei, gaguejando. — E com essa chuva forte lá fora só vinha pensamentos ruins na minha cabeça.

Ele deu um sorriso fraco.

Se afastou um pouco, arrancando o paletó. Suas roupas estavam escorrendo água pelo piso todo.

— Me desculpe por deixá-la apreensiva — soprou, estremecendo devido ao frio. — Mas o trânsito realmente estava caótico pela chuva, por isso demorei mais do que o costume para chegar. E acabei ficando sem bateria no meu celular.

Lambi os lábios, me preparando para conversar com ele, Mas Enzo foi mais rápido e falou antes:

— Enfim, estou bem! — afirmou. — Só preciso de um banho quente e uma boa noite de sono. — Sorriu.

Dizendo isso, se afastou de mim e seguiu em direção ao seu quarto.

Inquieta, me apressei a chamá-lo:

— Enzo?

— Oi? — Se voltou para mim, expectante.

Torci as mãos uma na outra, pensando nas palavras certas para dizer.

— A *Oli* comentou que você tinha algo para conversar comigo — foi a única coisa que veio a minha mente.

Na mesma hora que pronunciei as palavras, eu vi que seu semblante mudou.

Deu de ombros, indiferente.

— Acho que ela se enganou.

Fiquei parada no mesmo lugar, observando-o se afastar até se perder no corredor que levaria ao seu quarto.

Uma semana depois

— Eu espero que o assunto seja realmente urgente para você ter me tirado de uma audiência importante, *Oli* — comentei, me sentando em uma das cadeiras. — Sabe que não me sinto confortável em deixar um caso nas mãos dos meus estagiários, gosto de estar por perto sempre.

— Melhor beber. — Arrastou uma garrafa de cerveja pela mesa, em minha direção. Estávamos em uma lanchonete o qual frequentávamos às vezes. — Vai por mim, vai precisar — garantiu ela, com os braços apoiados sobre a mesa.

Estranhei sua expressão, mas aceitei a cerveja.

— Você está esquisita — comentei. — Não que você seja diferente disso, na maior parte do tempo, mas...

Comecei a rir quando ela me beliscou, nitidamente ofendida.

— Vadia! — resmungou, rindo comigo.

Me joguei contra o encosto da cadeira, varrendo os olhos ao redor. Beirava seis da tarde.

— Então, o que tem *pra* me contar, afinal? — intimei. — Já estou angustiada aqui de tanta curiosidade.

Fiquei ainda mais nervosa quando a vi respirar fundo.

— Primeiramente, quero que saiba que não me sinto nenhum pouco confortável em estar aqui, fazendo esse papel que era do meu irmão, mas como o homem é teimoso demais não vi outra solução.

Endireitei minha postura com sua menção ao Enzo, sentindo-me aflita.

— Pelo amor de Deus, fala logo, *Oli*.

— Vou deixar esse vídeo falar por mim. — Me mostrou seu celular onde pude ver ela e Karen conversando.

À medida que fui ouvindo o conteúdo do vídeo, meus olhos foram se enchendo de lágrimas e minha mente se encheu com recordações...

Flashback

“Acabara de conversar com minha mãe, avisando que dormiria com Enzo naquela noite, quando retornei ao ambiente barulhento no lado de dentro da casa. Era aniversário dele, então ali estavam todos os familiares e amigos.

— A senhora sabe onde o Enzo está? — perguntei a minha sogra quando a vi descendo às escadas. — Já procurei por todas as partes da casa, mas não o encontrei em lugar algum.

— A última vez que o vi, ele estava subindo ao quarto com a Karen, querida. — Sorriu.

Sorri também, embora, por dentro estivesse fervendo. Eu odiava a prima dele, e o sentimento era recíproco. Era esquisito, porque eu sentia que Karen sempre queria disputar a atenção dele comigo, o que era ridículo e estranho, porque a namorada era eu.

Respirando fundo, subi as escadas e fui até o quarto, mas não estava preparada para visualizar aquela cena. O chão desabou sob meus pés, e me obriguei a cobrir o rosto com minhas mãos para evitar gritar.

Enzo estava nu, com Karen, também nua, beijando seu peito.

Arquejei, o que a fez notar minha presença; a vadia nem sequer fingiu surpresa ou constrangimento quando me viu ali, quase desmaiando.

Sem forças e sentindo a náusea me encobrir, virei as costas e saí dali.”

Fim do flashback

Meu rosto estava molhado pelas lágrimas que rolavam sem parar. Eu não sabia o que pensar. Não sabia o que dizer.

— Ele já viu isso? — perguntei com a voz engasgada, referindo-me ao vídeo que assistia repetidamente.

Olívia assentiu com a cabeça.

— E por que ele não me disse nada? — rebati, alvoroçada. — Não entendo.

Minha melhor amiga suspirou baixinho.

— Enzo ficou tão surpreso quanto você e eu ficamos — explicou ela. — Meu irmão sempre foi muito ligado a Karen, por isso não conseguia visualizar esse lado ruim dela, sabe? Essa maldade. Então, você já deve imaginar o choque dele, quando a viu em sua verdadeira face, hum? — Bufou, esfregando o rosto de modo frustrado. — Eu pensei que essa prova seria o suficiente para acabar com esse abismo entre vocês dois, porque é nítido que ainda se amam. — Chorei um pouco mais. — Então ele me disse que o amor nem sempre é o bastante.

Solucei alto.

Olívia segurou minha mão, tão angustiada quanto eu.

— Meu Deus! Eu estraguei tudo, *Oli*. — Cobri meu rosto com a mão livre. — Terminei com ele sem nem ao menos ouvir sua versão da história. — Sacudi a cabeça, me odiando. — E depois, mesmo o

escutando, não acreditei nele. Eu nunca acreditei quando ele afirmava que não tinha me traído.

— Mas é compreensível — argumentou ela, tentando me confortar. — Caramba! Você viu o amor da sua vida na cama com outra. Você viu, ninguém contou.

Respirei fundo, querendo me acalmar, mas estava difícil.

— Você acredita que ele vai me perdoar? — perguntei, aos prantos. — Eu o magoei muito.

Olívia pegou minhas duas mãos e as apertou, me dando forças e esperanças.

— Agora é sua vez de lutar, amiga — declarou com fervor. — Assim como ele fez por você.

Assenti com a cabeça, empenhando-me a parar de chorar. Me coloquei de pé, inspirando o ar profundamente.

— Eu vou — asseverei.

Olívia também se colocou de pé, deu a volta na mesa e me abraçou apertado.

— Vocês vão ficar bem — garantiu ela. — Sinto isso.

Eu não tinha tanta certeza, mas me esforcei para acreditar.

Quando cheguei em casa, percebi o lugar silencioso, e cogitei que Enzo ainda não chegara. Verifiquei o horário, percebendo que ele estava atrasado.

Agitada, subi ao meu quarto, disposta a tomar um banho e me preparar para recebê-lo. Não fazia ideia do que falaria nem de como começaria a conversa, mas certamente pediria perdão. E quantas vezes fosse preciso.

No quarto, algo chamou minha atenção quando olhei para a cama. Tinha uma pasta em tom pardo, e em cima dela, uma carta.

Trêmula, me sentei no colchão e peguei o envelope pardo primeiro. Descobri que dentro dele, tinha uma cópia do acordo que Enzo e eu fizemos, meses antes, entretanto, ali, em minhas mãos, descobri que o documento se tratava de uma desistência. No final da folha pedia a assinatura das partes envolvidas, e Enzo já assinara. O outro documento era um pedido de divórcio, também assinado.

Meus olhos já estavam nublados nessa altura do campeonato. Percebi que dentro do envelope tinha outra coisa, e soluzei quando

vi ser um cheque. Um cheque contendo a quantia que exigi para me casar com ele.

Peguei a carta, me tremendo toda, sem coragem de ler.

Me levantei, com ela nas mãos, zanzando de um lado ao outro, me debulhando em lágrimas. Eu não queria aceitar.

Não queria aceitar quão estúpida eu fui.

A carta não era tão extensa, mas esse detalhe em nada ajudou a amenizar minha culpa nem minha dor.

“Louise, baby...

Estou escrevendo essa carta com o coração partido, porque juro que não era isso que eu queria; não era dessa forma que almejei que as coisas terminassem entre nós. Porém, sei reconhecer quando algo não está dando certo, quando não está fazendo bem. E nós não estamos mais fazendo bem um ao outro, sei disso. Por amar você demais, cheguei a conclusão de que acabar com esse acordo é a melhor decisão para nós dois, mesmo faltando alguns meses.

Para facilitar os trâmites, já deixei os documentos assinados, tanto do acordo quanto do divórcio, além do cheque com o valor o qual você estipulou.

Espero, de coração, que você seja feliz, Louise, pois sua felicidade é tudo o que almejo.

Com amor, Enzo.”

Voltei a me sentar na cama, sentindo o desespero me tomar por completo.

Meu coração parecia sufocado.

Atormentada, peguei meu telefone e disquei o número dele, mas percebi que ele me bloqueou.

Naquele momento, olhando para aqueles papéis sobre a cama, entendi que, na verdade, Enzo me bloqueou da vida dele.



Capítulo Dezessete

Louise

Passei os últimos dias chorando e me lamentando. Mas somente na noite anterior que criei coragem e fiz uma chamada de vídeo para meus pais contando tudo para eles, tudo a respeito do meu passado com Enzo e sobre o casamento, que não passava de um contrato financeiro. Obviamente que os dois ficaram muito decepcionados e me repreenderam bastante, mas garantiram que ficariam do meu lado fosse qual fosse minha decisão.

Olívia soube do que aconteceu e fez questão de vir para o apartamento do irmão me confortar; acabou dormindo comigo todos aqueles dias de *bad*, alegando que do jeito que eu estava depressiva, eu poderia fazer alguma besteira.

Funguei, com o coração cheio de lamento pela minha sorte de merda.

— Tá legal, agora chega! — exclamou Olívia, abrindo a porta do quarto, com um copo de café na mão. — Se levanta dessa cama

e tome um gole de café preto para curar essa ressaca de choradeira. — Abriu as cortinas, permitindo que a luz do sol entrasse no cômodo.

Me sentei na cama, num misto de emoções. Tinha certeza de que se eu não aceitasse o café, Olívia me empurraria goela abaixo.

Peguei o copo com o líquido fumegante enquanto observava minha melhor amiga caminhar pelo quarto e abrir as portas do closet.

— Você precisa parar de chorar. É hora de reagir — declarou, jogando um vestido sobre a cama. — Eu realmente não sei onde meu irmão se escondeu, mas sei quem sabe.

Pisquei, passando as costas das mãos no nariz.

— Quem? — Beberiquei o café forte.

Olívia parou o que estava fazendo e me encarou com obstinação.

— Meu avô.

Eu estava nervosa quando ergui a mão e acionei a campainha da porta de madeira, toda trabalhada, da casa da família do Enzo.

Fui recebida pela minha sogra, ou ex-sogra, nem sabia mais como denominá-la.

— Olá, querida! — exclamou com um sorriso genuíno. Me puxou para um abraço apertado. — Que bom ver você. — Se afastou, acariciando meu rosto; percebi seu olhar triste. — Sinto muito por você e meu filho. Fiquei com o coração partido quando soube que ele saiu de casa.

Baixei os olhos, suspirando baixinho.

— Eu também estou — admiti. Inspirei profundamente. — O senhor Adam está? Gostaria muito de conversar com ele.

— Claro! Por favor, entre. — Gesticulou para o interior da casa linda.

Eu estava aflita, com as mãos geladas, mas meus olhos brilharam quando observei a decoração natalina. Era a época do ano que eu mais gostava.

— Ele está na sala — respondeu senhora Abigail, tocando o meio das minhas costas com carinho. — Essa é a hora do jornal dele. — Sorriu, amável. — Meu pai não perde o noticiário.

A acompanhei, sentindo minhas pernas amolecidas. Meu relacionamento com a família do Enzo sempre foi bom, todavia,

estava me sentindo nervosa devido à minha situação com ele.

— Papai? — chamou Abigail, seguindo na minha frente. — O senhor tem visita.

Abri um enorme sorriso quando visualizei o homem imponente, sentado tão à vontade no sofá, e de um jeito que eu não estava acostumada a ver. O grande advogado Adam Miller era conhecido por ser um homem implacável nos tribunais.

Quando seus olhos pousaram nos meus, um imenso sorriso brilhou em seus lábios.

— Oh, Louise! — Se colocou de pé.

— Por favor, não se levante... — tentei impedir, mas foi em vão. Logo, senti seus braços envolverem meus ombros para um abraço.

— Vou deixá-los a sós. — Ouvi a voz da senhora Abigail.

— Estou surpreso por ver você aqui — comentou senhor Adam, após se afastar de mim. — Sente-se. — Apontou para o sofá adjacente.

Respirei fundo e me sentei.

— Tenho certeza de que o senhor já deve imaginar o motivo para eu estar aqui — murmurei, sorrindo fraco. — Enzo saiu de

casa.

O homem a minha frente sorriu compreensivo, ciente de tudo o que estava acontecendo.

— Sim, eu sei — expôs, em tom entristecido. — Não fiquei, e não estou contente com essa situação — acrescentou, desligando a televisão. — Como você está? Parece que não anda dormindo direito. — Observou, penalizado.

Mesmo com toda maquiagem, não consegui esconder minhas olheiras.

Neguei com a cabeça.

— Estou péssima! — confessei, olhando para minhas próprias mãos. — Jamais pensei que passaria por algo tão doloroso na minha vida. — Engoli o desejo de chorar. — Há dois anos, quando terminei meu relacionamento com ele, eu tinha um motivo. E era um motivo muito forte, senhor Adam, era real, entende? — Ele assentiu, indulgente. — Mas agora descubro que foi tudo uma farsa, uma mentira. Descubro que abandonei o amor da minha vida, pior, que magoei o amor da minha vida por nada. E isso está me matando. O distanciamento dele está me matando lentamente.

O senhor Adam sacudiu a cabeça, pensativo sobre minhas palavras.

— O que você está disposta a fazer a respeito disso?

Franzi o cenho, absorvendo sua pergunta e respirando profundamente.

— Quero reconquistá-lo — respondi, sem pestanejar. — Usar as minhas forças para recuperar nosso relacionamento, já que as dele se esgotaram.

Um sorriso imenso tomou conta dos lábios dele.

— Suas palavras me fizeram feliz, querida — comentou ele, ainda sorrindo. — Você sabe que... — pigarreou — meu neto me procurou para pedir ajuda a seu respeito?

Minha testa ganhou um vinco.

— Sêrio?

— Sim. — Se ajeitou no sofá, divagante. — Ele nunca se recuperou do término de vocês, há dois anos, mas não sabia mais o que fazer para tentar reconquistá-la. — Baixei os olhos, triste. — Então, juntos, nós dois pensamos na ideia de criar uma disputa pelo meu cargo no grupo Miller.

Arregalei os olhos, espantada com o que acabara de ouvir.

— O quê? — Pisquei, chocada. — Então quer dizer que...

O sorriso gentil se transformou em algo travesso.

— Essa história de casamento em troca do meu cargo foi tudo uma armação para ele poder ter mais tempo com você — confessou. — Eu ainda não estou pronto para abandonar a direção do grupo, querida, sou novo ainda. — Gesticulou para si mesmo, arrogante, fazendo-me sorrir. — Meu neto queria tempo para tentar convencê-la de que ele ainda a amava, de que era inocente. Então, eu ajudei. Obviamente que meu filho Charles, que sempre almejou o poder, tornou a disputa mais séria e genuína. — Rolou os olhos, indignado. — Inclusive, não perdia a oportunidade de tentar me colocar contra o sobrinho, alegando que o relacionamento de vocês era mentiroso.

— Eu estou sem palavras — falei, sacudindo a cabeça, meio desnorteada. — Ainda não acredito que Enzo fez tudo isso por mim — acrescentei, ainda mais apaixonada.

— Pois acredite, menina — garantiu. — Ele fez — seu tom era orgulhoso. — Aquele rapaz é louco por você.

Meus olhos lacrimejaram um pouco mais.

— Onde ele está? — perguntei com a voz embargada. — Eu sei que o senhor sabe, então, por favor, me ajude a encontrá-lo. Preciso vê-lo. Preciso dizer a ele o quanto sinto muito, o quanto o amo.

Senhor Adam continuou me encarando, num misto de sentimentos. De repente se inclinou para frente e pegou minhas mãos nas suas, que estavam quentes.

— Ele me fez jurar que não diria nada, mas não consigo resistir ao pedido de uma garota chorando. — Suas palavras me fizeram sorrir em meio as lágrimas. Funguei quando sua mão veio parar em meu rosto molhado. — Então, tenho certeza de que meu neto conseguirá me perdoar, hum? O que você acha?

Deixei um sorriso aliviado escapar.

— Acredito que sim — murmurei. — Ele vai entender o senhor.

— Só me prometa uma coisa — pediu, e eu assenti, passando os dedos abaixo dos olhos. — Prometa que o fará feliz. Prometa que aprenderá a ouvir a voz do seu coração a partir de hoje.

— Eu prometo! — exclamei, com meu coração sufocado de amor.

Senhor Adam sorriu amplamente.

— Ótimo! — Pareceu satisfeito. — Enzo foi para a cabana nas montanhas.

Eu me lembrava desse lugar, ao norte de Nova York; era paradisíaco, com uma vista deslumbrante para o rio Hudson.

Me coloquei de pé na mesma hora, ansiosa demais para continuar ali, de mãos atadas. Senhor Adam também ficou de pé, abrindo os braços.

— Faça uma boa viagem, querida!

Sorri com alegria, me jogando em seus braços calorosos.

Pela primeira vez em dias, eu me senti feliz, com esperança.



Capítulo Dezoito

Enzo

O rádio tocava uma das minhas músicas favoritas enquanto eu preparava o peixe que pesquei mais cedo. O anoitecer estava próximo, e o vento forte rajando no lado de fora da cabana anunciava a tempestade a caminho.

Desde que decidi sair de casa, dias atrás, dando liberdade a nós dois — Louise e eu — o primeiro lugar que veio a minha cabeça para passar um tempo sozinho foi ali. Aquela propriedade estava na minha família a gerações; uma abundância de pensamento e energia foi gasta no planejamento desta cabana. Quando o projeto de uma casa se desenvolve a partir da singularidade do local, ela parecerá tão natural e tão parte integrante do todo quanto as árvores são parte da floresta. A cabana não se situava no topo do ponto mais alto do terreno, onde ficaria totalmente exposta, mas sim parcialmente descida, permitindo que a mata atrás desse (privacidade) e abrigasse a casa.

Era isso que eu buscava: privacidade.

Um pouco de solidão para reorganizar meus pensamentos depois de toda bagunça que minha vida se transformou.

Não foi nenhum pouco fácil abdicar do meu relacionamento com Louise, mas entendi que nós dois não tínhamos mais nada. E precisei de muito esforço para perceber isso. Perceber que só estava fazendo a garota que eu amava sofrer.

Respirei fundo, terminando de temperar o peixe; depois, comecei a lavar o arroz. Eu tinha verdadeira paixão pela culinária, pois para mim era uma arte. E me acalmava.

Quando terminei de fritar o arroz com os temperos, acrescentei a água fervida e diminuí o fogo.

Outra música começou, o que fez meu corpo se remexer no ritmo das batidas. De repente, me assustei quando luzes de faróis de um carro se chocaram contra as vidraças da janela da cozinha.

Me espantei, pois, não estava esperando ninguém ali. E por ser uma propriedade particular, a entrada de desconhecidos era totalmente proibida.

Preocupado, peguei a espingarda atrás da porta e me preparei.

— ENZO?

Pisquei ao som dessa voz. Todo meu corpo tremeu em reconhecimento.

Guardei a arma e me apressei a abrir a porta. A chuva estava bem forte, dificultando minha visão, mas eu vi a silhueta de uma mulher ao lado do carro.

— Louise? — perguntei, ainda em dúvida se estava realmente vendo a cena, ou tendo alucinações.

Ela correu pela chuva e entrou na varanda. Estava esbaforida e toda encharcada.

— Meu Deus, mulher, o que faz aqui? — Pisquei, abrindo espaço para ela poder passar. A chuva estava muito forte para continuarmos ali fora. — Como me encontrou?

Ouvi seus dentes baterem um no outro, devido aos calafrios, quando passou por mim, para o aconchego da cabana. Fechei a porta, sentindo minhas mãos trêmulas.

— Seu avô me contou onde você estava — disse, com os lábios tremendo.

Sacudi a cabeça, desnortado.

— Você precisa trocar de roupa — avisei. — Ou vai acabar ficando doente. — Mal terminei de falar e ela espirrou. — Droga,

Louise!

Peguei-a pela mão e a levei para o quarto que eu estava ocupando.

Como ela mal estava conseguindo ficar parada devido aos tremores, decidi auxiliá-la.

— Não acredito que você se aventurou nessa tempestade — resmunguei, arrancando seu casaco enquanto ela me ajudava no processo de retirada. — Enlouqueceu? Poderia ter acontecido um acidente com você.

— *E-eu* precisava ver *vo-você* — declarou, com dificuldade devido aos tremores de frio. — *Pre-precisava* ver *vo-você*.

Ela ergueu os braços quando deslizei sua blusa pela sua cabeça, deixando-a somente de sutiã.

Caminhei até o guarda-roupas e escolhi uma camiseta minha. Quando retornei, Louise estava terminando de tirar a calça. Ignorei sua seminudez e auxiliei na colocação da roupa seca. Minha camiseta ficou quase como um vestido nela, considerando que era mais baixa em estatura do que eu.

Por um momento, nós dois ficamos nos olhando.

Fazia dias desde a última vez que nós nos vimos, mas senti como se tivesse passado uma eternidade. Deixá-la foi a decisão mais difícil que tomei.

Segurei suas mãos, que espalmaram meu peito.

— Você está gelada — falei, sentindo minha respiração irregular. — Precisa se aquecer.

Entrelacei nossos dedos e nos tirei do quarto, seguindo para a sala, onde tinha uma lareira. A cabana era equipada com um excelente sistema de aquecedor.

Deixei Louise sentada no sofá e, em seguida, peguei uma coberta e cobri suas pernas. Eu estava fazendo tudo no automático, pois a ficha ainda não caíra; não conseguia acreditar que ela realmente estava ali.

— Você não parece muito feliz em me ver aqui — disse ela, longos minutos depois, quebrando o silêncio. Lhe entreguei uma xícara de chá quente, depois me sentei ao seu lado. Eu achei melhor desligar a comida do fogo, pois não teria concentração para cuidar do jantar.

Olhando Louise de perto, eu pude notar as olheiras em seus olhos, deixando nítido sua dificuldade em dormir nos últimos dias.

— Eu apenas estou surpreso — falei a verdade. — Estou tentando entender, na verdade.

Me recostei no sofá, esperando que ela explicasse o motivo da visita, entretanto, Louise parecia tão cansada que tudo o que fez foi beber seu chá e buscar o aconchego de meus braços.

Longos minutos depois, percebi sua respiração serena, sinal de que estava dormindo. Então, a peguei em meu colo e a carreguei até o quarto. Minha mente estava a mil, mas daria aquele espaço a ela. Fosse o que fosse o motivo da visita, teria que esperar até o amanhecer.

O sol ainda não saía totalmente, mas eu já estava cortando lenha. O suor escorria da minha testa, pescoço e nuca conforme eu movimentava meu corpo. Eu gostava do barulho da cidade grande, mas gostava ainda mais do silêncio do campo. Pois, era ali que minha mente conseguia se curar das feridas do tempo.

Deixei o machado no chão, apenas tempo suficiente para retirar minha camiseta molhada. Aproveitei para enxugar o suor do rosto com ela. Permaneci parado no instante que ouvi passos atrás de mim; nem precisei me virar para saber quem estava ali.

— Tem café pronto na cozinha — murmurei sem me virar, voltando a pegar o machado.

— Eu já tomei um gole — falou ela, se aproximando devagar.

Ajeitei a madeira em minha frente, me preparando para cortar mais alguns pedaços, porém minha concentração já falhara. Então, desisti e soltei o ar que segurava.

Quando finalmente adquiri coragem para encarar Louise, notei que ela ainda usava minha camiseta, embora estivesse com um xale por cima dos ombros devido ao frio. Me angustiei quando a ouvi espirrar algumas vezes; percebi seu nariz avermelhado. Certamente pegou um resfriado.

— Acredito que estou pronta para conversar agora — soprou ela, torcendo as mãos uma na outra.

— Tudo bem. — Assenti. — Mas vamos conversar lá dentro — avisei. — Vejo que você se resfriou pela chuva de ontem, então é melhor se resguardar.

Gesticulei, num pedido silencioso para ela ir à frente.

Instantes após dar a volta na cabana, ambos entramos. Observei quando Louise seguiu direto para o calor da sala, onde eu deixara a lareira acesa.

Fui ao banheiro e joguei uma água no rosto. Em seguida, saí do cômodo e caminhei até a sala, passando minha própria camiseta em meu rosto, pescoço e peito.

Louise estava sentada no sofá, olhando para a lareira, mas se voltou em minha direção quando apareci no espaço.

Suspirando, tomei o assento ao seu lado, mantendo-me sério.

— Você está incomodado com minha presença aqui, eu posso sentir isso — murmurou em tom magoado, quebrando o silêncio cortante.

Respirei profundamente.

— Como eu disse ontem... eu só estou tentando entender o motivo para você estar aqui. — Dei de ombros, olhando para todos os lados menos para ela. — Estou me esforçando para seguir minha vida, Louise. — Balancei a cabeça. — E eu pensei que você estaria fazendo o mesmo, visto que lhe dei a liberdade. — Senti-me sufocado com minhas próprias palavras, porque estas me magoaram.

Como ela não disse nada, me obriguei a encará-la e me deparei com seu olhar tão entristecido quanto o meu.

— Por que não me contou sobre o vídeo? — perguntou sem rodeios, mas não foi em tom de acusação, mas de pesar. — Por que preferiu omitir a verdade sobre aquela noite, Enzo?

Franzi a testa, pensativo. Desviei o olhar, preferindo encarar minhas próprias mãos.

— Porque eu estava cansado de tentar fazer você acreditar em mim — respondi com honestidade. — Estava cansado de magoar você, e de ser magoado. — Respirei fundo. — O amor que sentimos um pelo outro é notório, Louise, mas não consigo mais acreditar que possamos ser felizes.

— Você desistiu.

— Você me fez desistir — rebati, um pouco irritado com sua acusação. — Por você estar aqui, certamente conversou com meu avô, então ele deve ter contado tudo a respeito do plano de casamento. — Me levantei, agitado demais para continuar sentado. — Não pode dizer que não tentei, Louise. E, por favor, não me julgue por chegar ao meu limite, pois você foi a primeira a desistir de nós dois, dos nossos sonhos.

— Eu peguei você na cama com a sua prima! — exasperou ela. — Vocês dois estavam nus, o que queria que eu pensasse?

Como eu poderia acreditar na sua palavra e não no que meus olhos viram?

Inspirei profundamente, mas não falei nada.

— O que você faria se estivesse no meu lugar, hein? Teria acreditado em mim? Teria agido diferente? — insisti.

Travei o maxilar, assimilando tudo aquilo.

— Eu realmente sinto muito por tudo o que passamos nos últimos anos — acrescentou ela, se colocando de pé também e se aproximando de mim. — Sinto muito por todas as minhas palavras e atitudes que te magoaram — sua voz embargou, o que fez meu coração se apertar. Odiava vê-la chorando. — Sinto muito por não ter acreditado em você em todas as vezes que me afirmou não ter feito aquilo... — amparou meu rosto com suas mãos. — Eu sinto muito, Enzo. — Fechou os olhos e colou nossas testas. — Você saiu de casa, me devolvendo minha liberdade, mas estou aqui agora para te dizer que não aceito. — Voltou a me olhar nos olhos. Estava com o rosto tão próximo que eu podia sentir o aroma que escapava de suas narinas. — Não aceito ficar sem você. Não aceito viver meus sonhos sem você. Eu não quero viver minha vida sem você. — As lágrimas deslizaram livremente de seus olhos, emocionando a

mim também. — Eu tentei e não deu certo. — Sorriu, dando de ombros. — Por favor, não desista de mim. Não desista de nós. Me perdoe.

Emocionado, circulei sua cintura e coleí nossas testas, inspirando seu perfume natural. Uni nossos lábios num beijo cálido.

— Você tem certeza de que conseguiremos? — soprei a pergunta com a voz embargada. — Tem certeza de que poderemos enfrentar os obstáculos e seguir em frente?

Suas mãos deslizaram por meus ombros e seus braços se enrolaram em meu pescoço quando Louise chegou mais perto, fazendo-me sentir o calor de seu corpo no meu.

— Bem, não sei se ajuda, mas eu tenho um cheque com alguns milhares de dólares — zombou, arrancando-me uma risada profunda.

A ergui em meus braços, girando-a em meu colo enquanto ouvia sua risada, que se misturava a minha. Quando parei, nossos sorrisos foram se dissipando lentamente à medida que nos encarávamos.

— Eu amo você — declarei com fervor. — Você é a mulher da minha vida.

Mordeu os lábios, tão emocionada quanto.

— Então me ame — pediu. — Me ame, meu amor.

Possuí sua boca sem nem pestanejar, circulando sua cintura, apertando sua carne enquanto nos encaminhava para o quarto.

Louise levou as mãos até meu peitoral, ansiosa para passear os dedos em minha pele quente. Quando chegamos ao quarto, deslizei a camiseta que ela estava usando para cima, por sua cabeça, adorando sentir sua pele sob meus dedos.

— Ah, senti tantas saudades... — minha boca desceu por seu pescoço, lambendo sua pele, sugando e mordendo seus ombros.

Desesperada, Louise arrastou as mãos por meu peito nu, descendo até chegar ao meu short, onde baixou. Entretanto, a impedi de continuar, já que a empurrei delicadamente contra o colchão.

Na mesma hora que ela se deitou, me coloquei sobre seu corpo, reivindicando seus lábios outra vez, sem condições de parar de beijá-la.

Eu não poderia, nem se quisesse.

Minhas mãos estavam em todos os lugares, explorando aquele corpo que eu conhecia como a palma da minha mão. Eu

conhecia todos os pontos, cada centímetro dele.

Desci o bojo do seu sutiã, em seguida, abocanhei seu mamilo, amassando o outro seio com minha mão. Louise gemia tanto que meu pau pulsava dolorosamente. Eu podia sentir a maneira como seu quadril se remexia, de modo a buscar uma fricção em seu pontinho necessitado.

— Enzo... — suas mãos puxavam meus cabelos.

Apertando seus seios, arrastei meus lábios por sua barriga e lambi seu umbigo, mantendo seu corpo parado. Quando cheguei o rosto entre suas pernas, funguei o nariz em sua bocetinha, por cima da calcinha mesmo, inspirando seu cheiro. Não resisti e dei uma mordidinha, arrancando um gemido de Louise. Rapidamente retirei aquela peça minúscula, consciente de que tal lentidão estava sendo dolorosa demais para nós dois; meu pau pulsava furiosamente.

Assim que fixei os olhos na delícia rosada que estava entre suas pernas, afundei o rosto ali, tão esfomeado que tudo o que pensava era em me esbaldar no seu mel, sugando tudo o que Louise pudesse me dar.

Seus gritos desesperados serviam como estímulo para minha língua, que sugava sem parar. Logo, comecei a introduzir meus

dedos e intercalar com os movimentos da minha boca e língua. A maneira como Louise se debatia debaixo de mim me dizia que ela estava tão perdida em prazer quanto eu, ali, dando tal prazer a ela.

Deslizei os braços por baixo de suas coxas, de modo a encher as mãos com seus seios fartos, onde apertei e comecei a beliscar os mamilos túrgidos. Fiquei nessa sessão por um bom tempo.

Não tinha pressa.

Somente após proporcioná-la dois orgasmos com minha língua e dedos, que eu me dei por satisfeito e iniciei uma trilha de beijos por seu corpo todo até chegar a sua boca. Pairei o rosto acima do seu, encarando seus olhos emocionados e dilatados de pura luxúria.

Tudo o que eu sabia fazer era sorrir feito um bobo apaixonado.

— Eu amo você — soprou ela, tocando meu rosto. — Amo você.

Afastei suas pernas com as minhas, sentindo quando Louise abraçou minha cintura com elas, fazendo-me gemer com o contato de nossas intimidades.

— Eu também. — Baixei a cabeça, tocando nossas bocas. — Amo você demais.

Ela estava tão lubrificada que a penetração foi numa estocada só. Isso nos fez gemer juntos.

De olhos fechados, comecei a me movimentar; lentamente a princípio. Entretanto, o tesão não permitiu que eu continuasse postergando aquilo que meu corpo tanto desejava.

As investidas foram se intensificando, piorando mais com os gemidos altos de Louise, suas unhas cravando a pele das minhas costas.

— Mais forte, Enzo! Mais forte!

Me apoiei sobre os braços, forçando sua perna contra seu abdômen; isso fez a penetração se tornar mais profunda. Joguei a cabeça para trás, perdido naquele prazer exorbitante que era estar com a mulher que eu amava.

— Oh, puta que pariu, Louise!

— Eu vou gozar — avisou ela, arqueando-se toda. — Por favor, não para... não para...

No instante seguinte, seu gemido foi tão excitante que se tornou o estopim para mim. Meu orgasmo chegou, me arrebatando completamente. Demorei a perceber que o urro que ouvi saíra de mim mesmo.

Exausto, me deixei cair na cama, tomando o cuidado de puxar Louise comigo, para meu peito.

Nossas respirações estavam descompassadas. E, além do vento se chocando contra a cabana, era o único som que ouvíamos.

— Isso quer dizer que estamos bem? — perguntou ela, instantes depois, quebrando o silêncio confortável.

Sorri, beijando sua cabeça.

Afastei um pouco meu rosto para poder encarar seus olhos.

— Estamos mais que bem, *baby*. — Beijeí sua boca gostosa.
— Estamos apenas começando nossa jornada.

Sorrimos um para o outro, totalmente conscientes da força do que sentíamos.

Era amor, e dos mais fortes.



Capítulo Dezenove

Louise

— O que está pensando? — Enzo perguntou de repente, sem parar de acariciar meus cabelos. Nós estávamos na sala de espera do hospital da região. Mais cedo, quando anoiteceu, meu corpo deu sinais de que não estava bem; comecei a ter febre e muita ânsia de vômito. Então, Enzo não sossegou enquanto não me levou ao pronto-socorro mais próximo. No momento, esperávamos o resultado de alguns exames.

Ergui a cabeça de seu ombro e o encarei.

— Estou pensando que precisamos fazer novos votos — murmurei com um sorriso. — Algo particular. Só nosso.

O sorriso que ele me ofereceu foi tão lindo que não resisti ao desejo de beijá-lo.

— Eu pensei que você pediria para realizarmos uma nova cerimônia — alegou e eu fiz uma careta.

— Não. — Continuei com a expressão feia. — Por favor, não me obrigue a passar por tudo aquilo de novo.

Sua risada inundou o ambiente, e pressionei minha mão em sua boca, querendo impedir seu escândalo.

— *Shh...* — soprei, rindo junto. — Se controla, pois, estamos num hospital.

Ele mordeu minha mão, fraquinho e, em seguida, me roubou um beijo.

De repente, meu nome voltou a ser chamado e ambos nos colocamos de pé. Logo, seguimos para a sala onde o médico nos aguardava.

— Por favor, sentem-se. — O homem de idade gesticulou para as duas cadeiras a frente da sua mesa. Foi o que nós fizemos enquanto observávamos o médico começar a examinar os papéis que tinha em mãos. — Vocês dois são recém-casados, suponho?

Enzo e eu sorrimos um para o outro; a felicidade brilhava de nós dois como ondas magnéticas.

— Sim, — foi Enzo quem respondeu, pegando minha mão e beijando. — Essa mulher aqui é o amor da minha vida, doutor.

Minhas bochechas esquentaram tanto quanto meu coração.

— Fico feliz por ouvir isso, pois a notícia que estou prestes a dar vai mudar a vida de vocês dois. — Tanto eu quanto Enzo nos concentramos no médico a nossa frente, numa mistura de expectativa e preocupação. — O exame de sangue acusou gravidez.

Pisquei, espantada.

— *Gra-gravidez?* — gaguejei, apertando a mão do Enzo. As últimas semanas foram tão conturbadas que nem sequer prestei atenção na irregularidade da minha menstruação.

— Sim, a senhora está grávida — repetiu o médico. — Através do exame de sangue não é possível verificar o tempo exato de gestação, mas acredito que esteja bem no início — explicou. Olhei para o Enzo, que estava mais pálido do que eu. — Seu mal-estar é típico durante esse período, assim como enjoo e alterações intestinais. Todos esses sintomas costumam acontecer durante o primeiro trimestre. — Pegou seu receituário e começou a escrever rapidamente. — Vou receitar alguns medicamentos que poderão ajudar a aliviar esses incômodos, mas aconselho que inicie um acompanhamento com seu obstetra de confiança.

Ainda em choque, senti o calor da mão do Enzo em meu rosto, exigindo meu olhar no seu.

Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas.

— Nós vamos ter um bebê — soprou, puxando meu rosto para perto do seu, onde beijou meus lábios. — Vamos ter um bebê — repetiu. — Vamos ter um bebê.

Sorri em meio as lágrimas.

— Sim, nós vamos. — O abracei, de olhos fechados. Minha mente estava cheia de pensamentos adversos. — Eu estou com medo — soprei em seu ouvido, estremecendo levemente.

Nesse momento, Enzo ignorou a presença do médico, e se concentrou somente em meu rosto, branco pelo peso da notícia.

— Mas eu estou com você. — Segurou minha cabeça, acariciando meus cabelos e pressionando nossas testas unidas. — Nós estamos juntos. — Beijou meus lábios. — E eu te amo.

— Também amo — soprei, suspirando.

— Nós vamos ter um bebê — voltou a repetir, fazendo-me rir.

— Sim, nós vamos! — exclamei, o beijando. Nós nos abraçamos, um abraço que significava que estávamos juntos não

somente fisicamente, mas de todas as formas possíveis e inimagináveis.

Ficamos na cabana por mais dois dias, até decidirmos voltar, pois, queríamos comemorar o Dia de Ação de Graças com a família. Obviamente que todos ficaram numa mistura de espanto e euforia quando nos viram juntos, considerando tudo o que aconteceu; mas Enzo e eu preferimos empurrar essa conversa para depois das festas de fim de ano. O importante mesmo era estarmos todos unidos.

Como meus pais estavam na cidade, a senhora Miller decidiu convidá-los para o almoço de Natal.

— Hmm... essa torta de maçã parece deliciosa! — comentou minha sogra, quando minha mãe estendeu o prato em sua direção logo que chegaram.

Abracei meu pai, deixando um beijo estalado em sua bochecha. Sorri quando ele fez cócegas em minha cintura. Enzo se aproximou, estendendo a mão para meu pai em um cumprimento.

Me senti um pouco apreensiva quando meu pai puxou Enzo para um lado da casa, de modo a conversarem a sós. E antes que

eu pudesse roubar minha mãe para mim, minha sogra foi mais rápida e a levou para a cozinha.

Mordi os lábios, nervosa.

Ao longe, vi Olívia em frente a lareira, observando as meias coloridas penduradas. Sorrindo, fui até ela. No caminho, ignorei a Karen e seu pai, que me encarou com uma expressão de raiva; claramente não se conformava com a maneira como as coisas terminaram na empresa do pai. O senhor Adam fez questão de frisar que o grupo Miller era dele, e que tão cedo não renunciaria ao cargo de liderança.

— O que está pensando? — perguntei a minha melhor amiga, abraçando-a por trás e beijando seu ombro. — Vai dizer que está triste por que não encontrou uma meia pendurada com seu nome? — Gesticulei para a lareira.

Olívia riu.

— Justamente — confirmou, tão séria que acreditei. — Não me conformo com isso — exasperou-se. — Eu fui uma boa menina o ano todo.

Gargalhei alto, e Olívia me puxou para outro abraço. Senti seu carinho.

— Você não faz ideia da minha felicidade ao ver vocês dois juntinhos — murmurou, instantes depois, respirando com alívio. — Agora sim, as coisas estão em seus devidos lugares. — Sorriu ao se afastar e encarar meu rosto. — Ainda não acredito que aqueles dois inventaram toda essa história de casamento. — Sacudiu a cabeça, espantada. — Me enganaram direitinho.

Sorri também.

Nesse momento, minha sogra surgiu na sala espaçosa avisando que o almoço já seria servido. Então todos nós nos reunimos perante a linda mesa farta.

Os enfeites em época de Natal, nos Estados Unidos, era uma forte tradição entre os americanos; então, deixar a casa muito enfeitada com luzes, bonecos de neve, renas iluminadas, presépios e Papai Noel na varanda eram uma verdadeira disputa entre os vizinhos para ver de quem seria a melhor decoração.

Quando Enzo surgiu em meu campo de visão, deu uma piscadela como se dissesse que a conversa com meu pai fora boa. Eu já conversara com meus pais antes, inclusive, contado a respeito da gravidez, mas isso não isentava o Enzo do papo de “é seu dever cuidar bem da minha filha.”

Com todos reunidos à mesa, me surpreendi com o tilintar de uma taça. Logo, notei meu marido de pé, exigindo a atenção de todos.

— Todos os anos ao chegar à época natalina muitos se perdem entre presentes, correrias às lojas, mesas fartas de comida..., — se calou por um instante. — Mas será o Natal apenas isso? — perguntou. — Não! Natal é tempo de celebrar o nascimento do nosso Salvador e assim deixar renascer em nossos corações, o amor, a paz e a esperança. Natal é momento de perdão, de esquecer as tristezas e as amarguras, e é época de fortalecer o coração na fé. Natal é tempo de família, muitos risos e alegrias. É época de fraternidade e união, e tentar que assim seja o ano todo. — Sorriu. E de repente, olhou para mim, estendendo a mão. Aceitei e me coloquei de pé também, fechando os olhos quando senti seu beijo em minha testa. — E, eu não poderia estar mais feliz nesse momento, reunido com as pessoas que eu mais amo, e ao lado da mulher da minha vida. — Me encarou, pedindo silenciosamente para contar a novidade a eles. Assenti, sorrindo com emoção. — Sendo assim, não vejo momento mais propício para contar uma novidade que enche meu coração de alegria e furor a cada amanhecer. —

Sorriu amplamente, desviando os olhos para o pessoal. — Louise e eu estamos “grávidos”.

A agitação foi unânime ao redor, fazendo-me sorrir.

— Nós vamos ter um bebê — complementei, emocionada, ao som das parabenizações.

Foi impossível segurar o choro quando fomos abraçados; e esse carinho me fez sentir amada, cuidada e... em casa.

Sim, eu estava em casa.

Alguns meses depois

O decorrer dos últimos meses foi mais tranquilo do que cogitei que seria, considerando tudo o que aconteceu. Meus pais decidiram dar uma pausa nas viagens, pois alegaram querer aproveitar comigo minha gravidez, ansiosos demais pela chegada da neta; a relação deles com Enzo melhorava mais e mais a cada dia, o que enchia meu coração de amor. Como combinado, depois das festas, toda a família se reuniu para esclarecer os fatos que nos levaram a tantas mágoas e atitudes impensadas; então, Enzo e eu deixamos claro a todos eles que nós estávamos juntos e que isso não mudaria.

Finalmente, Olívia começou a namorar, embora não renunciasse ao nosso momento de garotas; na verdade, minha melhor amiga mal conseguia disfarçar a felicidade sempre que olhava para mim, e me sufocava com seus cuidados exagerados devido à minha gravidez. No fundo, eu desconfiava que ela e Enzo estavam de complô contra mim, para revezarem na vigia sobre tudo o que eu fazia ou deixava de fazer.

Já era fim de tarde quando apaguei as luzes da minha sala, me preparando para ir embora. Minha secretária já tinha se despedido, minutos antes, e eu acabara de receber uma mensagem do Enzo avisando estar quase chegando.

Sorri ao terminar de ler.

Entretanto, meu sorriso desvaneceu quando me deparei com Karen, parada na saída da minha sala.

Eu e ela quase não havíamos nos visto nos últimos meses, e agradei por isso, pois tudo o que me importava era minha saúde e, consequentemente a saúde do meu bebê.

Automaticamente, levei as mãos a minha barriga de quase sete meses, em um gesto protetor.

— O que faz aqui? — perguntei, esbaforida.

Karen franziu o cenho ao olhar para minha barriga.

— Vim conversar — disse, trilhando o espaço silencioso. Estremeci com o som de seus saltos batendo contra o piso.

Dei alguns passos para trás por puro instinto.

— Me desculpe, mas não tenho nada para conversar com você — declarei em tom seco. — A única coisa que quero é distância. Você me fez muito mal, Karen.

— Eu sei — disse ela, parando em minha frente. Estava usando uma calça social e uma blusa sofisticada. — Não estou aqui *pra* pedir para trocar figurinhas com você, nem para pedir desculpas. — Fez uma careta com o mero pensamento disso — Eu apenas vim... — pausou por um segundo, parecendo pensar na escolha de palavras — Enfim, estou de partida. Vou embora de Nova York.

Arqueei as sobrancelhas, sem esconder o espanto pela sua declaração.

— Eu sei o que deve estar passando pela sua cabeça agora, Louise — julgou ela, sem me deixar comentar nada. — Provavelmente está se perguntando o que me levou a vir até aqui, para falar isso *pra* você... — sorriu, sacudindo a cabeça. — Para

falar a verdade, eu mesma não sei responder a isso — deu de ombros, entortando os lábios — Talvez seja raiva, despeito... — suspirou — não sei. Por muito tempo, eu odiei você. Odiei o que você representava para o Enzo, pois era o mesmo que ele representava para mim.

Engoli em seco, sentindo o engasgo do choro travando minha garganta.

— Mas nas últimas semanas, entendi que sou muito melhor do que isso — concluiu, gesticulando. — Sou linda e gostosa, e não preciso me indispor com outra mulher por um homem. — Empinou o nariz. — Não que meu ódio por você tenha passado, mas vendo você hoje em dia, sinto que posso conviver com a escolha dele, sobretudo, pela gravidez. Jamais teria essa coragem. — Apontou em minha direção com uma careta.

— Não que seja da sua conta, mas Enzo e eu não planejamos esse bebê, apesar de ele estar sendo muito desejado hoje. — Acaricieei meu ventre avantajado, sem esconder o amor esbaldando de meu peito.

— Eu sei — afirmou. — Consigo ver a felicidade do Enzo.

Por um momento, nós duas permanecemos nos encarando.
Um misto de sentimentos e emoções ondulando entre nós.

— Não me importo com o que você pensa a meu respeito,
Louise — quebrou o silêncio. — Mas garanto que sempre o amei.

Entortei os lábios, incomodada.

— Jeito estranho de amar — resmunguei.

Inspirando fundo, ela se preparou para ir embora.

— Pense o que quiser, mas essa é minha verdade, e para mim, é tudo o que importa — rugiu, seguindo para o elevador, onde apertou o botão para acioná-lo. — Você tem a obrigação de fazer meu primo feliz — decretou ela. — Já que o roubou de mim — acrescentou.

Sacudi a cabeça, dando uma risadinha.

— Há um equívoco nessa sua frase — apontei, cruzando os braços com as sobrancelhas arqueadas. — Você afirma que roubei Enzo de você, mas o problema é que ele nunca foi seu.

Ao contrário do que pensei, ela não fez nenhum comentário, ao invés disso, me ofereceu um sorriso. As portas do elevador se abriram e ela entrou, despedindo-se com um aceno leve.

Assim que as portas se fecharam, inspirei profundamente, sentindo a leveza me dominar por completo.

Instantes depois, meu celular vibrou com uma mensagem do Enzo avisando estar me esperando lá embaixo.

Acelerei os passos e segui para o elevador.

Enzo estava recostado contra a porta do carro quando me viu chegando. Emocionada, devido à conversa estranha que tive com Karen, me aproximei dele e o abracei.

— Ei?! — Se preocupou, arrastando as mãos por minhas costas e enchendo meu pescoço e rosto de beijos. — O que foi? Está tremendo.

Neguei com a cabeça.

— Não é nada — menti, amparando seu rosto e o beijando. Decidi não contar sobre minha conversa com sua prima, pois não havia necessidade. — Eu só estava com saudades.

Seu sorriso lindo aqueceu meu peito.

— Ainda não me acostumei com esse descontrole de seus hormônios — argumentou ele, me apertando levemente, fungando o nariz em meu pescoço. — Vamos para casa — pediu, se afastando,

porém, mantendo a mão espalmada em minhas costas. Abriu a porta do carro para mim. — Vou preparar um delicioso banho de banheira para você, e fazer uma massagem relaxante em seus pés, hum? — Voltou a fungar a ponta do nariz em meu pescoço, dessa vez dando uma mordidinha em minha orelha.

— Hmmm... essa oferta de massagem é válida somente para meus pés? — insinuei, maliciosa. — Porque existem outras partes de meu corpo tão necessitadas quanto. — Mordi os lábios, atrevida.

Sua risada soou alta e divertida. Eu amava ouvi-lo sorrir.

Amava fazê-lo feliz.

— Estou sempre disposto a servi-la, *baby*...

Dizendo isso, voltou a me abraçar, reivindicando meus lábios para si em um beijo quente.

Todas as preocupações e receios desapareciam quando estávamos juntos. E só existia eu, ele e nosso bebê.

Nossa família.



Capítulo Vinte

Enzo

Semanas depois

— Para de fazer essa cara de preocupação, Enzo — comentou Louise, assim que desliguei o carro em nossa garagem. Tínhamos acabado de retornar do hospital, onde ela foi examinada, pois, vinha sentindo dores há alguns dias e isso nos preocupou demais, porque sua gravidez já passava das trinta e oito semanas. — Você ouviu o médico, eu estou bem. Estamos bem. — Ela amparou meu rosto com sua mão quente, querendo me tranquilizar. — Meu incômodo é apenas reflexo da infecção urinária que eu tive.

Dizendo isso, ela se afastou e abriu a porta do carro.

— Ele pode ter falado, mas isso não significa que amenizou minha preocupação — resmunguei, a seguindo para dentro de casa. Meses atrás, eu e ela decidimos nos mudar para uma casa nova e maior por conta do quarto do bebê e de visitas. O projeto arquitetônico foi feito de acordo com nossos planos, incluindo todos os detalhes que idealizamos.

— Enzo, pelo amor de Deus, eu não aguento mais os seus resmungos no meu ouvido, homem! — ralhou ela, em tom impaciente, seguindo para a cozinha. — Eu não quero me desesperar, mas juro que seu desespero já está começando a passar para mim. — Pegou um copo no armário e parou para me encarar.

— Amor, eu... — minhas palavras se perderam no instante que olhei para seu vestido. Pisquei, assustado.

— Oh, oh... — resmungou ela, seguindo meu olhar enquanto arreganhava as pernas.

— O-o que significa esse: oh, oh? — indaguei, sentindo minhas pernas amolecerem.

Louise voltou a me olhar, depositando o copo sobre o balcão. Respirou fundo e trilhou o espaço até mim.

— Querido, você precisa ser forte — declarou ela, como se estivesse falando com uma criança. — A bolsa acabou de romper, e isso significa que nossa menina vai nascer — falou lentamente, segurando meu rosto. Estava calma, diferente de mim que parecia o puro caos.

Demorei um pouco a reagir, mas logo ameacei me afastar.

— Vou ligar para o médico e avisar. Já vai indo para o carro enquanto eu pego as...

— Não vai dar tempo, Enzo. — Louise me cortou, cravando as unhas em meu braço, me mantendo no lugar. Sua expressão de dor me desesperou ainda mais. — Ela está vindo — acrescentou, pressionando a mão livre na barriga. — Eu posso sentir.

A cor fugiu do meu rosto.

Desde o começo da gestação dela, eu falava que não iria assistir ao parto por conta do medo de acontecer algo comigo, tipo desmaiar. Então aquela situação estava sendo muito assustadora.

— Enzo? Enzo? — Louise estapeou meu rosto, impaciente. — Me ajuda. Por favor, fica aqui comigo.

Esfreguei meu rosto, buscando toda força necessária para enfrentar aquele pavor; eu precisava ser forte por elas, as duas preciosidades da minha vida. E eu seria.

— Está bem — soprei, pegando Louise em meus braços.

Carreguei-a para a cama, onde a ajeitei entre travesseiros e cobertas.

Em seguida, fiz uma ligação para o médico, explicando toda a situação a ele; deixei no viva-voz de modo a pedir instrução

enquanto o socorro não chegava.

Eu estava nitidamente apavorado, mas me esforcei ao máximo para não demonstrar isso, pois desejava que o momento do parto não se tornasse algo traumático para Louise.

Ela não merecia isso.

Não merecia um marido medroso.

Assim que abri suas pernas, ouvindo as orientações do médico, visualizei a cabeça da nossa filha saindo. Meu coração ameaçou sair pela boca.

— Ela está a caminho, *baby* — avisei, com os olhos marejados, enquanto Louise gritava, fazendo força. — Nossa menina está vindo.

Minhas palavras pareceram o combustível que ela precisava, pois, reuniu a força necessária para trazer nossa bebê ao mundo.

Minutos depois, minha filha nasceu, saudável, berrando seu fôlego de vida aos quatro cantos.

Cuidadosamente, fiz tudo o que o médico ia dizendo, cheio de receio de cometer algum erro. Em seguida, enrolei a pequena chorona em uma das minhas camisetas mesmo e, a aninhei no peito da Louise, que estava ansiosa para recebê-la.

Conversei com o médico rapidamente, tirando todas as dúvidas enquanto a ambulância não chegava. Depois, encerrei a ligação e fui até a cama, onde Louise choramingava, admirando a filha. Seus olhos estavam tão emocionados quanto os meus.

Encantado, me ajoelhei ao lado da cama, segurando o rosto da mulher da minha vida e beijando sua testa.

— Ela é tão linda, Enzo — murmurou, com a voz embargada.
— Nossa filha é perfeita.

Sorri em meio as lágrimas, incapaz de me controlar.

Eu ainda estava preso na adrenalina de tudo o que acontecera há alguns minutos, mas não conseguia parar de sentir aquela sensação de amor intenso.

— Você foi muito bem — acrescentou ela, chamando minha atenção para si. — Não desmaiou. — Deu uma risadinha atrevida.

Me inclinei e beijei o rostinho rechonchudo da bebê, que resmungava baixinho.

— Eu jamais ia me perdoar se algo acontecesse com vocês duas. — Deslizei um braço por seu pescoço, usando a mão para acariciar seus cabelos suados, enquanto a outra amparava nossa filha. — Vocês são o meu tudo, Louise, são meu bem mais precioso.

— Lívia — ronronou ela, admirando o rosto da pequena. — Ela vai se chamar Lívia.

Funguei, enxugando meu rosto molhado.

— Lívia. — Sorri, emocionado. — Nossa amada primogênita. Fruto do nosso amor.

Voltei a olhar para Louise, me deparando com sua expressão de serenidade e paz. Inclinei-me e uni nossos lábios num beijo casto.

— Obrigado — murmurei, totalmente perdido em emoções. — Obrigado.

Eu não tinha palavras para expressar minha felicidade naquele momento. Como explicar a sensação de plenitude?

A sensação de respirar, mas ainda não parecer suficiente?

Ali, admirando as duas pessoas sob meus braços, entendi que eu jamais conseguiria explicar o inexplicável. Amor e felicidade não podiam ser explicados, mas sentidos.

E isso, eu sentia de sobra.



Epílogo

Enzo

Seis meses depois

— Querido, onde está a Lívia? — ouvi a pergunta da Louise, e logo a vi surgir atrás de mim, no banheiro. — Pensei tê-la deixado com você quando eu avisei que iria me arrumar.

— Eu a deixei brincando com seus ursinhos na sala, *baby* — respondi, passando a gravata no pescoço. Me virei para ela, piscando ao ser atingido por tamanha beleza. — Uau! Como você consegue ficar ainda mais magnífica? — Mordi os lábios, excitado com o decote ousado de seu vestido. Ela riu, batendo em meu ombro de leve.

Louise se aproximou um pouco mais, e tomou a frente da função de dar o nó na gravata. Seu olhar era uma mistura de zombaria e uma leve irritação.

— O que esse olhar irritado significa? — perguntei, me inclinando e lhe roubando um selinho rápido, ansioso para trazer

leveza ao seu olhar.

— Você deixou a Lívia sozinha e ela se sujou toda com açúcar — contou, sacudindo a cabeça. — E já está todo mundo lá embaixo.

— Mas eu tenho certeza de que a deixei na sala, querida — resmunguei em minha defesa. — Foi apenas um momento de distração.

Louise terminou a tarefa e, em seguida, ajeitou a lapela do meu paletó.

— Eu acredito — disse, forçando meu corpo no seu e aproximando nossos rostos. — Mas nossa filha puxou você, e é um pacotinho ambulante de pura teimosia. — Beliscou meu nariz, rindo.

— Ei?! — reclamei, enlaçando sua cintura antes de ela conseguir escapar. — Não foge não... — escondi o rosto em seu pescoço, inspirando seu perfume doce, enquanto me aconchegava em suas costas.

Adorei ouvir seus gemidos conforme minhas mãos deslizavam por seu corpo rendido.

— Enzo... — arquejou, sem fôlego, no instante que apertei seus seios, mordendo seu ombro — estão nos esperando.

— Eu sei que estão... — soprei, a girando de modo a pressioná-la contra a bancada da pia — Mas não vão reparar no atraso. — Deslizei as mãos por suas coxas, apertando suas nádegas com força calculada enquanto mordida sua nuca e costas no processo.

Louise só sabia gemer e resmungar palavras incoerentes.

— Não podemos nos atrasar em nossa própria cerimônia de renovação de votos — comentou, entre risos. Entretanto, ela mesma já estava baixando a calcinha, deixando-a cair aos seus pés.

Rindo, abri minha braguilha e, em seguida, me posicionei por trás, adorando quando Louise empinou o traseiro para mim, exigindo.

A maneira como ela me olhou, ao virar o pescoço para trás, foi tão ‘sexy’ que tive que me segurar ao máximo para não gozar antes dela.

As investidas eram duras e ininterruptas, causando um frenesi a nós dois. Eu não me cansava de transar com Louise; não me cansava de fazer amor com ela.

Éramos a união perfeita entre dois corpos, entre duas almas que se amavam, feitas uma para outra.

Era como se nós dois estivéssemos destinados a estarem juntos. Para sempre.

Quando Louise e eu descemos, nós nos deparamos com nossa casa cheia com todos os convidados. Amigos e familiares.

Ao longe, podia ver minha filha fazendo “farra” no colo do meu avô, tendo Olívia, nossa mãe e sogros como plateia; todos babando pela minha pequena bagunceira. Livia era uma verdadeira atração por onde passávamos.

E eu não podia estar mais orgulhoso disso, da família que construí.

Logo, Louise se afastou para terminar os últimos ajustes da cerimônia, enquanto eu me preocupei em saudar cada um dos presentes ali. Fiquei surpreso quando vi meu tio Charles, considerando que nossa relação não era tão agradável, mas entendi que ultimamente ele vinha tentando se aproximar, e eu apreciava isso. Por outro lado, Karen e eu nunca mais voltamos a nos falar desde minha descoberta a respeito de suas maldades; e, apesar de tudo, eu estava bem com isso. Ninguém devia ser obrigado a manter uma relação, seja ela no âmbito profissional, sentimental,

amigável ou fraternal. E, infelizmente, Karen ultrapassara limites demais.

— Meu Deus, filha! — exclamei, assim que me aproximei deles. A sem-vergonha estava fazendo a festa ali. — Eu não quis acreditar quando sua mãe me falou que você se esbaldou no açúcar. — Dei risada, enquanto a pegava nos braços, observando a meleca em seu rosto e cabelos. — Olha só para você... — gesticulei, rindo.

— Eu me ofereci para trocá-la, mas a Louise disse que não precisava, pois, já estava em cima da hora — argumentou minha sogra, admirando a neta com olhos amorosos.

— Ah, mas é só uma sujeirinha — disse Olívia, chegando mais perto. — E essa coisinha fofa aqui fica ainda mais linda com a cara toda lambuzada, né? — afinou a voz enquanto apertava as bochechas da sobrinha, que só sabia achar graça.

A felicidade não cabia em meu peito.

Ficamos conversando mais um pouco até que uma música começou a ser tocada em tom ameno. Tínhamos contratado uma banda para tocar ao vivo.

Olhei para um ponto específico da sala, onde foi improvisado um mini palco. Louise estava lá, com o microfone na mão.

O vestido escolhido por ela a deixou ainda mais encantadora, e apenas as lembranças de nossos momentos quentes de minutos atrás já serviu para me deixar ciente da sorte que eu tinha por tê-la na minha vida.

Eu podia sentir sua timidez de longe; apesar de ela ser uma verdadeira leoa nos tribunais, isso não se aplicava a outras áreas. Nervosa, jogou os cabelos trançados para trás, lambendo os lábios repetidas vezes.

— Bem, primeiramente, eu gostaria de agradecer a presença de todos vocês esta noite — disse ela, sorrindo. — Este é um momento de muita alegria para Enzo e eu, pois, meses atrás, as coisas não eram exatamente como deveriam ser. — Desviei os olhos para Lívia, em meus braços, balbuciando sem parar. — A renovação dos votos é uma forma de dizermos que nada mudou, que continuamos a querer manter o compromisso de enfrentarmos juntos todas as adversidades que se atravessarem pelo caminho, com a mesma determinação de antes, relembando as promessas que fizemos e refletindo sobre o percurso já realizado. — Sorriu para mim.

Não me controlei e trilhei o espaço até ela, com Livia vibrando em meus braços por estarmos indo para a mamãe.

— Vocês sabem que pelo Enzo, nós teríamos realizado outra cerimônia de casamento, dessa vez fazendo tudo certinho, tudo como tem que ser. — Deu uma risadinha. — Mas não vejo necessidade. — Amparou meu rosto, e não resisti e a beijei nos lábios. Livia quis fazer a mesma coisa, mas comigo. Então segurou meu rosto e começou a sugar minha pele, babando minha bochecha toda. Arrancou várias risadas. — O papai é gostoso mesmo, filha — comentou Louise, fazendo-me rir. Não só eu, aliás. — Enfim... — voltou a ficar séria e me encarou com intensidade; seus olhos estavam marejados. — O que eu sinto por você, Enzo, é um amor que transborda, é inexplicável. É tão forte e tão intenso que meu desejo é fazê-lo feliz pelo resto da minha vida. Quero amar você nesta e em todas as outras vidas que houver. — Gesticulou, emocionada. — Saiba que o amo, daqui até a eternidade, e espero comemorar nossa união por muitos e muitos anos!

Depois disso, ela se inclinou e me beijou ao som dos aplausos.

— Essa mulher quer me fazer passar vergonha aqui, só pode... — comentei assim que peguei o microfone, enxugando o

resquício de lágrimas — Olívia já costuma se referir a mim como paspalho, daqui a pouco vai começar a me chamar de chorão também. — A risada foi unânime.

— Não me dê ideias, irmão, não me dê ideias — a ouvi gritar.

Semicerrei os olhos.

— Engraçadinha — murmurei, divertido. Respirei fundo quando olhei para Louise ao meu lado. — Olhar para você... — gesticulei em sua direção — para nossa filha — beijei a bochecha rechonchuda — é a prova de que felicidade igual não há de ter. — Sorrimos um para o outro, naquela conexão só nossa. — Nós somos pessoas muito abençoadas, Louise. Abençoados, porque a vida nos uniu. Lá atrás, quando teu sorriso lindo me conquistou, Deus me concedeu a benção de ter você. Hoje estamos aqui, cruzando o nosso caminho e peço que Ele — apontei para cima — nos conceda um amor eterno, porque não vejo maneira melhor de passar minha vida do que com você ao meu lado, *baby*.

Ao som de aplausos e alvoroços de geral, Louise e eu voltamos a nos beijar.

Logo, ela pegou a filha dos meus braços e começou a erguê-la de modo a girá-la no ar. A banda começou a tocar, inundando o

ambiente com música e muita diversão.

Circulei a cintura de Louise com um de meus braços, enquanto o outro amparava Lívia.

Entendi que não precisava de mais nada. Meu amor por essa mulher parecia ter nascido para durar uma vida inteira. Amor forte, arrebatador, que me tira do chão, que me apresentou um mundo de possibilidades. Não tinha como fugir: eu nasci para amá-la.

FIM

ACOMPANHE OS OUTROS LIVROS DA SÉRIE:



SINOPSE

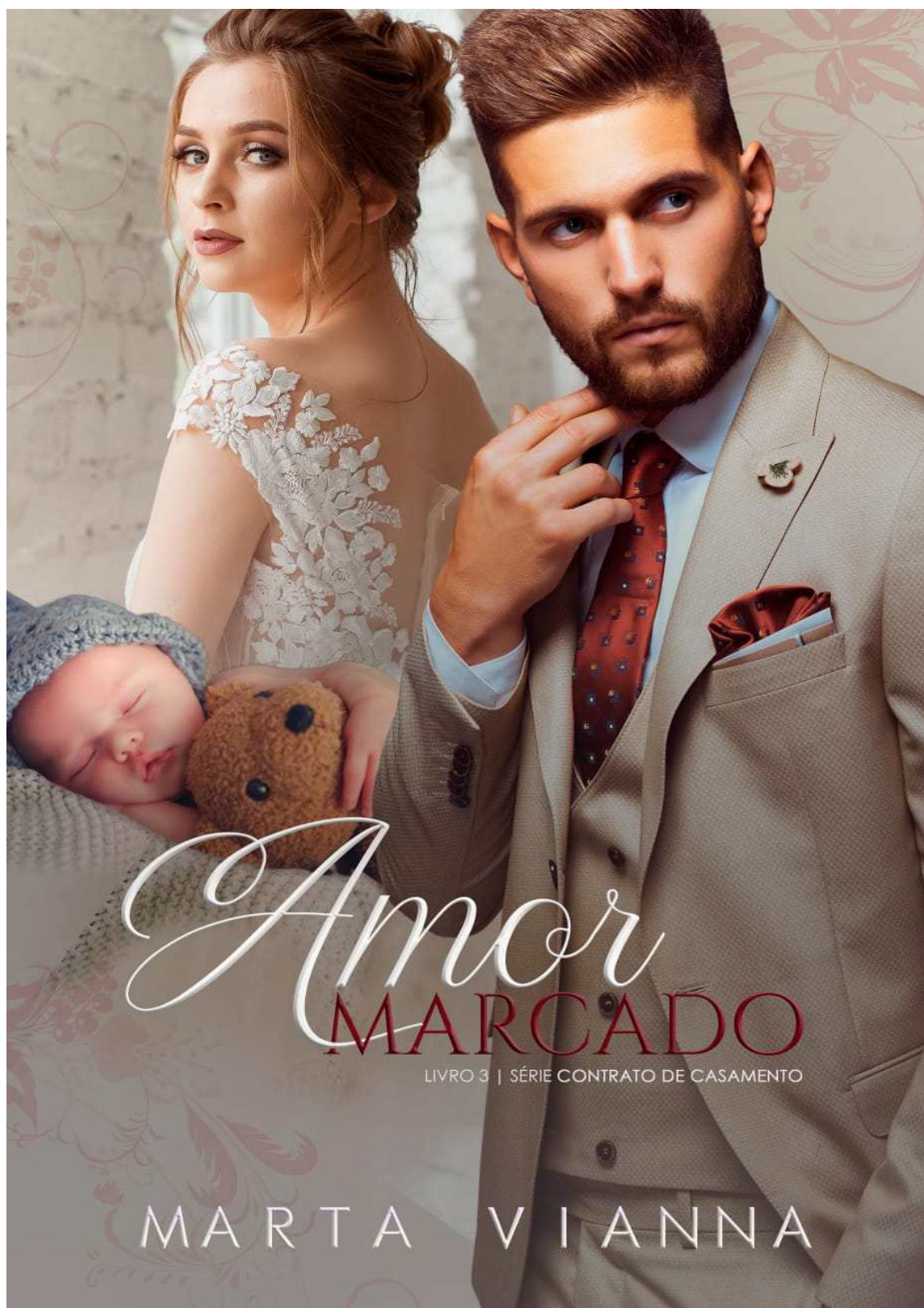
Aos seus 35 anos, OTÁVIO ANTUNES não poderia estar mais feliz, tanto no âmbito profissional quanto em sua vida pessoal. No entanto, algo acontece e vira completamente o seu mundo de cabeça para baixo, deixando-o cego, a fim de forjar um plano de vingança.

NINA AMARAL leva uma vida simples, porém, regada de muito amor. Ela só não esperava receber uma notícia tão trágica ao ponto de fazê-la perder o chão completamente.

Uma vingança.

Um contrato de casamento.

O que era para ser simples e objetivo, acaba se transformando em algo além do que o previsto.



SINOPSE

FREDERICO BARRETO era apaixonado por Lara desde sua

juventude, mas ela nunca correspondeu a esse amor. E tudo se tornou ainda mais doloroso quando a viu ficar noiva de outro homem; presenciar o amor da sua vida seguindo um rumo diferente daquele que idealizou.

LARA sempre foi uma jovem que imaginou uma vida regada de muito amor e carinho por parte do homem que amava, mas o que era para ser flores, tornou-se um verdadeiro martírio após passar a dividir o mesmo teto com a pessoa que acreditava amar, porque nada do que sonhou um dia, estava acontecendo. Numa certa noite, ela presenciar uma cena que lhe arranca completamente o chão e despedaça o seu coração, deixando-a desacreditada no amor.

Um acidente acontece.

Uma proposta de contrato de casamento.

Dois corações bastante machucados serão testados, mas a pergunta que fica é: eles serão fortes o bastante para resistirem um ao outro?